



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

DES-SUB-URBANIZAR

O PAPEL DO ARQUITECTO COMO MEDIADOR ENTRE A CIDADE FORMAL E A CIDADE INFORMAL

Ana Filipa Verol de Araújo

(Licenciada)

Dissertação/Projecto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Orientador Científico: Arquitecto Fernando Alberto Nunes da Silva Bagulho (ESBAL 1970)

Co Orientador Científico: Professora Associada Arquitecta Isabel Simões Raposo

Júri:

Presidente: Doutora Arquitecta Madalena Cunha Matos

Vogais: Doutor Arquitecto Carlos Macedo

Doutora Arquitecta Isabel Simões Raposo

Doutor Arquitecto Fernando Alberto Nunes da Silva Bagulho

Lisboa, FAUTL, Dezembro, 2010



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

Título da Dissertação: Des-sub-urbanizar, O papel do arquitecto como mediador entre a cidade formal e a cidade informal

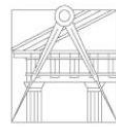
RESUMO

Nesta breve reflexão proponho-me entender e dissertar sobre conceitos que me apoiarão no desenvolvimento do projecto final de mestrado, que se debruçará sobre o tema da habitação evolutiva no bairro da Cova da Moura.

Este é um bairro informal que se desenvolve na periferia da cidade de Lisboa e apresenta características singulares evidenciadas na sua dimensão espaço-temporal, caracterizada por espaços complexos e diversos, com identidade cultural própria, dos quais a comunidade local se apropria vivendo-os harmoniosamente. A elevada densidade populacional, a prática da auto-construção e a espontaneidade da distribuição das actividades são, assim, pontos cruciais que criam uma imagem pouco usual do bairro e que define um gosto associado a uma estética singular, produto da arquitectura popular que se adapta às condições do local, promovendo a reciclagem urbana.

Proponho, para concluir, que olhemos a cidade informal como exemplo potenciador de sociabilidades e que, ao invés de destruímos o seu tecido urbano original submetendo-o a transformações urbanísticas que não favorecem a apropriação pela comunidade, estimulemos a contaminação da cidade formal por essas relações sócio espaciais que se desenvolvem na cidade informal. Penso que esta é uma solução ao alcance de todos que permite suturar a ruptura entre as partes e encher de vida a cidade.

Palavras-chave: Cidade Informal, Habitação Evolutiva, Densidade, Auto-construção, Estética Singular, Arquitectura Popular.



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

Title of Dissertation: Des-sub-urbanize, The role of the architect as mediator between the formal and informal city

ABSTRACT

In this brief discussion I propose to understand and develop concepts that will support the final draft of the Master, that will look into the issue of housing in the evolutionary neighborhood of Cova da Moura.

This is an informal neighborhood that develops in the outskirts of Lisbon and has unique features in its spatial-temporal dimension, characterized by complex and diverse spaces, with its own cultural identity, of which the local community appropriates them harmoniously. The high population density, the practice of self-construction and spontaneity of the distribution of activities are crucial points that create an unusual image of the neighborhood and that defines a like associated with a unique aesthetic, a product of popular architecture that fits site conditions, promoting urban recycling.

In conclusion, we look the informal city as an example of sociability and that instead of destroying the original urban tissue by subjecting it to urban transformations that do not favor ownership by the community, nurture the contamination of the city by these relationships developed in the informal city. This is an affordable solution that allows all suturing the rupture between the parties and fill the city with life.

Key-words: Informal City, Evolutionary/Flexible Housing, Density, Self-construction, Singular Aesthetics, Vernacular Architecture.

	ÍNDICE
I. INTRODUÇÃO	7
II. DENSIDADE COMO VALOR DA COMUNIDADE	12
i. Breve Introdução	12
ii. A questão da densidade	14
iii. Respostas Projectuais	15
iv. Lisboa e o caso do bairro da Cova da Moura	25
v. Conclusão: bairro compacto	26
a) Comparação de densidades	26
III. CONSTRUINDO SONHOS, O PROCESSO DE AUTOCONSTRUÇÃO	30
i. Breve Introdução	30
ii. Maio de 1968	30
iii. Arquitectura vs. Autoconstrução: um problema social	32
iv. Conclusão: Projectar com a comunidade	41
IV. O GOSTO DE UMA ESTÉTICA SINGULAR: NO BAIRRO DA COVA DA MOURA	43
i. Breve Introdução	43
ii. A estética, edificadora do património cultural	43
iii. A estética como imagem de um grupo social	51
iv. Conclusão: a transformação sócio espacial e o habitar	55
V. O PROJECTO	56
i. Bairro vs. Cidade	56
ii. Bairro vs. Comunidade	59
iii. Construção vs. Custos	61
ANEXO DE IMAGENS DO BAIRRO DA COVA DA MOURA	65
BIBLIOGRAFIA	68

ÍNDICE DE FIGURAS, QUADROS

Figuras

1. Quociente de localização, imigrantes de nacionalidade africanas (1991).
2. Cidade de Mumbai, Índia.
3. Crescimento das cidades indianas. As cidades de tamanho médio crescem mais depressa que as grandes metrópoles.
4. “Espaço aberto para o céu”, hierarquia de espaços: A - Pátio, B - escadas em frente da porta, C - fonte, D - espaço comunitário.
5. Grande metrópole de São Paulo.
6. Maquete da área metropolitana de Chicago, EUA.
7. Arranha-céus, Nova Iorque, EUA.
8. Contraste entre a favela de Paraisópolis e o centro económico/financeiro de São Paulo, Brasil.
9. O crescimento da cidade de Lisboa.
10. Morfologia do bairro da Cova da Moura e bairros envolventes do concelho da Amadora.
11. Marcha protestante do Maio de 1968.
12. Prática de auto-construção.
13. Arquitectura primitiva no Lago Titicaca, Perú.
14. Construção primitiva no Lago Titicaca, Perú.
15. Planta e alçado do centro de higiene do projecto para New Gourná.
16. Construção de escadas pela comunidade do bairro da Cova da Moura.
17. Construções da Anatólia, actual Turquia.
18. Tenda árabe transportável.
19. Exemplo de construção fragmentária no bairro da Cova da Moura.

- 20. Casa do (e)migrante.
- 21. Casa do (i)migrante.
- 22. Crianças brincando na rua de uma favela.
- 23. Esquema de densidade.
- 24. Projecto casa-pátio em Jodhpur (1986).
- 25. Módulo habitacional inicial.
- 26. Módulo habitacional expandido.
- 27. Vários modos de articulação entre os módulos habitacionais.
- 28. Quinta do Portal em Saborosa.

Quadros

- I. Importância da população natural das ex-colónias na AML1960 e 1981 (%).
- II. População estrangeira a residir ou permanecer de forma legal em Portugal, por principais nacionalidades, segundo o enquadramento legal, 2008.
- III. Comparação da situação do bairro da Cova da Moura e da envolvente mais próxima do concelho da Amadora tendo em conta: a densidade, a altura da construção, índice de ocupação do solo e as vivências sociais.

I. INTRODUÇÃO

A problemática da habitação marca na década de 1960 o pensamento arquitectónico e urbanístico, devido à situação caótica em que se encontram as grandes cidades com o crescimento urbano e demográfico e as grandes expansões habitacionais marcadas pelos postulados modernistas e de resposta em quantidade. As alterações no habitar, propostas pela massificação, têm consequências ao nível do espaço social. Arquitectos e cientistas sociais trabalham juntos para pôr fim à construção da cidade como uma “*arte burguesa*”, assim caracterizada por Manfredo Tafuri, na década de 1970. É destes ideais que nasce a Revolução de Maio de 1968, em Paris, na qual jovens estudantes se revoltam contra as descontinuidades e antagonismos sócio espaciais existentes.

O objecto de estudo deste trabalho é a habitação evolutiva concebida para o bairro da Cova da Moura. O bairro situa-se na periferia da cidade de Lisboa, no concelho da Amadora. Surge na sequência da expansão urbana, na década de 1960, no eixo Algés-Buraca. A privilegiada localização relativamente ao centro de Lisboa, junto às infra-estruturas de circulação e mobilidade, constituiu uma mais-valia para a fixação dos primeiros moradores na área.

As terras agrícolas abandonadas da Quinta do Outeiro, propriedade, entre outros, da família Moura, são desde finais da década de 1950 ocupadas pelos moradores que aí se fixam oriundos do interior do país, no seguimento do êxodo rural. As habitações de características mais ou menos precárias são associadas à agricultura como meio de subsistência, como se vê ainda hoje nas pequenas hortas nas traseiras de algumas casas.

¹ BANDEIRINHA, José António (2007), *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*, Coimbra: Imprensa da Universidade, p.21

Após o 25 de Abril de 1974, com a vinda dos retornados e imigrantes das ex-colónias portuguesas (quadro I) em particular de Cabo Verde, a dinâmica do bairro altera-se, com o aumento de novos residentes (mapa da fig.1). A imigração africana mantém-se e são sempre mais os que chegam em busca de uma vida melhor, segundo valores apresentados no quadro II, a imigração Cabo-Verdiana subiu para um total de 11,7% no ano de 2008.

QUADRO I
Importância da população natural das ex-colónias na AML
1960 e 1981 (%)

	1960	1981
Concelho de Lisboa	1.1	4.8
AML Norte	0.5	7.0
AML Sul	0.2	5.6
Total AML	0.8	5.9

Fonte: INE, Recenseamento Geral da População (1960 e 1981), in CARDOSO, Ana (1993), *A outra face da cidade: pobreza em bairros degradados de Lisboa*, Lisboa: Câmara Municipal, p.33

QUADRO II
População estrangeira a residir ou permanecer de forma legal em Portugal, por principais nacionalidades, segundo o enquadramento legal, 2008

Nacionalidade	Enquadramento legal			
	Total	Títulos de Residência	Vistos Longa Duração prorrogados	Vistos Longa Duração concedidos
Total	443 102	436 020	4 257	2 825
Brasil	107 253	106 704	257	292
Ucrânia	52 553	52 472	22	59
Cabo Verde	51 839	50 887	466	486
Angola	27 828	27 307	312	209
Roménia	27 410	26 425	985	//
Guiné-Bissau	25 062	23 842	548	672
Moldávia	21 353	21 067	80	206
Reino Unido	15 371	15 371	0	//
China	13 384	13 313	18	53
São Tomé e Príncipe	11 981	11 402	324	255

Fonte: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras e Ministério dos Negócios Estrangeiros - Direcção Geral dos Assuntos Consulares e das Comunidades Portuguesas in INE (2008), “Estatísticas Demográficas”, in www.ine.pt (consultado em 27/09/2010)

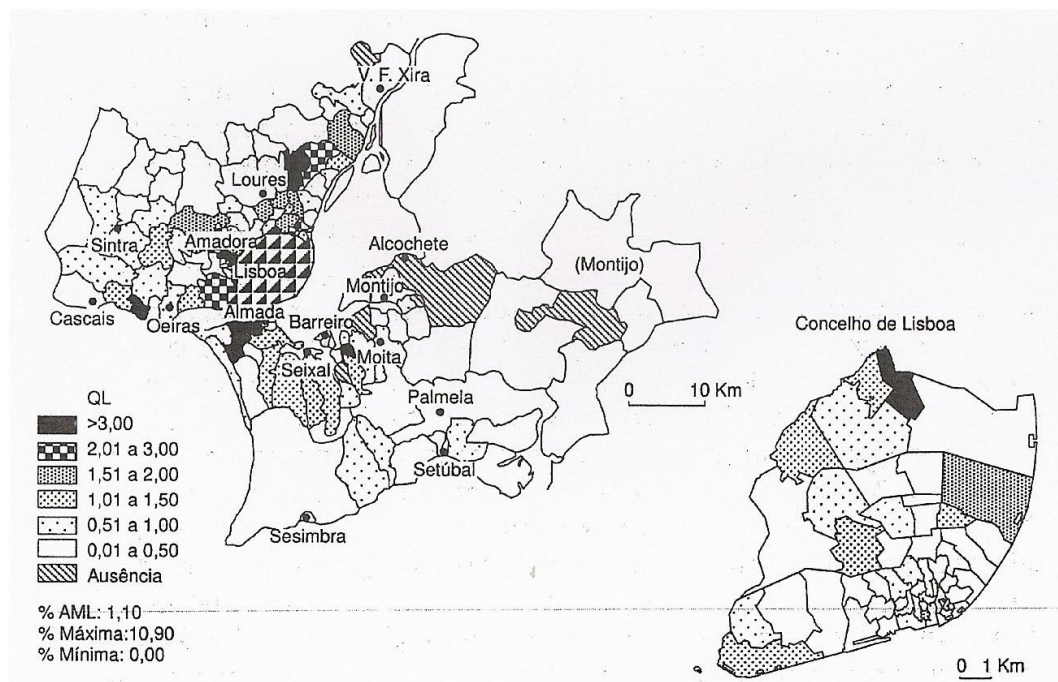


Fig.1: Quociente de localização, imigrantes de nacionalidades africanas (1991).

Fonte: SALGUEIRO, Teresa Barata (2001), *Lisboa: Periferia e Centralidades*, Lisboa: Celta, p.192

O bairro apresenta-se hoje bem consolidado e com uma identidade cultural própria que se repercute no espaço construído que se distingue da paisagem urbana envolvente, causando uma imagem de ruptura que contribuiu para se ter tornado um estigma social: o lugar do outro, do estrangeiro. Mas o bairro é, também, lugar da construção interna de um código de sociabilidades que assenta em forte entreaajuda entre os indivíduos da comunidade ou “DJUNTAMO” (juntar as mãos), conceito que traduz a prática de entreaajuda por exemplo na auto-construção. As construções auto-construídas visavam responder a uma necessidade básica, a necessidade de abrigo. A casa começa por ser um *barraco* provisório, pequeno, que cresce gradualmente de acordo com a evolução da família e das suas condições económicas. É uma construção fragmentária, como a

apresenta Paola Jacques², e flexível. Constitui o que se chama de Arquitectura Popular que se adapta às condições e características do local.

Nesta reflexão procuro entender como certos valores de uso presentes na cidade informal podem ser retomados para potenciar a cidade formal, que se apresenta tão vazia de conteúdo.

A abordagem metodológica assenta numa relação estreita entre teoria e prática, segundo o conceito da reflexividade definido por F. Ascher³.

Partindo da pesquisa sobre a problemática da habitação, descortinando a dicotomia cidade formal vs. cidade informal e, constatando que a cidade sucumbe, destacam-se, alguns valores que, estão ainda hoje presentes na cidade informal, e que poderão voltar a ser incorporados na cidade formal, como princípios para um desenvolvimento urbano de maior qualidade. Deste modo evidencio três temas: a densidade, a autoconstrução local e o gosto por uma estética singular característica do lugar.

A densidade, no contexto do bairro da Cova da Moura, potencia as vivências e a apropriação do espaço. Entendo, assim, a densidade como valor da comunidade. Do mesmo modo e, como foi referido anteriormente, a autoconstrução é um mecanismo de resposta às necessidades de habitação segundo as condições locais. As soluções encontradas são, por vezes, pouco usuais, mas criativas, contribuindo para a construção de uma imagem diferente que se destaca na paisagem urbana, conferindo um carácter específico ao lugar, que permite a quem o habita entendê-lo como produto social, apropriando-o. Isto é a cidade como organismo vivo e é assim que a queremos.

² JACQUES, Paola (2007), “Fragmento”, *A Estética da Ginga*, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, pp.21-57

³ ASCHER, François (2010), “A terceira modernidade”, *Novos princípios do urbanismo*, Lisboa: Livros Horizonte, pp.32-49

O presente relatório estrutura-se de acordo com uma componente teórica, onde os temas serão desenvolvidos segundo três capítulos sequenciais partindo do geral – *densidade como valor da comunidade* – para o particular – *construindo sonhos, o processo da autoconstrução* – e encarando, posteriormente, o resultado do diálogo entre essas duas dimensões numa terceira – *o gosto de uma estética singular no bairro da Cova da Moura*. Em cada um destes três capítulos de carácter teórico procedo a uma apresentação breve do estado da arte.

O capítulo final (prático) é dedicado ao projecto e suas singularidades, fazendo referência às práticas resultantes dos temas estudados no contexto da habitação evolutiva no bairro da Cova da Moura.

II. DENSIDADE COMO VALOR DA COMUNIDADE

i. Breve Introdução

“Cada vez se identifica más al suelo como un bien escaso que debe ser protegido y consumido en su justa medida.”⁴ Este é um dos principais conceitos em que se baseia o debate actual da cidade contemporânea, marcado pela dicotomia cidade compacta vs. cidade dispersa que afecta a planificação urbana em todas as suas vertentes.

É um debate que se prolonga desde o século XIX, na sequência do aumento do êxodo rural e do afluxo das pessoas do campo à cidade na esperança de aí encontrarem melhores condições de vida. A densidade na urbe aumenta e acentuam-se descontinuidades bem como segregações urbanas e sociais. É a dicotomia centros vs. periferias, em que as populações sem recursos tendem a ser expulsas das zonas centrais, onde os valores do solo são inflacionados no contexto do capitalismo, para terrenos arrabaldes e periféricos. Aqui constroem as suas casas consoante os seus recursos e económicos e segundo as necessidades da família, em geral à margem do Estado e das regras oficiais. São os bairros auto construídos, clandestinos, ilegais, marginalizados, excluídos, espontâneos, informais, etc. que marcam as cidades contemporânea sobretudo nos países em desenvolvimento ou de economia emergente. Hoje, pela primeira vez na história da humanidade, “a população urbana supera a população rural no mundo”⁵.

Qual é, então, a definição do conceito de densidade?

⁴ “Cada vez mais o solo se identifica com um bem escasso que deve ser protegido e consumido em justa medida” (tradução do autor), MOZAS, Javier (2006), *Nueva Vivienda Colectiva*, Álava: A+t ediciones, p.40

⁵ DAVIS, Mike (2006), *Planeta Favela*, São Paulo: Boitempo Editorial, p.13

Densidade define o número de pessoas que ocupam uma área de terreno e pode expressar-se mediante a relação entre o número de fogos, ou de habitantes por hectare, consoante se trata de densidade de ocupação ou populacional.

Para resolver os problemas ligados à densificação das áreas periféricas empobrecidas surgem soluções de vários autores. No século XIX, Ebenezer Howard⁶ propõem um novo modelo urbanístico da cidade no campo. Siedlungen⁷ aponta a edificação de baixa densidade no exterior do perímetro urbano, como resposta ao problema. Por sua vez, Hofe⁸ defende o super bloco auto-suficiente que encerra em si todas as actividades necessárias à vida do indivíduo. No século XX, em 1930, em Bruxelas, no III CIAM, discutia-se entre os conceitos de cidade jardim ou a cidade baseada no edifício em altura. Walter Gropius criticava esta dicotomia considerando que:

“El edificio bajo, mejor con un solo piso, deberá situarse en las zonas periféricas de la ciudad con baja densidad. El edificio con altura racional de 10 o 12 pisos y con instalaciones centralizadas colectivas, demostrada su utilidad, deberá situarse sobre todo en las zonas de densidad alta. El edificio de altura media no presenta ni las ventajas de la construcción baja ni las de la alta, a la cual es inferior desde un punto de vista social, psicológico y en parte, también económico.”⁹

Constatamos, nos países desenvolvidos, a densificação descontrolada do centro, que se reproduz em edifícios em altura de usos mistos, e a expansão dispersa, dos terrenos arrabaldes periféricos, baseada em edifícios de habitação de baixa altura e mesmo em casas de um só piso. As infra-estruturas e os equipamentos são menos densos que no centro urbano: são as cidades satélite ou cidades dormitório. Nos países subdesenvolvidos a população urbana, ao contrário da população dos países

⁶ Pré-urbanista da Inglaterra, teórico da cidade-jardim, 1850-1928.

⁷ MOZAS, Javier (2006), *Nueva Vivienda Colectiva*, Álava: A+t edicções, p.40

⁸ *Ibidem*

⁹ “O edifício baixo, com um só piso, deverá situar-se nas zonas periféricas da cidade com baixa densidade. O edifício com altura racional de 10 ou 12 pisos e com instalações centralizadas colectivas, demonstrada a sua utilidade, deverá situar-se sobretudo nas zonas de densidade alta. O edifício de altura média não apresenta nem as vantagens da construção baixa nem as da alta, a qual é inferior do ponto de vista social, psicológico e em parte, também económico.” (tradução do autor), MOZAS, Javier, *op. cit.*, p.40

desenvolvidos, não cessa de crescer a um ritmo exponencial, acelerando o ritmo de transformação da cidade, que se expande sem planeamento urbanístico.

ii. A questão da densidade

Quais as consequências da densidade na vida na cidade.

Segundo Javier Mozas¹⁰, a densidade elevada otimiza a ocupação do solo, diminui as deslocações e torna o transporte público eficiente, graças a zonas de actividade urbana que favorecem os intercâmbios comerciais e culturais. A construção em altura de edifícios com usos mistos é a solução adoptada pelas sociedades capitalistas que defendem a propriedade privada do solo, vendo nestas construções meros produtos de mercado. Por sua vez, segundo o mesmo autor¹¹, a baixa densidade impede o consumo justo do solo, dificulta vivências intensas e o desenvolvimento sociocultural.

Não existe todavia uma densidade ideal aplicável em qualquer contexto urbano, pois se trata de um indicador dependente do contexto sociocultural e económico da sociedade em questão. Edward T. Hall¹² defende que a densidade não só varia de cultura para cultura, como de indivíduo para indivíduo, a partir da comparação de dois países, com culturas distintas, a Noruega e o Japão. Os noruegueses preferem uma densidade mais baixa onde mantêm a sua individualidade, enquanto os japoneses privilegiam uma densidade mais elevada. No seu estudo “*A linguagem silenciosa*” (1959), Edward T. Hall definiu dois tipos de pessoas: as pessoas monocrónicas e as pessoas policrónicas. Enquanto as primeiras não sentem tanta necessidade de se relacionar com outras, as segundas relacionam-se mais. Partindo destas bases é possível entender quais os espaços que uns e outros privilegiam e qual o modo de apropriação desses espaços.

¹⁰ MOZAS, Javier (2006), *Nueva Vivienda Colectiva*, Álava: A+t edicções, p.42

¹¹ *Ibidem*

¹² HALL, Edward T. (1986), “Cidades e Cultura”, *A Dimensão Oculta*, Lisboa: Relógio D'Água, pp.187-204

Por exemplo, na década de 1970, a cidade de Londres tinha 42 fogos por hectare, Singapura 250 e a região de Kowloon na China 1250¹³.

iii. Respostas projectuais

Charles Correa, arquitecto indiano, e Jorge Mário Jaurégui, arquitecto argentino a trabalhar no Rio de Janeiro, têm reflectido a questão da densidade, apresentando nos seus projectos de intervenção nas periferias urbanas respostas lógicas ao problema.

Charles Correa, arquitecto e urbanista, estuda construção de baixo custo ao nível da habitação e do plano urbano. O seu trabalho engloba vários temas desde espaços culturais, escritórios, planos urbanos a habitação, em diversas zonas, principalmente zonas de crescimento urbano explosivo, como Jaipur, Delhi, Bombaim, Banglore, Kuala Lumpur, Ahmedabad, entre outros.



Fig.2: Cidade de Mumbai, Índia.

Fonte: Internet.

¹³ MOZAS, Javier (2006), *Nueva Vivienda Colectiva*, Álava: A+t edicções, p.42

A densidade é um tema central dos seus trabalhos, visto debruçar-se sobre cidades com um crescimento urbano muito acelerado, nomeadamente nas cidades indianas (fig.3 e 4), as quais apontam grande densificação do centro urbano em contraste com a expansão dispersa da periferia.

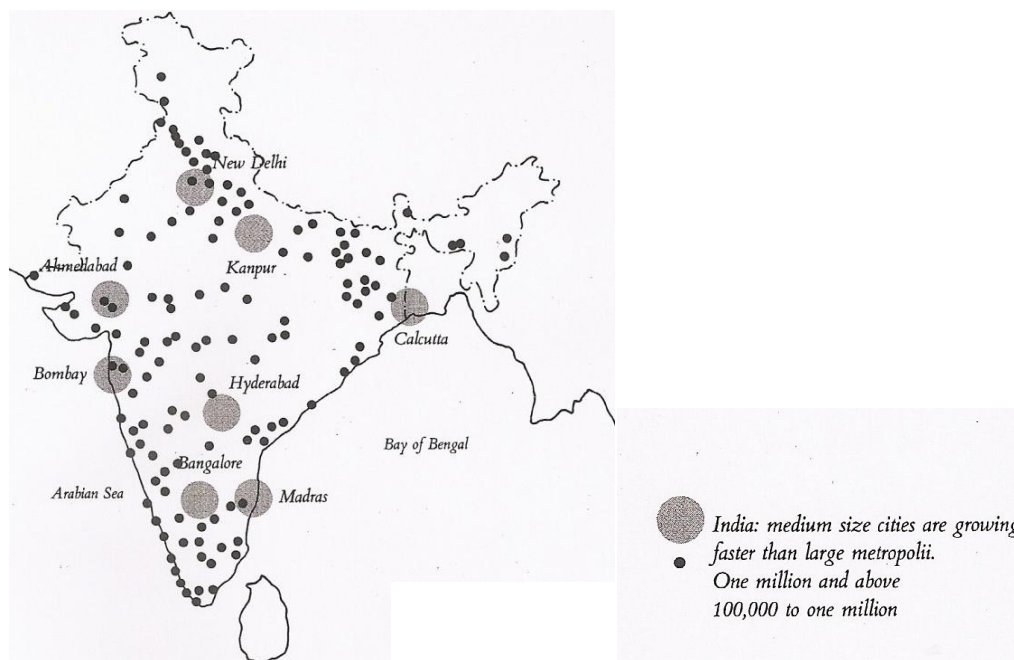


Fig.3: Crescimento das cidades indianas. As cidades de tamanho médio crescem mais depressa que as grandes metrópoles.

Fonte: CORREA, Charles (1989), *The new landscape : urbanisation in the third world*, Oxford: Butterworth Architecture, p.18

Deste modo, Charles Correa propõe vários aspectos que considera de extrema importância para a requalificação das áreas urbanas degradadas onde o constante crescimento urbano é um factor decisivo. Contrariamente à opinião de outros autores, o autor sugere como estratégia principal a baixa altura vs. alta densidade (BAAD), segundo os três seguintes princípios:

- Densidade de ocupação do território, através da construção de baixa altura e não da construção em altura;
- Estrutura funcional e formal da ocupação tendo em conta a escala humana, propicia ao desenvolvimento de sociabilidades;
- Rede de transportes públicos que facilite a ligação das zonas habitacionais ao trabalho.

De acordo com a leitura de Correa, nas cidades de hoje, edifícios centrais de escritórios e serviços de grande altura, contracenam com edifícios residenciais de 6 pisos nas bordas mais imediatas do centro urbano e são coroados, na periferia, por habitação dispersa de pequena altura. Estas descontinuidades segregam o espaço em dois pólos consolidados: o centro capitalista, ao qual apenas a classe média e alta tem acesso e a periferia informal, onde os pobres são empilhados em construções precárias, sem as condições mínimas de higiene e salubridade.

A questão que o autor coloca é como construir habitação de baixa altura, de forma a reduzir os custos de construção, graças (i) à diminuição de pisos, (ii) ao uso de recursos naturais locais, em vez das enormes quantidades de ferro e vidro que são importados para a construção dos edifícios altos, e (iii) à contribuição para a diminuição da taxa de desemprego ao empregar os próprios habitantes como construtores das suas próprias casas. Retomando Leslie Martin¹⁴, Correa explica que o aumento da densidade com a altura é muito pequeno e os custos aumentam muito, não se tornando economicamente viável.

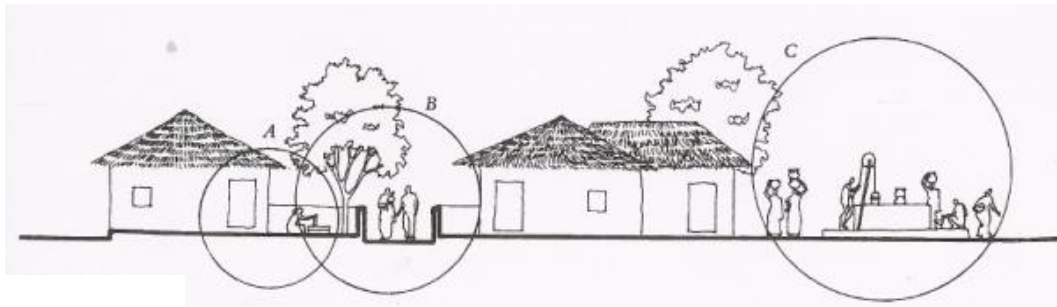
Nas habitações de baixa altura, propostas por Charles Correa, a qualidade de vida é, de acordo com autor, superior à existente nas construções em altura e a interactividade social é mais saudável. A ocupação do solo não acontece apenas ao nível da habitação como também de diversos usos e espaços imprescindíveis à vida quotidiana das pessoas.

¹⁴ Arquitecto inglês (1908-1999), especialmente influenciado por Alvar Aalto.

Deste modo, a cidade transforma-se num território mais homogéneo que alberga usos diversificados, como acontecia nas cidades da “*velha arquitectura*”¹⁵.

Outro ponto particularmente importante e interessante nos espaços habitacionais na Índia é a questão do “espaço aberto para o céu”¹⁶ (fig.4). Devido ao clima quente, cerca de 75% das funções essenciais da habitação têm lugar ao ar livre, desde cozinhar, lavar a roupa, conviver com amigos, dormir, etc. Nos bairros pobres estes espaços que são usados diariamente pelas famílias nas suas tarefas:

- Os pátios são usados para cozinhar, dormir, etc.;
- Os degraus da entrada são zonas onde as crianças brincam fora de casa, pois o clima e a racionalização dos espaços interiores assim o permitem, mas deste modo não vão para longe das mães;
- O fontanário público serve toda a área a ele adjacente;
- O espaço principal da comunidade é usado por todos para convívio.



¹⁵ CORREA, Charles, Junho de 2001, “Charles Correa na faculdade”, *Cadernos da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa*, Lisboa, p.97

¹⁶ CORREA, Charles, *op. cit.*, p.97

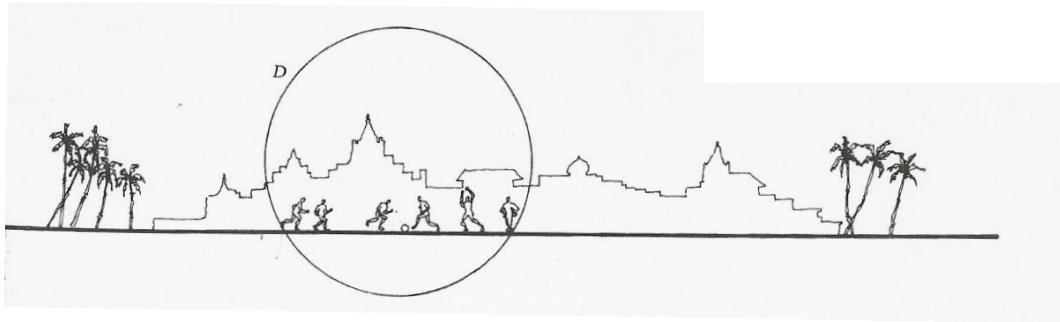


Fig.4: “Espaço aberto para o céu”, hierarquia de espaços: A - Pátio, B - escadas em frente da porta, C - fonte, D - espaço comunitário.

Fonte: CORREA, Charles (1989), *The new landscape : urbanisation in the third world*, Oxford: Butterworth Architecture, p.32-33

Charles Correa segue este modelo quando projecta não só para populações mais pobres, como também clientes mais abastados, como é o exemplo do edifício Kanchanjunga em Bombaim (1970-83) com apartamentos de luxo.

Jorge Mário Jaurégui aponta, também, soluções precisas nos projectos que desenvolve para favelas no Rio de Janeiro, como em outras cidades do Brasil e noutros países da América Latina, para a reestruturação da cidade.

O primeiro conceito que o autor nos apresenta para descrever a situação actual das grandes metrópoles mundiais é o conceito de *metapólis* desenvolvido por François Ascher no seu livro com o mesmo nome, “*Metapólis*” (1995). Entende-se por *metapólis* uma

“Realidade que trespassa e engloba, desde diversos pontos de vista, as metrópoles que conhecemos até agora, propiciando uma nova espécie de aglomeração urbana feita de espaços e relações múltiplas, heterogéneas e descontínuas; produzidas por entidades urbanas cada vez menos vinculadas hierarquicamente... progressivamente associadas a dinâmicas deslocalizadas e flutuantes referidas a relações variáveis residência – produção – serviço – ócio.”¹⁷

¹⁷ JAURÉGUI, Jorge Mário, “San Pablo”, in www.jauregui.arq.br (consultado em 26/03/2010)

Como exemplo exímio de uma *metapólis*, Jauregui apresenta-nos a grande metrópole de São Paulo (fig.5), cidade fragmentada, dividida entre zonas altamente densas e verticais que serve uma classe social rica e privilegiada em contrapartida com zonas bastante densas, mas de construção precária – as favelas – onde (sobre)vivem as pessoas marginalizadas pelo sistema.



Fig.5: Grande metrópole de São Paulo.

Fonte: Internet.

De acordo com a leitura de vários autores, a cidade de hoje, encontra-se dividida em termos sócio espaciais entre duas partes: a formal e a informal. A primeira desenvolve-se segundo as regras de planeamento urbanístico, onde as construções em altura se multiplicam e competem pelos terrenos excessivamente caros e onde as relações entre os indivíduos tendem a relaxar imperando o individualismo (fig.6 e 7). A segunda expande-se pela periferia em construções de baixa altura, precárias e não planeadas, que se amontoam, mas onde, apesar do “caos urbanístico”, as redes de sociabilidade são fortes. Estas diferenças dentro da mesma cidade produzem descontinuidades (fig.8), segundo as quais ricos e pobres, privilegiados e excluídos crescem em mundos diferentes, mas paralelos e que se interpenetram.



Fig.6: Maquete da área metropolitana de Chicago, EUA.

Fonte: ARAÚJO, A. Filipa (Março de 2006)



Fig.7: Arranha-céus, Nova Iorque, EUA.

Fonte: ARAÚJO, A. Filipa (Abril de 2006)



Fig.8: Contraste entre a favela de Paraisópolis e o centro económico/financeiro de São Paulo, Brasil.

Fonte: Internet.

O autor¹⁸ apresenta três perspectivas propostas no contexto do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) do governo de Lula, para alteração da atitude actual passam pela recomposição da densidade dos centros urbanos, aumentando a sua compacidade e renovando o tecido envelhecido; criando novas formas de ocupar o território com organismos mistos e auto suficientes bem integrados e com uma pequena parcela de natureza controlada; limitando a ocupação do solo agrícola e das suburbanizações na periferia das cidades, de maneira que se respeite e preserve o meio natural em determinados enclaves.

Assim, partindo destas perspectivas, Jaurégui produz uma metodologia para a “salvação” da cidade que se baseia em perceber o lugar, as relações que nele se desenvolvem e o porquê de assim o ser, e o modo como elas poderão ser potencializadas. Para Jaurégui um plano urbano deve ser delineado de forma a:

- Densificar a cidade tanto quanto possível;
- Reciclar e reutilizar instalações e edificações existentes desaproveitadas;

¹⁸ JAURÉGUI, Jorge Mário, “Nuevas respuestas para las metrópolis contemporáneas”, in www.jauregui.arq.br (consultado em 26/03/2010)

- Regenerar bairros aproveitando o existente e com densidade suficiente;
- Articular o físico, o social e o ecológico no mesmo acto projectual;
- Promover o debate geral da sociedade sobre as questões da cidade, da urbanidade e do espaço público.

Os espaços de convivência social não podem excluir classes e devem favorecer o diálogo entre todos.

A rede de transportes públicos constitui um factor importante a ter em consideração na cidade actual tal como a dinâmica dos fluxos - lugares. A estratégia “*Modificar a cidade, reconectando-a*”¹⁹, visa que todos usufruam dos mesmos privilégios.

Intervir na favela implica trabalhar com o suporte das actividades e da rede de relações existentes, reforçando e valorizando as suas características mais específicas, de modo a recriar o sentido de pertença. Analisando o tipo e intensidade das relações existentes no lugar, o projecto visa reforçar o seu poder de congregação, ampliando-o, e atribuindo-lhe novos significados, através da incorporação de novas edificações para a prestação de serviços socioculturais (como centro cultural), que cumprem o papel de *monumento* e agem como agentes estruturadores urbanos, aos quais a comunidade outorga valor simbólico. Os elementos da cidade formal construídos na favela devem ter a mesma preocupação formal e espacial.

A obra dos dois autores desenvolvidos num contexto e cultura específicos, servem de referência para outros contextos e outras culturas urbanas. Retiro dois conceitos fundamentais para o desenvolvimento de qualquer estratégia de requalificação de áreas suburbanas:

¹⁹ JAURÉGUI, Jorge Mário, “Nuevas respuestas para las metrópolis contemporáneas”, in www.jauregui.arq.br (consultado em 26/03/2010)

- O conceito de baixa altura e alta densidade – BAAD –, defendido por Charles Correa;
- O conceito de espaço público como berço de diálogo entre todos, desenvolvido por Jorge Mário Jaurégui.

iv. Lisboa e o caso do bairro da Cova da Moura

Tal como outras capitais mundiais, Lisboa tem-se vindo a expandir (mapa da fig.9), assistindo-se ao aumento da segregação sócio espacial e da dicotomia entre centros e periferias, acentuada em contexto de ideologia neoliberal e dada a insuficiência, inadequação ou falta de políticas do solo, habitacionais, urbanas e socioeconómicas.

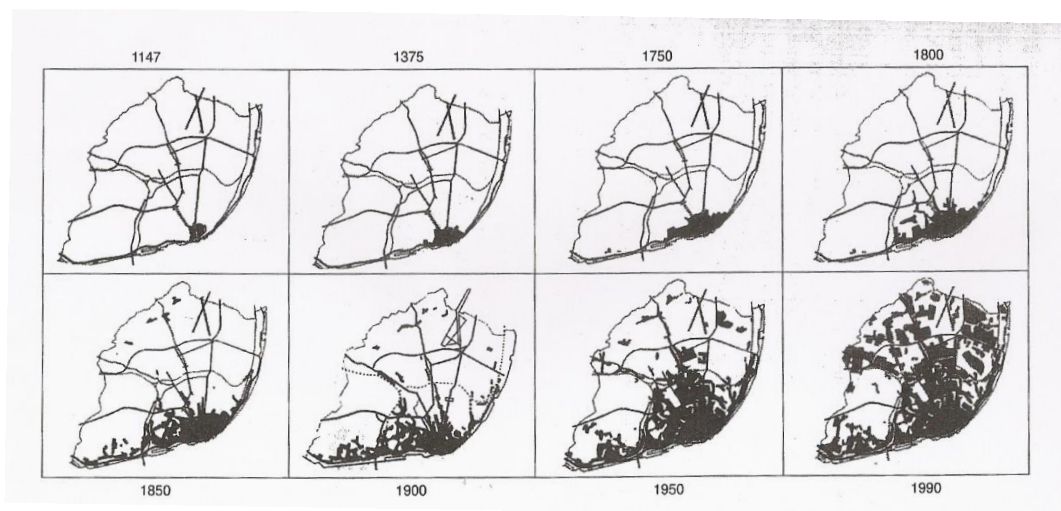


Fig.9: O crescimento da cidade de Lisboa.

Fonte: CML pelouro da reabilitação urbana, 1993 (adaptado) in SALGUEIRO, Teresa Barata (2001), *Lisboa: Periferia e Centralidades*, Lisboa: Celta, p.33

Com a devastação do meio ambiente e a tendência recente para a privatização do espaço público, a qualidade de vida na metrópole agrava-se sobretudo para as classes sociais mais desfavorecidas.

A Cova da Moura, bairro do município da Amadora, de génese ilegal, corresponde à expansão de Lisboa para norte ao longo do eixo Algés-Buraca.

Como atrás dissemos, os primeiros moradores, oriundos do interior do país, fixaram-se desde final dos anos 1950, apropriando-se ilegalmente dos terrenos da então Quinta do Outeiro, em grande parte pertença da família Moura. As habitações precárias coexistem com pequenas hortas.

A localização às portas da cidade de Lisboa, bem servido de transportes, nomeadamente de comboio, torna este concelho num dos mais privilegiados, no âmbito da deslocação pendular, na relação centro vs. periferia.

É um bairro auto construído onde o investimento afectivo e económico feito ao longo do tempo leva a um apego muito grande em relação à casa e ao bairro. Aqui existem códigos de sociabilização e vizinhança que assentam sobre uma forte e constante entre ajuda. As primeiras infra-estruturas de água, saneamento básico, iluminação pública e pavimentação das principais vias são construídas, apenas, em 1980, e são ainda insuficientes.

Hoje o bairro é quase auto-suficiente a nível de produtos de primeira necessidade, especializado em produtos de índole africana, e observamos a existência de equipamentos públicos de ensino e apoio social.

v. Conclusão: bairro compacto

i. Comparação de densidades

Actualmente a densidade populacional e a densidade habitacional do bairro da Cova da Moura são, respectivamente, de 312 habitantes por hectare e 85 fogos por hectare.

Comparando estes valores com os de outros bairros no concelho da Amadora, com dimensão idêntica ao bairro da Cova da Moura – o bairro da Damaia, por exemplo, apresenta valores de 146 habitantes por hectare e 70 fogos por hectare –, concluímos ser um bairro compacto, de densidade bastante elevada em relação à envolvente como é possível entender através da morfologia apresentada na imagem da fig.10. A sua proximidade ao centro da cidade e a rede de transportes que o conecta conferem-lhe um carácter atractivo a associar à peculiaridade do seu contexto sociocultural.



Fig.10: Morfologia do bairro da Cova da Moura e bairros envolventes do concelho da Amadora.
Fonte: ARAÚJO, A. Filipa.

Como já foi referido, uma densidade elevada tende a favorecer maior vivência do espaço público criando zonas de actividade urbana que propiciam intercâmbios comerciais e culturais. Esta alta densidade pode ser alcançada através da construção em altura, rentabilizando o solo, como é defendido pelos defensores do sistema capitalista e se observa maioritariamente nas zonas centrais das cidades, ou através da construção de baixa altura que respeita recursos e economias locais e que se desenvolve maioritariamente nos arrabaldes, como defende o arquitecto indiano Charles Correa. A densidade do bairro da Cova da Moura enquadra-se neste último modelo.

A zona envolvente ao bairro do concelho da Amadora, apresenta densidades populacional e habitacional mais baixas que as do bairro, com edifícios de altura média e

escassez de espaços que favorecem os intercâmbios comerciais e culturais. O espírito de entre ajuda da população e o sentido de comunidade são fracas.

Esboça-se um quadro síntese (quadro II) comparativo da situação do bairro da Cova da Moura e da envolvente mais próxima do concelho da Amadora tendo em conta: a densidade, a altura da construção, índice de ocupação do solo e as vivências sociais.

QUADRO II
Comparação da situação do bairro da Cova da Moura e da envolvente mais próxima do concelho da Amadora tendo em conta: a densidade, a altura da construção, índice de ocupação do solo e as vivências sociais.

	Bairro da Cova da Moura	Amadora
Densidade	Alta	Baixa
Altura da Construção	Baixa	Média
Índice de Ocupação do Solo	Alto	Baixo
Vivências Sociais	Fortes	Fracas

Fonte: ARAÚJO, A. Filipa.

Em aglomerados suburbanos, auto-construídos, a construção resulta do esforço físico e económico das famílias e da comunidade que une forças e se entre ajuda na edificação das casas e do espaço público, sem suporte do Estado. As infra-estruturas são geralmente precárias num primeiro tempo, proliferando doenças sobretudo nas cidades dos países em desenvolvimento. Neste campo ainda se denota a ausência do Estado, que ignora zonas onde é urgente assegurar as infra-estruturas, de modo que se desenvolvam saudavelmente bem articuladas com o resto da cidade.

Concluo questionando-me se a alta densidade é um factor positivo ou negativo na vida da comunidade?

O bairro apresenta uma rede de sociabilidade e interacção dos habitantes complexa e espontânea. As relações entre vizinhos e a confiança nos outros elementos da comunidade são consistentes. As crianças brincam na rua enquanto as mães executam as suas tarefas domésticas. São estas sociabilidades que Jane Jacobs defende no seu livro *“A Morte e Vida das Grandes Cidades”* (1961), quando apresenta os factores que criam a vida e o espírito das cidades. Para a autora, crítica de arquitectura e urbanismo, as ruas são o espaço de convívio por excelência devendo preservar-se como elemento primordial da cidade em vez de submergirem ao intento do capital. São estas características que pretendemos identificar e valorizar na vida da comunidade e que gostaríamos de propagar a toda a cidade.

III. CONSTRUINDO SONHOS, O PROCESSO DE AUTOCONSTRUÇÃO

i. Breve Introdução

A Carta de Atenas de 1933, redigida por Le Corbusier em 1957, integra o tema da habitação no pensamento arquitectónico e urbanístico, definindo um conjunto de parâmetros e princípios do movimento moderno. Os projectos de inspiração modernista dos grandes complexos residenciais realizados nos anos 1960 para as cidades do pós-segunda guerra mundial assentam na ideia do “homem moderno” e nos postulados universais do movimento moderno e seus manifestos funcionalistas.

Face aos problemas provocados por estes projectos, surgem visões contrárias e críticas ao Movimento Moderno. Assim, Manfredo Tafuri acreditava que a Arquitectura tem de operar segundo a realidade *geral* e não apenas segundo uma *parte* da realidade²⁰, esquecendo a realidade daqueles que não podem aceder ao mercado burguês gerido pelo grande sistema capitalista das sociedades ocidentais. Trata-se pois de uma crítica não só à Arquitectura mas também ao sistema vigente capitalista, defendendo-se o acesso de todas as classes sociais aos benefícios da sociedade moderna.

ii. Maio de 1968

Uma linha de pensamento foi sendo desenvolvida desde a década de sessenta entre arquitectos e urbanistas, mas também entre sociólogos, antropólogos e outros cientistas sociais, apelando para a urgência de ter em conta o contexto e os indivíduos na produção da Arquitectura.

²⁰ BANDEIRINHA, José António (2007), *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*, Coimbra: Imprensa da Universidade, p.21

A colaboração operativa entre sociólogos, antropólogos, arquitectos e urbanistas, traduz-se numa melhor compreensão da influência do meio urbano na estruturação social e no desenvolvimento. Chombart de Lauwe, sociólogo que se dedicou a estudar as condições de vida das populações na metrópole de Paris, propõe o ordenamento do espaço urbano pensado para eles - *pour eux* – com eles – *avec eux* – e por eles – *par eux* – sendo este o primeiro passo para a constituição de uma sociedade que permita a todas as classes sociais cooperarem e interagirem, aproveitando verdadeiramente as vantagens culturais, sociais e materiais do desenvolvimento da produção²¹.

Em Maio de 1968, como refere José António Bandeirinha²², jovens arquitectos de Paris reconhecem a necessidade de renovação dos centros urbanos em termos de salubridade, valorização do património e descentralização, tendo em consideração o papel da Arquitectura e da cidade na sociedade (fig.11). Assistia-se nessa altura à expulsão da população de menos recursos dos centros para a periferia e à ocupação dos centros por uma população de mais recursos e por serviços capazes de rentabilizar o valor fundiário dos solos centrais. Aos poucos ia-se suprimindo a rua, a praça, a vida da cidade. Em Maio de 1968 contraria-se esta tendência e prevê-se uma nova motivação no exercício da arquitectura.

²¹ BANDEIRINHA, José António (2007), *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*, Coimbra: Imprensa da Universidade, p.30

²² BANDEIRINHA, José António, *op. cit.*, pp.34-35



Fig.11: Marcha de protesto de Maio de 1968.

Fonte: HAMBOURG, Serge (10 de Maio de 1968), Hood Museum of Art, Hannover.

Arquitectos, urbanistas, sociólogos e antropólogos propõem neste período uma sociedade reciclada onde o espaço urbano propicie vantagens iguais a todos e onde as desigualdades sociais e económicas sejam menores. Defende-se que as intervenções arquitectónicas e urbanísticas tenham em conta o contexto cultural e socioeconómico da população a que se destinam. Deste modo, a participação dos utentes na construção do espaço arquitectónico torna-se essencial, pois são eles que dele usufruem.

iii. Arquitectura vs. Autoconstrução: um problema social

Nas décadas de 1960-1970, a população expulsa dos centros das cidades, juntamente com aquela que procurava melhores condições de vida no processo do êxodo rural, aglomerava-se na periferia. Nos terrenos arrabaldes, desprezados pelo sector privado, a população começou a construir as suas próprias casas segundo os seus próprios recursos físicos e financeiros.

A auto-construção (fig.12) era a solução encontrada por estas pessoas, que o sistema capitalista vigente ignorava. Auto-construíram as suas casas e o seu espaço de convívio constituindo comunidades coesas, mas onde as dificuldades se acentuavam por se encontrarem à margem do sistema. Existiam problemas de salubridade, infra-estruturas, mobilidade, etc. Os *outsiders* denominam estes aglomerados de *slums* e associam-nos a uma imagem negativa enquanto quem neles vive os denomina de comunidade associando-lhes a imagem dos seus lares, e a condições da sua sobrevivência.



Fig.12: Prática de auto-construção.

Fonte: Internet.

Este processo tomou uma dimensão global sendo mais ou menos controlado nos países desenvolvidos mas expandindo-se nos países subdesenvolvidos.

Colocam-se questões relativas á auto-construção que me inquietam.

Tal como defende John Turner²³, as habitações clandestinas revelam as capacidades de entre ajuda e auto construção popular, contrariamente às classes burguesas para quem a Arquitectura é meramente produto de mercado. Assim, qual é o papel do arquitecto junto das populações? Os habitantes constroem as suas casas segundo as suas capacidades físicas e financeiras e segundo a sua cultura e necessidades – número de filhos, etc. – então como pode interferir o arquitecto ao nível das comunidades auto construtoras? Para John Turner²⁴, o arquitecto como profissional, deve intervir como assistente técnico e conselheiro dos construtores. O morador que constrói fá-lo segundo a sua intuição, experiência e necessidades. Mas não sabe como resolver questões técnicas essenciais, como estrutura construtiva e abastecimento de água, esgoto e electricidade, pondo muitas vezes, e ainda que sem consciência, a família em risco. A estrutura não foi devidamente calculada para suportar as expansões que a família requer e não existe esgoto nem água canalizada.

Ora, a disciplina da Arquitectura não se resume apenas á componente técnica mas incorpora igualmente a componente poética. J. Turner parece não ter dado importância a esta componente, na medida em que resume o arquitecto a um assistente técnico e o processo a um processo construtivo, que apenas responde e presta auxílio nas necessidades e dificuldades técnicas dos construtores. E então a estética, o sentido do gosto na Arquitectura? Fica a cargo do construtor/morador? Do arquitecto? De ambos num projecto coordenado?

Considero que a Arquitectura não pode deixar de ser entendida como arte, onde técnica e poética se aliam de modo a construir um mundo melhor, transformando-o através da sua força. Mas nem uma componente nem outra se podem sobrepor sendo necessário um equilíbrio entre ambas de modo a complementarem-se. Utente e profissional devem cooperar na construção dos espaços arquitectónicos de forma a que o projecto incorpore os conhecimentos e vivências de ambos, como meio para atingir um produto final mais estimulante para todos. O projecto participado surge como resposta às

²³ BANDEIRINHA, José António (2007), *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*, Coimbra: Imprensa da Universidade, pp.44-48

²⁴ *Ibidem*

dificuldades apresentadas, variando estas consoante o contexto em que se insere: contextos de pobreza apresentam dificuldades técnicas, enquanto contextos mais ricos apresentam desde dificuldades técnicas a poéticas.

Numa comunidade, como o bairro da Cova da Moura, o bem essencial e primeiro para cada indivíduo e família são as casas, mas posteriormente é necessário cuidar os espaços exteriores, que são de todos. As pessoas das comunidades participam muitas vezes, também, na construção desses espaços: equipamentos e espaços de convívio da sua comunidade que se agregam ao espaço residencial, complementando-se. Os indivíduos constroem os seus edifícios e o seu bairro segundo os seus desejos e os seus modelos. A Arquitectura não funciona aqui como produto de mercado e os edifícios não são aqui construídos segundo postulados universais exteriores às vivências da comunidade.

A Arquitectura não consegue resolver no âmbito da disciplina todos os problemas existentes na cidade. O sistema de governação implementado cumpre um papel fundamental na gestão das actividades e organização da sociedade. Assim, é necessário que o sistema de governação se adapte às novas necessidades e desejos da população.

J. Turner²⁵ apresenta algumas hipóteses para superar a situação. O autor colaborou em diversos projecto-piloto, nomeadamente no Peru, entre 1950 e 1963, de onde tirou algumas conclusões/lições que defende serem de importância extrema também para o mundo desenvolvido. O autor inverte o *paternalismo* dos países desenvolvidos que enviam *know-how técnico* para *auxiliar* os países subdesenvolvidos, sublinhando que estes é que têm conteúdo para *auxiliar* os países desenvolvidos, segundo as lições de auto construção e entre ajuda das populações das comunidades, como as *barriadas* e *pueblos jóvenes* no Peru. Estas aglomerações possuem uma característica fundamental à sociedade actual: a flexibilidade, adaptável á evolução socioeconómica dos habitantes, em contraponto á rigidez da habitação de promoção pública/centralizada, que domina a Reconstrução da Europa do Norte e particularmente da França nesse período.

²⁵ BANDEIRINHA, José António (2007), *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*, Coimbra: Imprensa da Universidade, pp.44-48

Assim, aponta três princípios²⁶ para a evolução de um sistema mais justo:

- Princípio de auto governação da produção habitacional: “What matters in housing is what it does for people rather than what it is”;
- Princípio das tecnologias adequadas ao contexto: “The economy of housing is a matter of personal and local resourcefulness rather than centrally controlled, industrial productivity”;
- Princípio do planeamento da habitação segundo limites estipulados pelos próprios construtores/moradores: “People in their own localities have ultimate authority over housing, as investment and care depend on resources that only they can use economically”.

A auto-governação proposta pelo autor aparece como a solução alternativa ao sistema dominante e surge como resposta das comunidades de poucos recursos para sobrevivência numa sociedade capitalista. A descentralização das actividades e serviços parece ser o único modelo passível de transformar para melhor a sociedade actual.

Desde sempre que o homem sente necessidade de se abrigar quer por razões climáticas e de protecção, quer por razões socioculturais. Como refere Alberto Campo Baeza, na sua dissertação intitulada “A tua casa, o teu museu, o teu mausoléu. A minha casa, nem museu, nem mausoléu”, primeiro surge a *caverna* para o Homem Animal, depois a *cabana* para o Homem como ser racional e finalmente a *casa* para o Homem como ser culto e criador.

Amos Rapoport, antropólogo, em “*House, form and culture*” (1978) argumenta que a forma da casa é de raiz predominantemente antropológica, na medida em que co-existem condicionantes físicas, materiais e socioculturais determinantes da concepção

²⁶ “O que interessa na habitação é o que ela faz pelas pessoas e não o que ela é; A economia da habitação é uma questão relacionada com os recursos pessoais e locais mais do que com a produtividade industrial centralmente controlada; As pessoas nas suas localidades têm autoridade sobre a habitação, pois que o investimento e manutenção dependem apenas dos recursos que eles podem usar economicamente.” (tradução do autor), TURNER, John F. C. (1976), “Principles for Housing”, *Housing by People*, Londres: Pantheon Books

da forma da casa. O autor utiliza o conceito de *criticality* em referência à escala ou grau de constrangimento que pode existir na construção dos edifícios. A. Rapoport defende que, em 1960, os edifícios nas sociedades ocidentais estão desligados das necessidades fundamentais e a grande liberdade de escolha não pode proporcionar outra coisa senão a vacuidade e a entrega às vicissitudes da moda.

Para Rapoport as construções das comunidades primitivas, como a comunidade do Lago Titicaca, no Perú (fig.13 e 14), correspondem a “very few building types, a model with few individual variations, built by all”²⁷. As comunidades primitivas uniam as suas forças e construía *todos para todos*. As construções eram semelhantes e as variações reduzidas. Deste modo as comunidades mantinham a sua identidade através da auto-construção.



Fig.13: Construção primitiva no Lago Titicaca, Perú.

Fonte: Internet.

²⁷ “muito poucos tipos de edifícios, um modelo com poucas variações individuais, construído por todos.” (tradução do autor), RAPOPORT, Amos (1969), *House, Form and Culture*, New Jersey: Prentice-Hall, Inc., p. 8

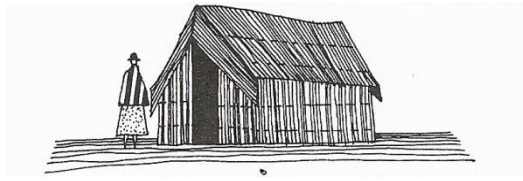


Fig.14: Construção primitiva no Lago Titicaca, Perú.

Fonte: RAPOPPORT, Amos (1969), *House, Form and Culture*, New Jersey: Prentice-Hall, p.27

A partir do século XX a auto-construção surge como resposta das populações para sobrevivência numa sociedade capitalista e não apenas como meio de se protegerem das condições climáticas ou de predadores, ou por simples razões socioculturais e económicas.

A Arquitectura Vernacular segue os mesmos princípios da Arquitectura Primitiva, embora com algumas variantes. A Arquitectura Vernacular respeita o lugar e a cultura da sociedade, mas apresenta maior diversificação de construção que a Primitiva e é geralmente dirigida por profissionais da comunidade que cooperam com os moradores na definição da concepção da forma da casa. Em contrapartida, a Arquitectura Moderna, e contemporânea realizada por arquitectos não respeita os ideais/desejos dos utentes das comunidades de menos recursos, nem as características do lugar.

Outro autor que contribuiu para a divulgação da *arquitectura sem arquitecto* – Arquitectura Primitiva ou Vernacular – foi Bernard Rudofsky que a 9 de Novembro de 1964 inaugura no Museum of Modern Art (Nova Iorque) a exposição *Architecture Without Architects*. Foi uma exposição inovadora que apresentou ao público um vasto número de exemplos de Arquitectura Tradicional e Vernacular de grande qualidade construídos pelas comunidades.

Na mesma linha, Belluschi define “*communal architecture*” como

“A communal art, not produced by a few intellectuals or specialists but by the spontaneous and continuing activity of a whole people with a common heritage, acting under a community of experience.”²⁸

No século XX, no Egipto, o arquitecto Hassan Fathy²⁹ trabalha sobre a possibilidade de renovação dos meios tecnológicos utilizados na construção das casas dos camponeses pobres. A sua obra vem demonstrar como se pode e deve prolongar os ensinamentos da Arquitectura Tradicional readaptando-os á evolução dos tempos, mas respeitando sempre a cultura e tradição da sociedade, assim como os seus recursos.

Em 1946, Hassan Fathy é convidado para projectar um plano de realojamento para 7000 camponeses, New Gourná (fig.15). Neste projecto trabalhou conjuntamente com geólogos e engenheiros mecânicos com o intuito de otimizar as soluções adoptadas, utilizando recursos tradicionais.

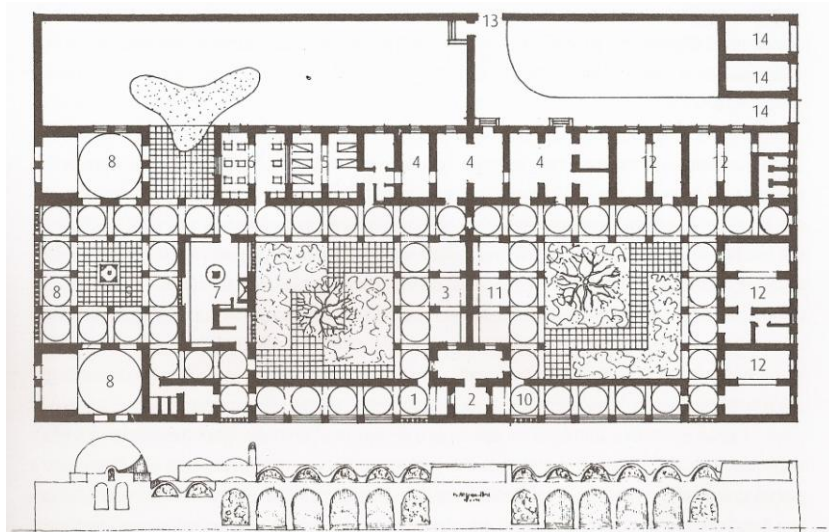


Fig.15: Planta e alçado do centro de higiene do projecto para New Gourná, p.151.

Fonte: FATHY, Hassan (2009), *Arquitectura para os Pobres, Uma Experiência no Egipto Rural*, Lisboa: Argumentum, Dinalivro

²⁸ “Uma arte popular, não produzida por uns escassos intelectuais nem especialistas mas pela espontânea e contínua actividade de um conjunto de pessoas com uma herança comum, agindo sob uma experiência de comunidade.” (tradução do autor), BANDEIRINHA, José António (2007), *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*, Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 31

²⁹ BANDEIRINHA, José António (2007), *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*, Coimbra: Imprensa da Universidade, pp.26-28

1) Entrada das mulheres; 2) Supervisor; 3) Sala de espera; 4) Posto clínico; 5) Sala das mães; 6) Bebés; 7) Cozinha; 8) Creche e oficinas de trabalhos manuais; 9) Pátio; 10) Entrada dos homens; 11) Sala de espera dos homens; 12) Instalações para médicos e enfermeiras; 13) Entrada da ambulância; 14) Garagem das ambulâncias.

Defende a participação dos utentes na construção de modo que:

- Os custos da operação fossem substancialmente reduzidos;
- Os vínculos casas/moradores fossem criados no acto da participação (única fase em que seria possível);
- Se mantivessem os laços com a tradição da auto construção existente na arquitectura tradicional egípcia;
- Se reforçasse o apego á obra pelo esforço na sua concretização.

Relembrando a discussão anterior, recorro o papel das ciências sociais como impulsionadoras desta *nova arquitectura progressista*. Neste sentido há que referir, como faz Bandeirinha (2007), Carlos Nelson Ferreira dos Santos, arquitecto brasileiro, que depois de trabalhar com comunidades em favelas, nomeadamente na favela de Brás de Pina, no âmbito de operações de reabilitação (1965-1974), face às questões que se colocavam enveredou, anos mais tarde, pelo ramo da antropologia (1979).

No seu trabalho junto das populações desenvolveu diagnósticos e planos de infra-estruturação viária, saneamento e abastecimento que beneficiaram com o processo de entre ajuda existente na favela. Os moradores desenhavam as plantas das suas próprias casas que apenas eram testadas e rectificadas pelos arquitectos, os quais na linha de John Turner cumpriam função de assistentes técnicos, segundo um conjunto de regras que garantiam a qualidade da habitação. Esta era uma característica fundamental.

No final da década de setenta, sentiu-se num “beco sem saída”³⁰, faltando-lhe “mecanismos do pensar adequados”³¹ às situações que urgiam respostas. Interessando-

³⁰ BANDEIRINHA, José António (2007), *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*, Coimbra: Imprensa da Universidade, p.48

se cada vez mais pelas especificidades sociais e individuais dos habitantes dos espaços. O curso de antropologia permitiu-lhe compreender melhor a questão do técnico especializado que actua sobre o espaço urbano.

iv. Conclusão: Projectar com a comunidade

O arquitecto entendido como assistente técnico pela comunidade apoia a construção feita pelos próprios utentes moradores, respeitando normas e leis emanadas dos órgãos locais, segundo o princípio de auto governação. Existe uma grande flexibilidade do sistema, pois torna-se passível de se moldar á evolução socioeconómica dos habitantes, sem criar rupturas entre casa/morador/sistema.

A auto-construção integrada no planeamento com a comunidade (fig.16), através do projecto participado, parece ser o modelo mais idóneo em qualquer comunidade actual, quer nos países subdesenvolvidos, quer nos países desenvolvidos, embora seguindo vertentes diferentes segundo as necessidades expostas em cada contexto.

³¹ *Ibidem*

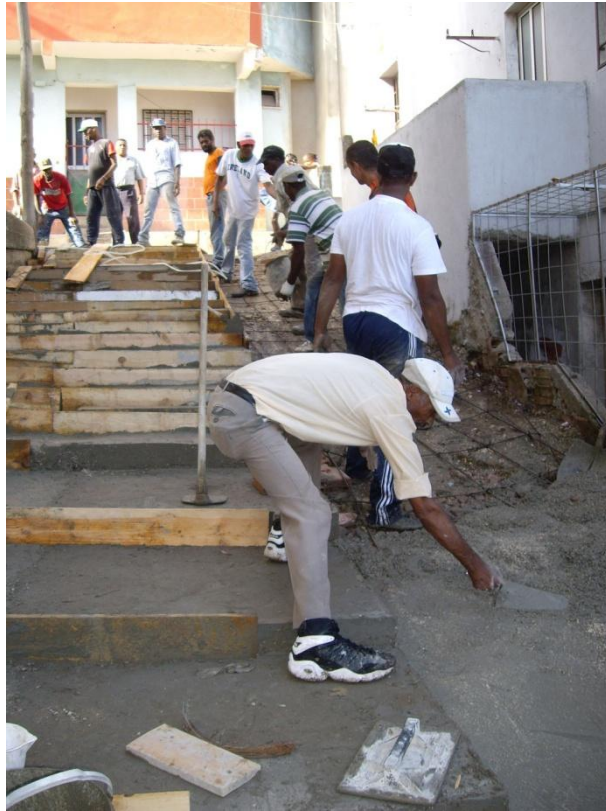


Fig.16: Construção de escadas pela comunidade do bairro da Cova da Moura.
Fonte: Internet.

IV. O GOSTO DE UMA ESTÉTICA SINGULAR: NO BAIRRO DA COVA DA MOURA

i. Breve Introdução

O que são e quais são as arquitecturas bonitas e feias? Segundo que factores as ponderamos e diferenciamos? Qual o papel do arquitecto nessa problemática? Serão as arquitecturas auto-construídas recentes bonitas ou feias? De que modo essas arquitecturas podem unificar e distinguir grupos e classes sociais?

Após os temas anteriormente abordados – *a densidade populacional como valor da comunidade e construindo sonhos, o processo de auto construção* – importa agora reflectir sobre o tema *d'o gosto de uma estética singular, no bairro da Cova da Moura*.

Procuró aqui entender o que é a estética e como se repercute no gosto, quais os factores e condições segundo os quais varia de pessoa para pessoa, de grupo para grupo, de classe social para classe social, de cultura para cultura. Interessa, acima de tudo, entender como se desenvolve a estética da Arquitectura no seio da comunidade do bairro da Cova da Moura, caso de estudo deste relatório, e como essa estética é apreendida pelo moradores e pela sociedade, no seu todo, e quais as consequências dessa apreensão na interacção social das partes.

ii. A estética, edificadora do património cultural

Como refere Marc Jimenez, a estética

“Buamgarten a chamou de *Lógica facultis cognoscitivae inferioris*. Filosofia das graças e das musas, ela não saberia rivalizar com a razão, mas traz um saber análogo àquele da

razão. É a ciência do conhecimento e da representação sensíveis que ganha doravante o nome de Estética.”³²

Por sua vez, o gosto reflecte os nossos desejos, intenções e a nossa experiência da percepção, que resulta do nosso desenvolvimento como indivíduos no seio da sociedade, abrangendo, por isso, e embora que inconscientemente, referências culturais e sociais que são peremptórias á evolução do gosto de cada um. O gosto está directamente ligado à moda, como refere Boffard que considera que “a moda tirana do gosto, coloca um grande obstáculo à perfeição das artes; ela é acompanhada da louca novidade que agrada; o vulgar segue-a”³³ e, depois de se impor, ela se normaliza e transforma em património. Surge assim, a necessidade e “esperança de chegar a um acordo com o outro”³⁴, como constata Arendt, a partir do qual se constrói o património. Este processo efectua-se através de cedências por parte dos diferentes lados intervenientes, de modo mais ou menos consciente, o que vulgariza a situação que se repete incessantemente na construção e evolução do gosto da sociedade. Citando Alexandra Castro, “Os actores surgem como detentores de uma capacidade de decidir num universo de recursos, constrangimentos e aspirações.”³⁵

O gosto reflecte uma estética singular a determinados grupos sociais que passaram por uma experiência idêntica. Existe uma grande diversidade de gostos relacionados com grupos sociais distintos cujas experiências se identificam entre si, mas rejeitam os gostos dos outros. Geram-se conflitos sociais e culturais, a partir dessas rejeições, quando um grupo quer impor o seu gosto aos outros, defendendo-o como *bom* gosto contra o *mau* gosto alheio. Estes pequenos conflitos promovem o ajuste de gostos entre grupos sociais diferentes. Assim, o gosto não só surge como “produto de uma sociedade, mas

³² JACQUES, Paola (2007), “Fragmento”, *A Estética da Ginga*, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p.11

³³ CASTRO, Alexandra, Fevereiro de 1998, “As Construções dos Emigrantes e a Legitimidade de uma Estética Singular”, *Sociedade e Território*, Lisboa, p.81

³⁴ *Ibidem*

³⁵ CASTRO, Alexandra, *op. Cit*, p.82

também como produtor social”³⁶ dessa sociedade, pois ao definir um património cultural segundo as experiências de uns, constrói bases para as gerações seguintes se lançarem na conquista do gosto. O gosto evolui ao longo dos tempos.

Importa reflectir sobre esses ajustes e cedências que definem o património. Será o processo justo para todos? Ou dominarão alguns grupos sociais, e consequentemente o seu gosto, sobre outros? Por força do poder económico e posição social a classe dominante – promotora da Arquitectura erudita – cede menos aos seus adversários – promotores da Arquitectura popular – e impõe-lhes mais facilmente o seu gosto. Sempre existiu uma classe dominante e outra dominada, mas o fosso entre gostos de classes acentua-se. No sistema capitalista vigente, a classe dominante tende a esmagar a classe fraca que luta pela sobrevivência. Os dois grupos participam na construção do património cultural, em constante transformação, a classe dominante tendendo a dominar a classe dominada por via das normas. Cria-se o impasse para uma justa produção social.

A Arquitectura erudita define uma estética própria a uma elite, e criada por especialistas, os arquitectos. A obra é pensada e executada. É uma obra terminada. Por sua vez, a Arquitectura vernácula ou popular característica de uma região, de um local, é executada por *não-arquitectos*, indivíduos dessa região, segundo os recursos ambientais e económicos locais. Estabelecem-se relações com a envolvente geográfica, ambiental e morfológica e procura-se uma integração com o lugar, glorificando as suas características. Francoise Choay no “*Dictionnaire de L’Urbanisme*” (1988) refere que a origem da palavra “vernáculo, do latim vernaculus, “indígena, doméstico”, deriva de verna “escravo nascido em casa”³⁷. É uma arquitectura em transformação contínua, fragmentária, que se transforma de acordo com a transformação do lugar e do tempo.

³⁶ CASTRO, Alexandra, *op. cit.*, p.80

³⁷ JACQUES, Paola (2007), “Fragmento”, *A Estética da Ginga*, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p.11

Bernard Rudofsky no seu livro “*Architecture without Architects*” (1964) faz, a partir da sua exposição de 1964 no MOMA de Nova Iorque, uma belíssima compilação das arquitecturas vernáculas mais intrigantes de todo o mundo, desde as construções trogloditas da Anatólia (fig.17) até às arquitecturas efémeras das tribos africanas e orientais (fig.18). O autor pretende divulgar a outra faceta da Arquitectura, aquela que se desenvolve sem arquitectos e que encontra resultados mais próximos do homem. A exposição acontece numa época em que surge um certo despojamento em relação à autoria personalizada do objecto arquitectónico, o *star system*.



Fig.17: Construções da Anatólia, actual Turquia.

Fonte: ARAÚJO, A. Filipa (Setembro de 2010)

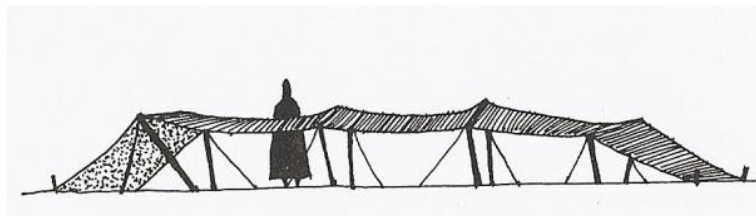


Fig.18: Tenda árabe transportável.

Fonte: RAPOPPORT, Amos (1969), *House, Form and Culture*, New Jersey: Prentice-Hall, p.27

Quando contemplamos as construções dos bairros informais presentes nas cidades contemporâneas, percebemos que estas consituem uma nova abordagem da Arquitectura vernácula ou popular, na medida em que são construções características do lugar, executadas por *não-arquitectos* e segundo os recursos locais. Como apresenta Paola Jacques no seu livro intitulado “A Estética da Ginga” (2001), “os barracos das favelas são compostos de fragmentos”³⁸ recolhidos das lixeiras e dos restos que sobejam da cidade, como tijolos, bocados de madeira, latão, etc. São estes os materiais locais das grandes metrópoles. Do mesmo modo a evolução do agregado familiar bem como da situação socioeconómica da família definem a transformação e evolução da construção fragmentária (fig.19) e, consequentemente, do território.



Fig.19: Exemplo de construção fragmentária no bairro da Cova da Moura.
Fonte: ARAÚJO, A. Filipa (Março de 2010)

³⁸ JACQUES, Paola (2007), “Fragmento”, A Estética da Ginga, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p.23

O bairro da Cova da Moura, caso de estudo, insere-se neste contexto de construção fragmentária evolutiva. Encerra em si outras características que definem a sua singularidade, e que já foram apresentadas anteriormente. É um bairro de fixação de retornados das colónias de Cabo Verde e uma pequena percentagem de Angola, representando, deste modo, um *ghetto étnico* na cidade de Lisboa. A memória colectiva da comunidade expressa-se no seu património cultural cuja imagem é transferida para o exterior. Edifica, então, um gosto caracterizador da estética singular desse grupo social distinguindo-o e impondo-o na paisagem, transformando-a. As divergências estéticas, associadas a motivos socioculturais, provocam conflitos que vão desencadear o processo de transformação do património cultural.

Mas existirão arquitecturas bonitas ou feias? Revendo a discussão relativa à estética e ao gosto parece-me que esta questão se baseia meramente na necessidade do homem em expor a sua “aversão pelos estilos de vida diferentes” criando “sem dúvida uma das barreiras mais fortes entre as classes”³⁹, citando Bordieu. Urge entender o património cultural – “produto de uma sociedade, mas também (...) produtor social”⁴⁰ como refere Alexandra Castro – como fim maior. Ele representa a memória de uma sociedade, como *produtor social* para gerações futuras.

A singularidade do bairro da Cova da Moura, entre outras questões deve-se à migração – a vinda dos retornados e imigrantes das ex-colónias ou PALOP e sobretudo de Cabo Verde – e as memórias associadas a essa dimensão sócio espacial. Tal como nas terras do Norte de Portugal, onde a migração para França, nomeadamente Paris, transformou a paisagem local, assim a dimensão do bairro altera a paisagem da cidade de Lisboa, na medida em que nela insere as suas características mais singulares.

³⁹ LEITE, Carolina, Fevereiro de 1989, “Casa de Emigrantes: Gosto de alguns, Desgosto de muitos”, *Sociedade e Território*, Lisboa, pp.67-71

⁴⁰ CASTRO, Alexandra, Fevereiro de 1998, “As Construções dos Emigrantes e a Legitimidade de uma Estética Singular”, *Sociedade e Território*, Lisboa, p.80

“Casas de Sonhos” (1995) de Roselyne de Villanova, Carolina Leite e Isabel Raposo é um estudo sobre as casas dos emigrantes no Norte do país. Os emigrantes portugueses partem para o estrangeiro na busca de melhores condições de vida mas mantendo sempre ligação com o país de origem, ao qual regressam todos os anos pelas férias. É no país de origem que projectam o seu futuro aquando do regresso a Portugal no final da sua carreira profissional e onde anseiam por ter o seu espaço ao seu gosto, futura herança para os entes mais próximos:

“Queria que quando eu morresse, com a minha mulher, que ficasse uma casa para cada um dos meus filhos. É o meu sonho, (...) Eu e a minha mulher estivemos aqui a falar no outro dia: e se fizéssemos aqui um estudioso, (...) e alugávamos só no Verão depois daqui para amanhã já tinha aqui para o meu primeiro filho... Porque a minha ideia principal era, que quando eu ou a minha mulher estivéssemos a fatalidade de lhes faltar, dizermos assim: “Ficai com uma casa cada um!”⁴¹.

Deste modo, quando adquirem estabilidade financeira no país de acolhimento, iniciam o processo de construção das casas no país de origem. Nela projectam todos os seus desejos. Como refere Bachelard

“La maison dans la vie de l’homme, évince des contingences, elle multiplie ses conseils de continuité. Sans elle, l’homme serait un être dispersé. Elle maintient l’homme à travers les orages du ciel et de la vie.”⁴²

O processo de construção é longo, pois a casa, neste caso, não representa uma necessidade imediata mas um espaço que vai sendo construído para o regresso futuro e que primeiro é ocupado apenas durante o período das férias ou por familiares e conhecidos que de passagem a usam como abrigo temporário: “(...) uma instalação provisória é suficiente e permite assistir e participar no longo processo de construção da casa”⁴³. No processo interferem os vários actores: proprietário, desenhador, construtor

⁴¹ LEITE, Carolina; VILLANOVA, Roselyne; RAPOSO, Isabel (1995), *Casas de Sonhos*, Lisboa: Edições Salamandra, p.47

⁴² “A casa na vida do homem, afasta as contingências, multiplica os seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela protege o homem das tempestades do céu e da vida.” (tradução do autor), LEITE, Carolina; VILLANOVA, Roselyne; RAPOSO, Isabel, *op. cit.*, p.47

⁴³ LEITE, Carolina; VILLANOVA, Roselyne; RAPOSO, Isabel, *op. cit.*

e pessoa designada pelo proprietário para liderar a obra na sua ausência (normalmente um familiar próximo ou amigo); e a evolução das economias da família.

A escolha do desenhador e do construtor baseia-se nos circuitos locais. É normal haver apenas um ou dois técnicos *responsáveis* pelo desenho e construção das casas de emigrantes numa freguesia. Estes são contratados por questão de “segurança”, pois o proprietário sabe aquilo que quer construir mas não conhece os limites dessa construção recorrendo, desse modo, ao desenhador como intermediário entre os seus desejos e a regulamentação.

Porque recorrem os proprietários a desenhadores e não a arquitectos? O factor conhecimento pessoal é imperativo neste processo. Mas existe também uma grande falta de conhecimento relativo ao papel do arquitecto, pois este profissional concentra a sua actividade nos centros urbanos e mantém-se ausente de muitas câmaras dos meios rurais, contribuindo para a falta de conhecimento da sua actividade por parte das populações. É necessário intervir a este nível para que o rural não seja menosprezado. E para que o planeamento urbanístico contribua com as infra-estruturas e os equipamentos necessários ao desenvolvimento das comunidades rurais, gerando postos de trabalho e riqueza.

No entanto, o que procuramos entender, nesta releitura é saber qual o resultado das *casas dos emigrantes* que são construídas entre cá e lá? Elas que resultam, como referem as autoras de “Casas de Sonhos”, *dos reajustamentos* entre as referências locais da estética rural – do país de origem – e a estética urbana como experiência de vida – do país de acolhimento – que actuam e transformam o espaço, resultando numa linguagem nova, para a qual “falta pois inventar a linguagem coerente a este processo”⁴⁴? A linguagem construída reflecte a memória do lugar ao qual pertencem – país de origem – e simultaneamente reflecte o seu novo *Eu* associado a um estatuto socioeconómico adquirido no país de acolhimento no processo de migração. Há uma *justaposição* que produz uma imagem pouco usual e é esta a imagem causadora das guerras de gosto. A

⁴⁴ LEITE, Carolina; VILLANOVA, Roselyne; RAPOSO, Isabel (1995), *Casas de Sonhos*, Lisboa: Edições Salamandra

casa torna-se, assim, o reflexo do percurso de vida da pessoa que a habita e contribui para “a inserção do emigrante na sociedade”⁴⁵.

A Arquitectura vernácula ou popular de determinado meio adapta-se aos condicionantes naturais e aos materiais locais, mas também os factores sociais condicionam essa Arquitectura não-imutável, como afirma Isabel Raposo no âmbito do estudo deste livro. A casa surge como *produto social*, contribuindo para a construção do património cultural.

iii. A estética como imagem de um grupo social

O bairro da Cova da Moura funciona segundo um esquema de imigração inverso ao dos emigrantes anteriormente descrito, pois os seus habitantes oriundos de Cabo Verde e Angola têm como país de acolhimento Portugal, no qual procuram melhores condições de vida. O que nos interessa entender são as casas que constroem aqui – país de acolhimento – e não lá – país de origem. Deste modo entendemos facilmente que Portugal – país de acolhimento – lhes transmite uma experiência urbana, contrária à experiência corrente nos seus países de origem – Cabo Verde e Angola – onde experienciam sobretudo o rural ou o peri-urbano. A *justaposição* de vivências, visível nas construções que compõem o bairro, leva-nos a crer que, tal como no exemplo dos emigrantes do Norte do país, os moradores, aqui, transpõem para as suas casas a memória das referências do seu país de origem e a experiência urbana do país de acolhimento. Do mesmo modo as imagens produzidas são pouco usuais e reflexo do percurso de vida dos seus habitantes: a casa como *produto social*.

O factor tempo surge novamente como crucial na construção da casa, mas processando-se de um modo diferente. Na Cova da Moura o indivíduo tem urgência na construção da casa, pois chega sem nada ao país, que lhe é estranho (habitualmente migra com o

⁴⁵ *Ibidem*

conhecimento de alguém que já esteve na sua situação e que o vai ajudar na adaptação). É necessário construir um *abrigo*. Paola Jacques cita Adolf Loos:

“No começo houve a vestimenta. O homem estava em busca do que o protegesse contra o rigor do clima, procurava calor e protecção durante o sono. Ele precisava se cobrir. A coberta é a mais antiga expressão da arquitectura.”⁴⁶

Neste sentido, uso aqui, o termo *abrigo* e não *casa*. A preocupação primeira de quem chega, sem poder económico, a um lugar estranho é a de ter um lugar seu, onde se pode abrigar das adversidades climáticas e dos olhares alheios. “Certamente, não podemos afirmar que os construtores (...) tenham vontades artísticas ou reflexões estéticas, como têm os arquitetos”⁴⁷, referindo-se à situação dos moradores das favelas cariocas afirma Paola Jacques, no seu livro “*A Estética da Ginga*” (2001). Inicialmente constrói-se um *barraco*, temporário, que de acordo com a evolução económica e familiar, se vai transformando e que se torna objecto reflexo do percurso de vida dos seus moradores. As reflexões estéticas que inicialmente não são mensuráveis impõem-se agora, no desenrolar da evolução socioeconómica familiar. E assim, nasce uma estética, que tal como estava presente na *casa do (e)migrante* (fig.20), encontra-se agora na *casa do (i)migrante* (fig.21). Resulta, certamente, numa imagem pouco usual e define, com certeza, um grupo social.

⁴⁶ JACQUES, Paola (2007), *A Estética da Ginga*, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p.26

⁴⁷ *Ibidem*



Fig.20: Casa do (e)migrante.

Fonte: Internet.



Fig.21: Casa do (i)migrante.

Fonte: ARAÚJO, A. Filipa (Março de 2010)

Qual é, então, a relação desse espaço, que resulta numa imagem estranha à cidade, como esta? Recuperando a discussão inicial das *cedências* de gosto que por sua vez efectuem *ajustes* e *reajustes* com o intuito, ainda que inconsciente, da construção do património cultural, facilmente se entende que a chegada de um novo grupo social, ao qual se associa uma imagem diferente das outras, origina a instabilidade do processo. Essa instabilidade é, ainda, acentuada pelo facto de esse grupo social ser composto por imigrantes das antigas colónias portuguesas em África, que procuram em Portugal melhores condições de vida. Essas condições, por vezes, não são fáceis de alcançar e, devido à ausência do Estado, e a dificuldade de acesso a emprego, alguns jovens procuram adquirir poder económico, muitas vezes para ajudar as suas famílias, traficando droga. Apesar da percentagem ser diminuta, é essa a imagem que o bairro passa para a cidade: uma imagem negativa, contribuindo para acentuar o estigma do lugar. As imagens negativas são muito difíceis de alterar numa sociedade e só o tempo e a transformação positiva do lugar poderá dar alguma *chance* para a alteração da imagem, permitindo ao bairro mostrar que é um lugar muito mais rico e complexo que um simples antro para passagem de droga. É um lugar heterogéneo singular

“Sem as imposições estéticas, arquitectónicas e urbanísticas dos atuais projectos de urbanização, que acabam provocando a destruição da arquitetura e do tecido urbano original da favela para criar novos espaços sem identidade própria, dos quais, muitas vezes, a população local não se apropria e que ficam rapidamente deteriorados e abandonados.”⁴⁸

O *reajuste* sociocultural do processo de *cedências* para a construção do património cultural deve assim, “respeitar a especificidade da favela, tentando aprender com a sua complexidade cultural e riqueza formal.”⁴⁹

⁴⁸ JACQUES, Paola (2007), *A Estética da Ginga*, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p.14

⁴⁹ *Ibidem*



Fig.22: Crianças brincando na rua de uma favela.

Fonte: RODRIGUES, AF (19 de Janeiro de 2008) in www.dipity.com (consultado em 10/09/2010)

iv. Conclusão: a transformação sócio espacial e o habitar

As transformações socioeconómicas marcam o factor espaço-tempo como primordial no desenvolvimento da cidade. O arquitecto não pode mais projectar as suas obras com um fim definido e imutável, ele deve dar aos espaços a noção de que a sua apropriação deve ser espontânea por parte dos utentes e que, consoante as condições actuais e respectiva transformação, também o espaço se transforma acompanhando esse ritmo. O indivíduo torna-se livre para criar uma relação mais próxima com o espaço que habita transformando-o segundo as suas experiências e o seu percurso de vida. Do mesmo modo a cidade articula as suas partes e constrói espaços diversos e intensos de vida, complexos, que respeitam a interacção social autêntica e sincera entre os indivíduos.

“Os barracos das favelas são compostos de fragmentos; a aglomeração de barracos forma labirintos; estes, por sua vez, se desenvolvem pela cidade como rizomas.”⁵⁰

⁵⁰ JACQUES, Paola (2007), *A Estética da Ginga*, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p.15

V. O PROJECTO

i. Bairro vs Cidade

O Bairro da Cova da Moura e a cidade de Lisboa são dois lugares próximos, geograficamente, mas bastante afastados, devido às disparidades do espaço produzido e ao modo como os utentes apropriam esse espaço. Enquanto a cidade formal se transforma segundo planos urbanísticos e arquitectónicos produzidos por profissionais, o bairro segue os planos individuais e colectivos dos seus moradores que os definem sem respeito pelas normas estabelecidas pelo Estado. Deste modo, proponho que pesquisa e projecto se fundam promovendo as trocas entre ambos – bairro e cidade.

Sérgio Farjado, Prefeito de Medellín, cidade colombiana que se desenvolve no Vale de Aburrá nas cordilheiras dos Andes, utilizou, em 2004-2005, uma estratégia semelhante para *re-unir* a cidade ao adoptar um sistema de transportes públicos, em anel, que liga a zona baixa – zona rica – à zona alta – zona pobre – associando-se a um conjunto de equipamentos culturais, como escolas, bibliotecas e museus, situados tanto nas zonas baixas como nas altas, servindo toda a cidade. Esta estratégia urbanística promoveu uma forte transformação, centrada na segurança, educação, cultura e desporto, sendo exemplo para outras cidades latino americanas que apresentam os mesmos problemas e servindo de referência para esta reflexão e prática de projecto.

A área de intervenção do projecto é na zona Nordeste do bairro da Cova da Moura, zona mais antiga e, por conseguinte, a que apresenta piores condições. Encontra-se delimitada pela Avenida da República como limite entre o bairro e a envolvente e pela rua Santa Filomena no interior do bairro.

Tal como foi referido anteriormente, também o bairro é um lugar singular produtor de sociabilidades coesas mas fechadas sobre si, devido ao estigma social a ele associado que funciona como barreira na relação com a cidade. Assim, o projecto propõe uma maior abertura entre ambos, através do rasgo da escadaria central, que convida a um fluxo entre o bairro e o exterior. Este rasgo segue a extensão do cinturão interno do bairro formado pelas ruas da Paz, Reis, Madeira e S. Tomé e Príncipe para o exterior até à Avenida da República.

Esta avenida que limita o bairro funciona como artéria principal de mobilidade e acessibilidade através do sistema de transportes públicos – autocarros e comboio – e privados – como carros particulares. Face ao carácter urbano da mesma e aproveitando a forte inclinação da vertente, as plataformas que recebem os módulos habitacionais e as actividades privadas estão sobrelevadas em relação à cota da avenida. A transição entre cotas acontece segundo um sistema de escadas e balcões públicos que culminam na Avenida da República. O transeunte é convidado a deslocar-se pelos balcões através das escadas que o guiam para as plataformas superiores. Ao longo do percurso encontram-se lojas de pequeno comércio que estimulam o fluxo da frente virada à Avenida da República. Estas lojas são apoiadas pela praça/miradouro que surge a meio da escadaria central e funciona com feiras gastronómicas temporárias que estimulam a perpetuação da identidade cultura do bairro.

A frente virada para o interior do bairro promove as sociabilidades mais subtis abrindo uma praça rebaixada relativamente ao nível da rua Santa Filomena. Esta praça serve os módulos construídos funcionando como afastamento em relação à rua transitável por veículos e como espaço receptáculo do fluxo proveniente da escadaria.

Esta escadaria funciona como distribuidora dos utentes pelas ruas e espaços interiores, como habitações, praças, largos, campo de actividades.

A concepção do espaço parte de plataformas que se unem por um sistema de escadas – coluna vertebral – onde espaço público exterior – ruas, largos, praças – e espaço semi-público e privado – módulos habitacionais, se articulam consoante os desejos dos

utentes. Este jogo permite aos utentes/moradores pensarem o espaço consoante as suas necessidades e em comunidade, na presença de profissionais que os aconselham e introduzem aspectos relevantes no processo.

Num primeiro momento no presente relatório abordo o tema da densidade e, assim, proponho que partindo de um sistema evolutivo se apresente ora um esquema menos denso (fig.23), onde o espaço privado ocupa menor área, ora um esquema mais denso (fig.24), quando a habitação ganha área ao crescer. Esta situação desenvolve-se à medida que chegam novos moradores ao bairro e necessitam de um lar ou quando os que lá habitam sentem necessidade de ter mais espaço. Assim, a densificação acontece pelo incremento da área habitacional do módulo inicial.



Fig.23: Esquema de densidade.

Pensamento idêntico foi aplicado por Charles Correa, no projecto casa-pátio em Jodhpur (1986) (fig.25), onde o autor segue um esquema semelhante ao proposto, quando ao articular módulos habitacionais, cria espaços privados, semi-públicos e públicos para a comunidade. O esquema pode atingir valores mais ou menos densos consoante a quantidade de módulos agregados.

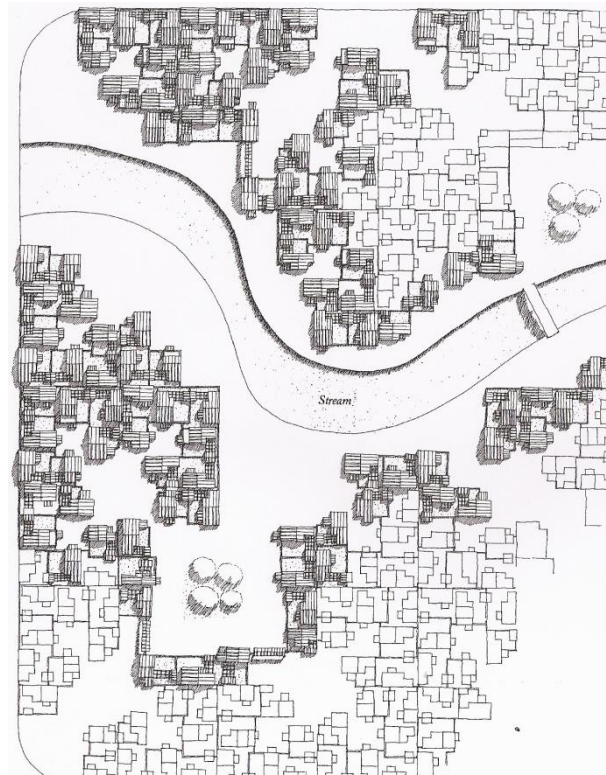


Fig.24: Projecto casa-pátio em Jodhpur (1986).

Fonte: CORREA, Charles (1989), *The new landscape : urbanisation in the third world*, Oxford: Butterworth Architecture, p.58

ii. Bairro vs. Comunidade

O bairro é maioritariamente habitacional com pequenos comércio associados às habitações e relacionados directa ou indirectamente com a rua, conferindo-lhe um carácter peculiar. Esta é uma característica muito forte e importante, que o projecto pretende preservar sendo visível nos módulos habitacionais projectados: num primeiro piso desenvolve-se a habitação (associado à rua de cota superior), num piso inferior a loja/ comércio (associado à rua de cota inferior), e num piso superior o terraço preparado para receber as infra-estruturas necessárias à construção doutro piso habitacional complementar ao existente.

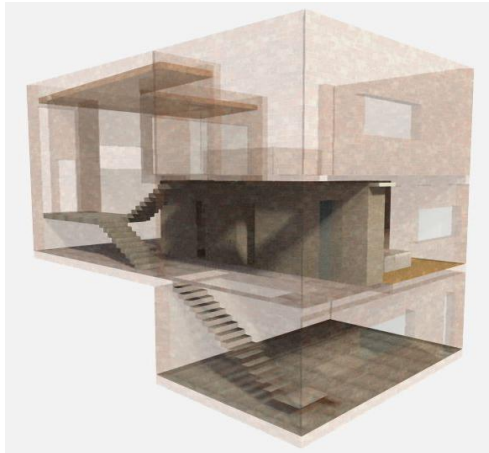


Fig.25: Módulo habitacional inicial.

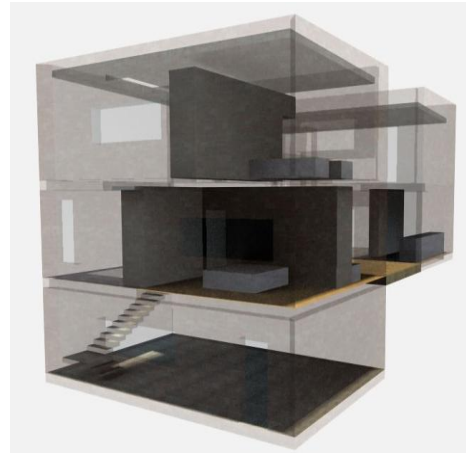


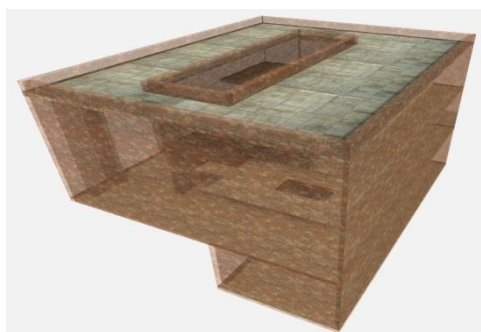
Fig.26: Módulo habitacional expandido.

Os pisos do módulo habitacional organizam-se do seguinte modo: o primeiro piso, desenvolve-se em redor de um pátio que permite, além de iluminação e ventilação, apoio às áreas a ele associadas, como a zona de dormir (organizada pelo quarto de criança/solteiro e o quarto de casal), a I.S., a cozinha e a sala, neste piso existe também o núcleo de acessos para os pisos inferior (estúdio/loja) e o piso superior (terraço); no piso inferior, com um terço da área do piso anterior, desenvolve-se a loja/estúdio com planta livre, este piso encontra-se, igualmente, directamente relacionado com a rua, de modo a garantir a sua independência; o piso superior, com dois terços da área do primeiro piso, funciona como terraço, e posteriormente poderá crescer como complemento ao módulo, segundo as necessidades dos utentes. A casa flexível permite maior liberdade aos moradores, que a desenvolvem através da auto-construção e segundo as suas necessidades e capacidades económicas.

Os módulos podem articular-se entre si, consoante as necessidades e desejos dos moradores, e podem sofrer transformações: é o caso do módulo que se articula com outro módulo e duplica a sua área, situação desejada no caso de uma família maior; ou o caso do pátio que perde a sua função privada/íntima e se exterioriza tornando-se público e complementando a área interior relativa ao estúdio/loja. As diferenças acontecem espontaneamente, criando uma organização orgânica e coerente.



Módulo: Tipologia base.



Módulo: Tipologia dupla.



Módulo: Tipologia dupla.

Fig.27: Vários tipos de articulação entre os módulos habitacionais.

iii. Construção vs. Custos

Tendo em conta que o bairro da Cova da Moura se insere num contexto de pobreza, apresenta, como foi anteriormente referido, construções feitas de alvenaria de tijolo, encontrando-se ainda construções mais precárias construídas de pedaços de madeira e até placas de zinco, estas quase raras. Deste modo, a estrutura não é correctamente

dimensionada para os esforços a que está sujeita e as habitações apresentam inúmeras carências de habitabilidade e salubridade, pondo em perigo quem nelas habita.

Os módulos propostos pretendem superar essas carências ao oferecerem uma estrutura de betão armado em pórtico e paredes em alvenaria de tijolo. Esta estrutura é correctamente dimensionada promovendo espaços devidamente dimensionados, ventilados e iluminados. É um sistema estrutural inteligente que reduz os custos de construção, o que no contexto do bairro é um factor fundamental. As paredes de empena são, deste modo, paredes cegas, abrindo-se os vãos no sentido da inclinação da encosta e beneficiando, assim, com as vistas da envolvente.

No final do século XIX, Adolf Loos defendeu a ideia de “uma parede, duas casas”, aplicável a contextos de pobreza e testada mais recentemente em inúmeros projectos-piloto, com resultados positivos, como foi o caso das operações SAAL (1974-1975) em Portugal ou o processo PREVI (1970) no Perú.

Constrói-se, deste modo, a *casa do (i)migrante* que procura adequar-se aos meios existentes no local para a construção de um módulo habitacional flexível que com ele se identifique sendo, assim, facilmente transformável pelo próprio utente.

O isolamento térmico e acústico em cortiça apresenta inúmeras vantagens de aplicação no contexto do bairro da Cova da Moura: (i) Portugal é responsável por mais de 50% da produção mundial de cortiça; (ii) é o “melhor isolamento ecológico do mundo”⁵¹ por ser um material natural e renovável, e por isso sustentável, promovendo a biodiversidade e combatendo a desertificação⁵²; (iii) excelente anti-vibrático; (iv) “podem passar 50 anos e o isolamento está perfeito, não há qualquer perda de características”⁵³; (v) “finalmente há outro aspecto, é que após demolições este material é totalmente

⁵¹ VIEIRA, Pedro Luís (26 de Setembro de 2008), “A cortiça é o melhor isolamento ecológico do mundo”, in www.construir.pt (consultado em 07/8/2010)

⁵² *Ibidem*

⁵³ *Ibidem*

reciclável, ou seja, reutilizável.”⁵⁴ No entanto é um material caro no curto prazo, mas tendo em conta as suas características, a “longo prazo acaba por compensar.”⁵⁵

Existem já grandes obras como o Pavilhão de Portugal (2000) na Expo Hannover, obra dos arquitectos Siza Vieira e Souto Moura, “em que a cortiça foi aplicada sem qualquer tipo de revestimento ou protecção.”⁵⁶ Assim, tendo em conta o bom desempenho do material e a beleza da sua textura, Siza Vieira avançou com outro projecto onde aplica cortiça à vista, a Adega da Quinta do Portal em Sabrosa (fig.29). Os exemplos da aplicação de cortiça como isolamento térmico e acústico em projectos de arquitectura multiplicam-se e os resultados surpreendem e, embora não exista actualmente nenhum projecto que proponha o uso de cortiça em construções de baixo custo, creio que este seja o próximo passo para um futuro sustentável determinante e enriquecedor.

⁵⁴ *Ibidem*

⁵⁵ *Ibidem*

⁵⁶ *Ibidem*



Fig.28: Quinta do Portal em Saborosa.

Fonte: Internet.

O tema do uso de materiais locais é também defendido por John Turner, autor já referido no corpo do presente relatório, pois são facilmente acessíveis aos moradores/construtores, e contribuem como grande vantagem para o desenvolvimento sustentável da comunidade.

Assim, o incremento do módulo habitacional acontece no mesmo material – tijolo – pois possibilita uma construção barata e de fácil acesso aos moradores/construtores, quase todos homens que trabalham na construção civil, promovendo assim, também, a reciclagem urbana. Esta fase é posterior e acontece quando a família necessita de mais espaço tanto para habitação como para apoio ao módulo inicial. Os espaços são pensados pelos moradores juntamente com os especialistas que acompanham todas as

fases de construção, garantindo uma justa proporção entre o desejo dos utentes e a viabilidade de construção.

A estética surge no processo não como causa primeira, mas como resultado de um conjunto de factores que se tornam fundamentais na transformação do espaço. Esse espaço produzido, a *casa do (i)migrante*, apresenta uma imagem pouco usual que define o contexto em que germinou, a cidade informal.

Anexo de imagens do bairro da Cova da Moura



Fig.1, 2 e 3: Vista da frente do bairro para a Av. Da República.



Fig.4: Vista das coberturas das construções do bairro.

Fig.5: Rua do bairro.



Fig.6: Vistas do bairro.



Fig.7: Largo da rua de Santa Filomena.



Fig.8, 9 e 10: Escadarias no bairro.



Fig.11: Vista Av. da República.



Fig.12: Portão de entrada lateral.



Fig.13: Passagem superior.



Fig.14: Palavras de incentivo à comunidade.



Fig.15: Rua do bairro.



Fig.16: Roupa protegida por rede metálica.



Fig.17: Vistas do bairro (acentuado declive).



Fig.18: Extensão de pilares.



Fig.19: Mau estado das ruas.



Fig.20: Rua do bairro.



Fig.21: Armazéns/oficinas no bairro.



Fig.22: Lixo por recolher no bairro.

BIBLIOGRAFIA

ANGÉLIL, Mark; HEBEL, Dirk (2009), *Cities of Change, ADDIS ABABA, Transformation strategies for urban territories in the 21st century*, Basel: Birkhauser

ASCHER, François (2010), *Novos princípios do urbanismo*, Lisboa: Livros Horizonte

BANDEIRINHA, José António (2007), *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*, Coimbra: Imprensa da Universidade

BAPTISTA, Luis Vicente; PINHEIRO, Magda; VAZ, Maria João (2001), *Cidade e Metrópole: centralidades e marginalidades*, Lisboa: Celta

BAUMAN, Zygmunt (2009), *Confiança e Medo na Cidade*, São Paulo: Jorge Zahar Editor Ltda.

BORJA, Jordi; MUXI, Zaida (2003), *El espacio publico: ciudad y ciudadanía*, Bracelona: Electa

CAÇOILA, Sandra Marina Monteiro da Silva (2007), *Cidade informal e os paradigmas da contemporaneidade: o contexto actual das áreas urbanas de génese ilegal no concelho de Oeiras*, Tese de Mestrado, FAUTL

CALVINO, Italo (2008), *As cidades invisíveis*, Lisboa: Teorema

CARDOSO, Ana (1993), *A outra face da cidade: pobreza em bairros degradados de Lisboa*, Lisboa: Câmara Municipal

CASTRO, Alexandra, Fevereiro de 1998, “As Construções dos Emigrantes e a Legitimidade de uma Estética Singular”, *Sociedade e Território*, Lisboa, pp.80-86

CHOAY, Françoise (2005), *O Urbanismo*, São Paulo: Perspectiva, (6ª edição)

COELHO, António Baptista; COELHO, Pedro Baptista (2009), *Habitação de interesse social em Portugal 1988-2005*, Lisboa: Livros Horizonte

CORREA, Charles, Junho de 2001, “Charles Correa na faculdade”, *Cadernos da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa*, Lisboa, pp.96-101

CORREA, Charles (2000), *Housing and Urbanisation*, Londres: Thames and Hudson

CORREA, Charles (1989), *The new landscape : urbanisation in the third world*, Oxford: Butterworth Architecture

CULLEN, Gordon (2008), *Paisagem Urbana*, Lisboa: Edições 70

DAVIS, Mike (2006), *Planeta Favela*, São Paulo: Boitempo Editorial

ECO, Umberto (2009), *Como se faz uma tese em ciências sociais*, Lisboa: Editorial Presença

FATHY, Hassan (2009), *Arquitectura para os Pobres, Uma Experiência no Egípto Rural*, Lisboa: Argumentum, Dinalivro

GARCÍA-HUIDOBRO, Fernando; TORRITI, Diego Torres; TUGAS, Nicolás (2008), *El Tiempo Construye!*, Barcelona: Gustavo Gili

HALL, Edward T. (1986), *A Dimensão Oculta*, Lisboa: Relógio D'Água

INE (2008), “Estatísticas Demográficas”, in www.ine.pt (consultado em 27/09/2010)

JACOBS, Jane (2007), *Morte e Vida de Grandes Cidades*, São Paulo: Martins Fontes

JACQUES, Paola (2007), *A Estética da Ginga*, Rio de Janeiro: Casa da Palavra

JAURÉGUI, Jorge Mário, “Eco-bairros, O porvir da habitação de interesse social”, “Condensações, Pensamentos, absorções e contaminações em torno de questões relativas à arquitectura no século XXI”, “Anti-Urbanismo e ocupação não sustentável do território”, “Megacidades, Crescimento descontrolado e falta de espaços democráticos de carácter congregador”, “Nuevas respuestas para las metrópolis contemporâneas”, “San Pablo”, in www.jauregui.arq.br (consultado em 26/03/2010)

LAMAS, José M. Ressano Gracia (2004), *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

LEITE, Carolina, Fevereiro de 1989, “Casa de Emigrantes: Gosto de alguns, Desgosto de muitos”, *Sociedade e Território*, Lisboa, pp.67-71

LNEC (2008), *Colaboração do LNEC na análise das Condições de Habitabilidade do edificado no Bairro do Alto da Cova da Moura. Avaliação das Necessidades de Reabilitação do Edificado*. Relatório 366/2008 – DED/NAU, Lisboa: LNEC

LOPES, Anaísa (2007), *Habitar: etnicidade: tipos habitacionais no bairro da Cova da Moura: caracterização e qualificação*, Relatório de Estágio em Arquitectura, FAUTL

LYNCH, Kevin (2009), *A Imagem da Cidade*, Lisboa: Edições 70

MOZAS, Javier (2006), *Nueva Vivienda Colectiva*, Madrid: A+t edicções

RAPOPPORT, Amos (1969), *House, Form and Culture*, New Jersey: Prentice-Hall, Inc.

ROSSI, Aldo (2009), *A Arquitectura da Cidade*, Lisboa: Edições 70

RUDOFISKY, Bernard (1981), *Architecture without Architects*, Londres: London Academy

SALGUEIRO, Teresa Barata (2001), *Lisboa: Periferia e Centralidades*, Lisboa: Celta

TURNER, John F. C. (1976), *Housing by People*, Londres: Pantheon Books

VIEIRA, Pedro Luís (26 de Setembro de 2008), “A cortiça é o melhor isolamento ecológico do mundo”, in www.construir.pt (consultado em 07/8/2010)

VILLANOVA, Roselyne; LEITE, Carolina; RAPOSO, Isabel (1995), *Casas de Sonhos*, Lisboa: Edições Salamandra

Filmes

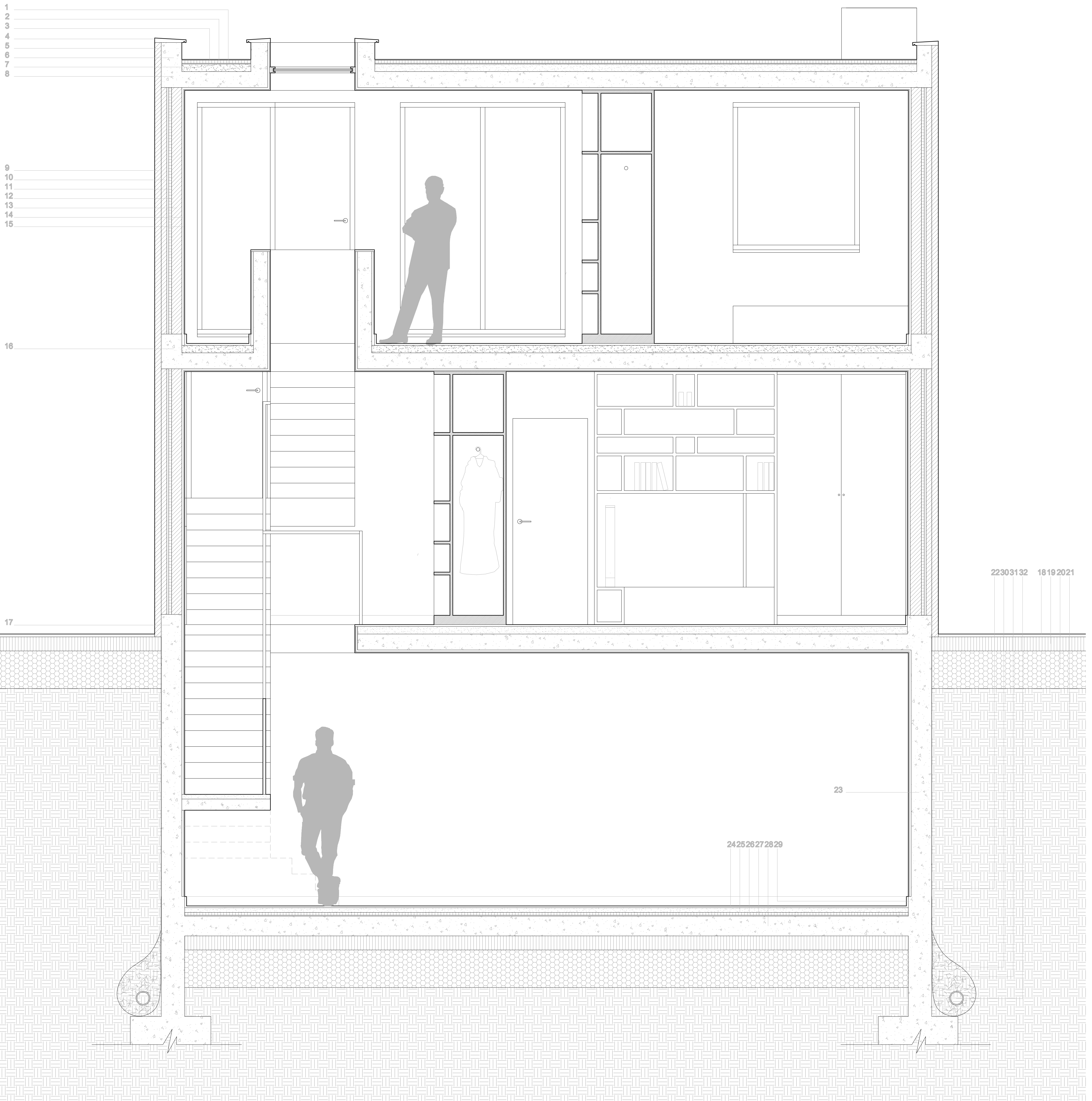
BRILLEMBOURG, Alfredo; KLUMPNER, Hubert; SCHRÖDER, Rob (2007), *Caracas, The Informal City*, Amesterdão: Submarine

HAAS, Bregtje van der (2005), *Lagos Wide & Close: an Interactive Journey into an Exploding City*, Amesterdão: Submarine

KHOPKAR, Arun (2009), *Charles Correa: Volumen Cero*, Índia: Fundación Caja de Arquitectos

des-sub-urbanizar

o papel do arquitecto como mediador entre a cidade formal e a cidade informal



Legenda:

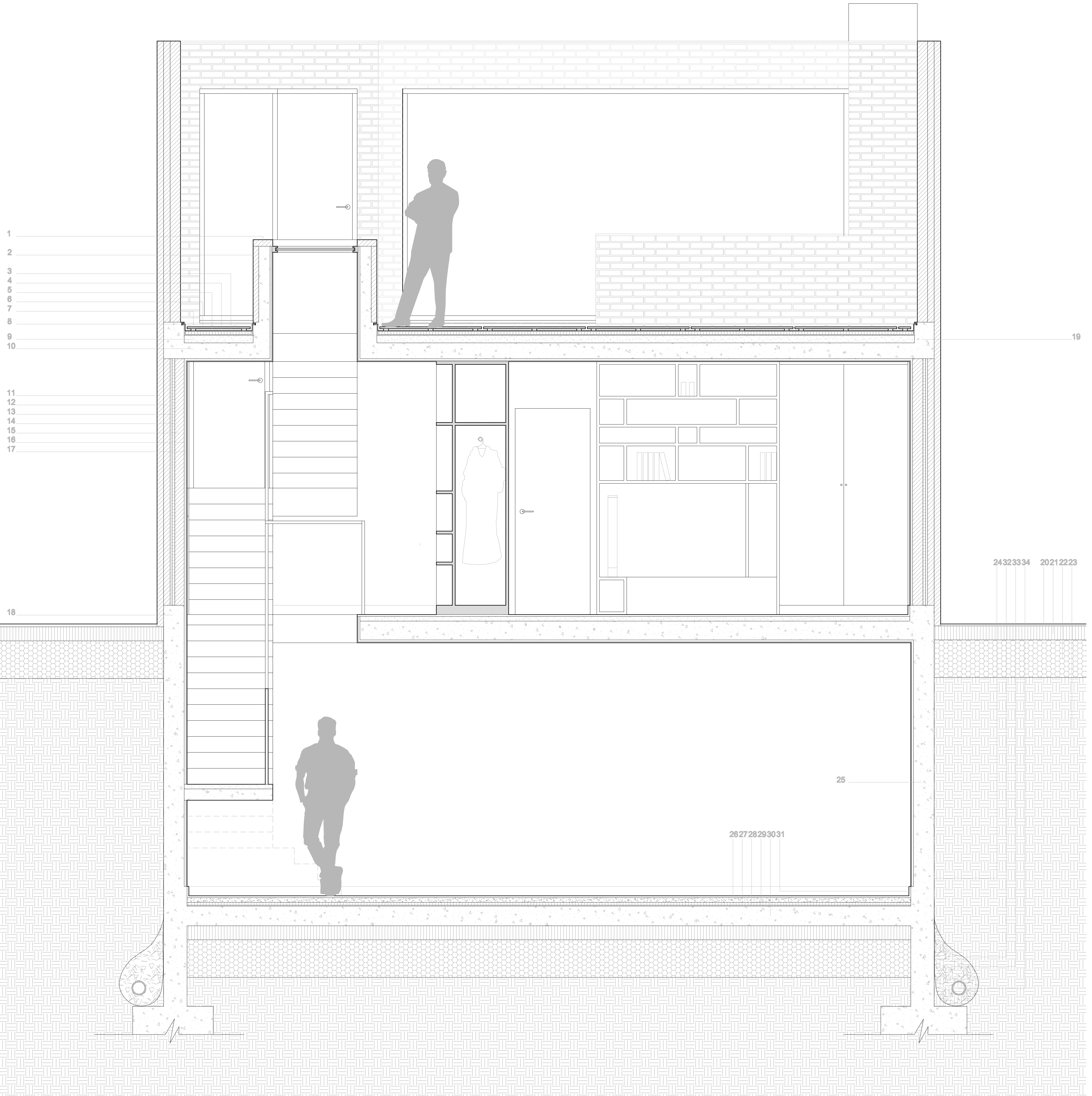
- 1- Barreira de vapor
- 2- Isolamento térmico - cortiça 3cm
- 3- Impermeabilização - Tela vinílica
- 4- Mosaico hidráulico encaixado à parede de betão
- 5- Isolamento térmico - cortiça 3cm
- 6- Viga invertida - betão armado
- 7- Camada de forma com pendente 2%
- 8- Laje de betão armado 20cm
- 9- Tijolo á vista. Pano exterior de alvenaria de tijolo 7cm
- 10- Segundo pano de alvenaria de tijolo 7cm
- 11- Caixa de ar 2cm
- 12- Isolamento térmico - cortiça 3cm

- 13- Pano interior de alvenaria de tijolo 11cm
- 14- Reboco interior
- 15- Estuque
- 16- Viga - betão armado
- 17- Meio fio - betão
- 18- Camada resistente - betonilha 3cm
- 19- Massame 15cm
- 20- Enrocamento 40cm
- 21- Camada de terra compacta
- 22- Membrana Enkadrain
- 23- Muro de betão armado 20cm
- 24- Porcelanato de vidro areia 60x60cm
- 25- Argamassa de betonilha de regularização 5cm

- 26- Isolamento térmico - cortiça 3cm
- 27- Barreira de vapor
- 28- Laje betão 20cm
- 29- Rodapé 10cm
- 30- Envolvimento em membrana Geotêxtil
- 31- Gravelha
- 32- Dreno diâmetro 10cm

des-sub-urbanizar

o papel do arquitecto como mediador entre a cidade formal e a cidade informal



- Legenda:

1- Tijolo encaixado ao muro de betão 7cm

2- Tijolo 7cm

3- Barreira de vapor

4- Isolamento térmico - cortiça 3cm

5- Impermeabilização - Tela vinílica

6- Deck de madeira 15x115cm

7- Suporte madeira transversal

8- Rogo para recebimento da membrana

9- Camada de forma com pendente 2%

10- Laje de betão 20cm

11- Tijolo á vista. Pano exterior de alvenaria de tijolo 7cm

12- Segundo pano de alvenaria de tijolo 7cm

13- Caixa de ar 2cm

14- Isolamento térmico - cortiça 3cm

15- Pano interior de alvenaria de tijolo 11cm

16- Reboco interior

17- Estuque

18- Meio fio - betão

19- Viga - betão armado

20- Camada resistente - betonilha 3cm

21- Massame 15cm

22- Enrocamento 40cm

23- Camada de terra compacta

24- Membrana Enkadrain

25- Muro de betão armado 20cm

26- Porcelanato de vidro areia 60x60cm

27- Argamassa de betonilha de regularização 5cm

28- Isolamento térmico - cortiça 3cm

29- Barreira de vapor

30- Laje betão 20cm

31- Rodapé 10cm

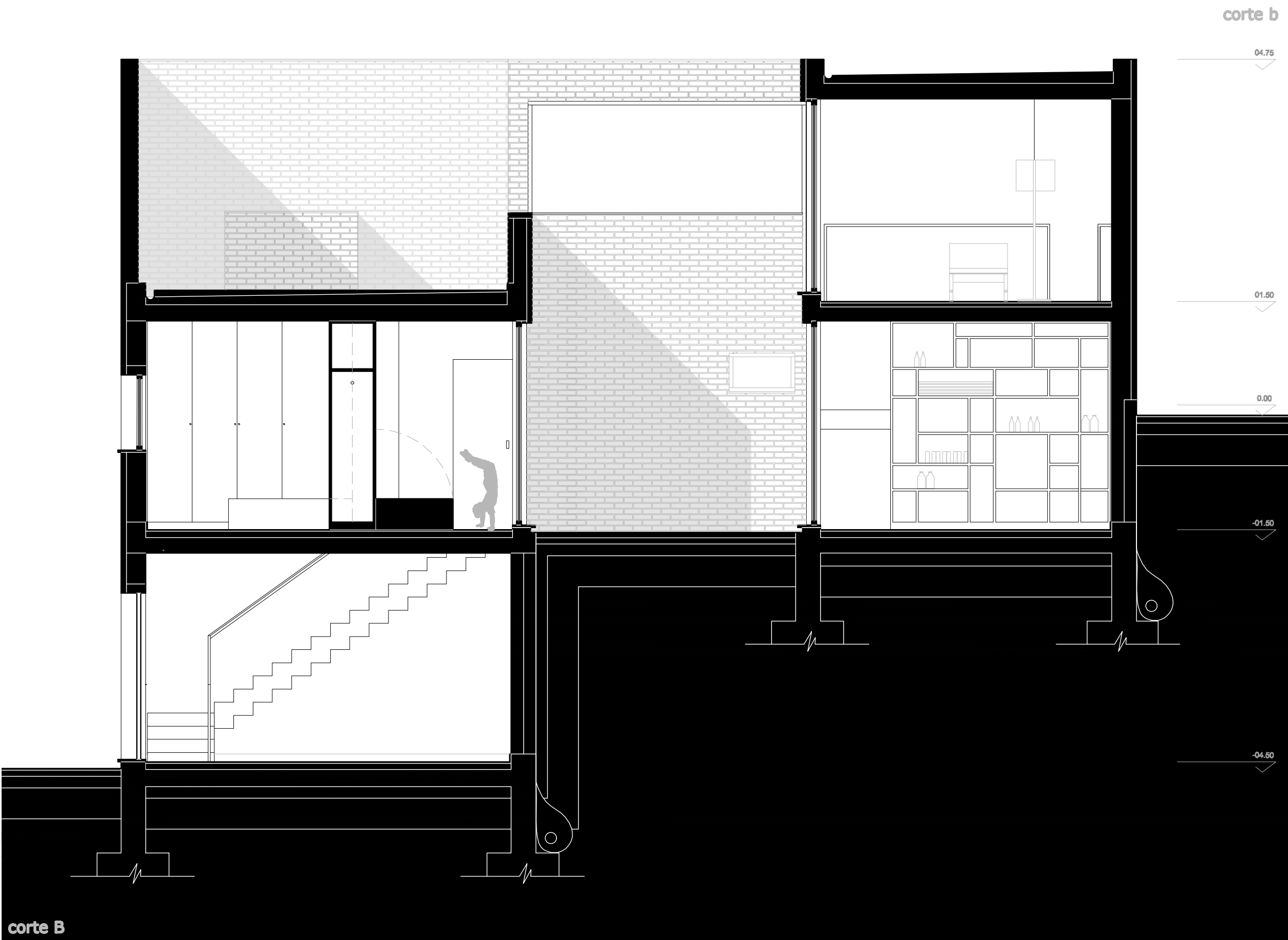
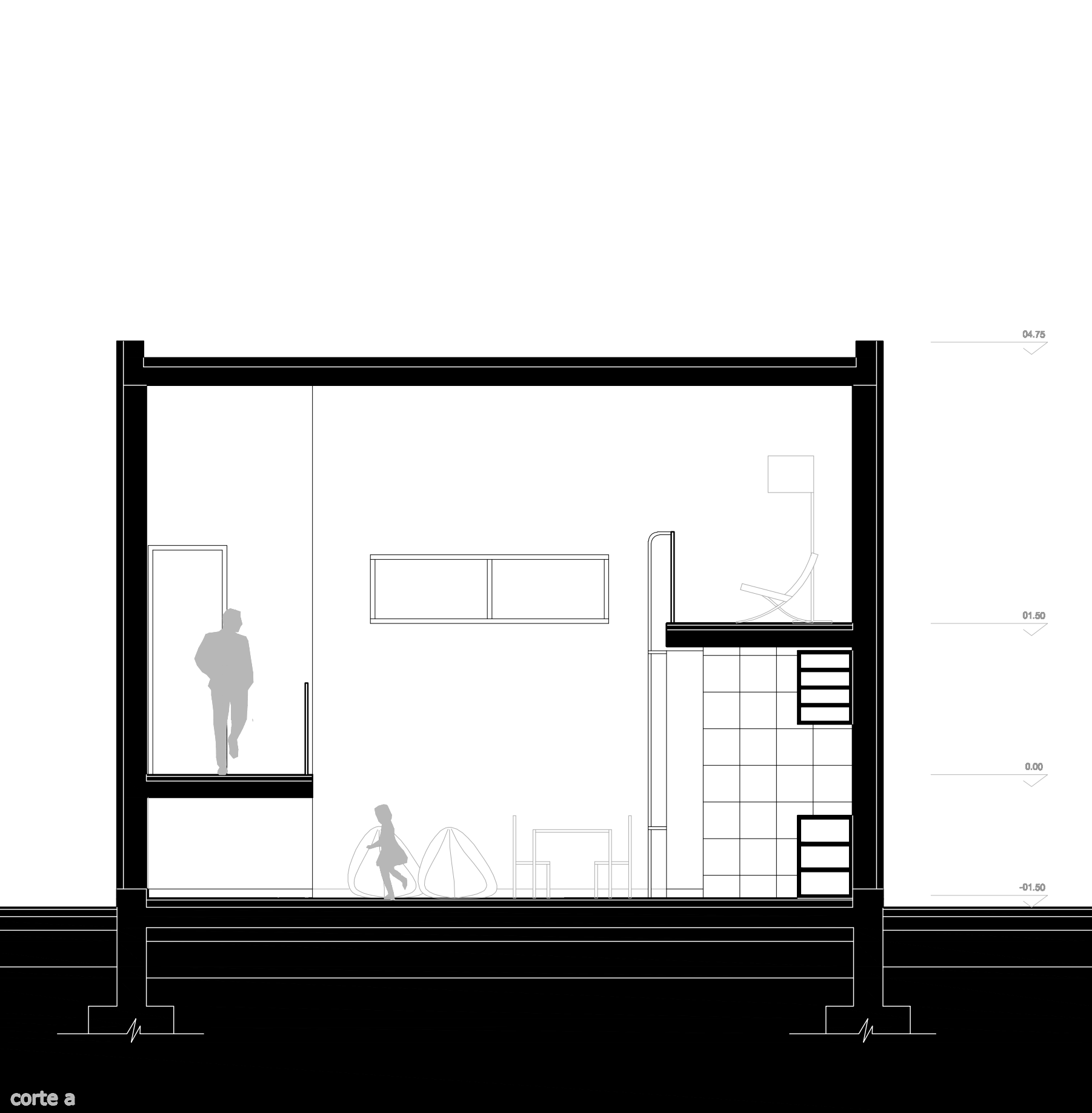
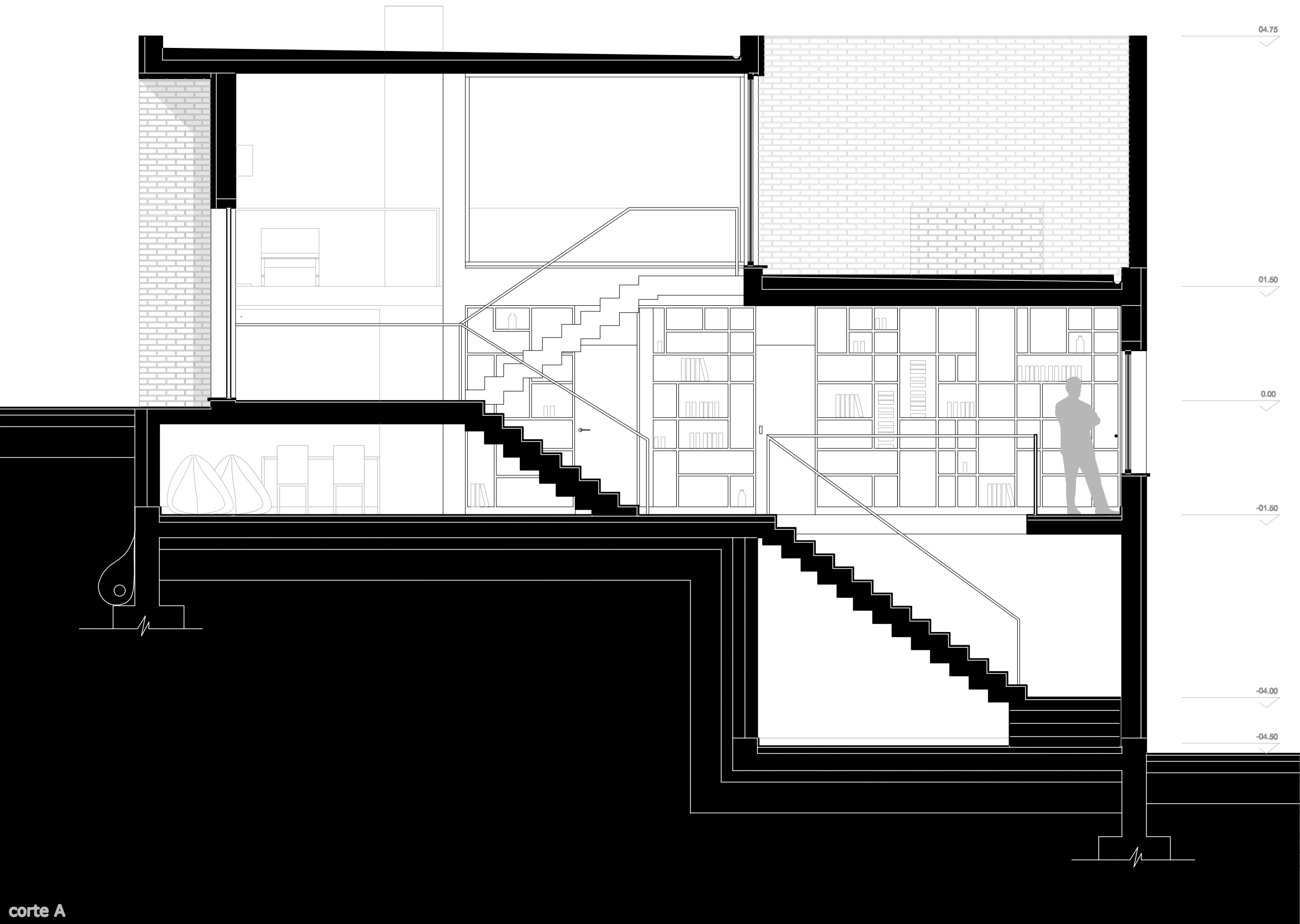
32- Envolvimento em membrana Geotêxtil

33- Gravilha

34- Dreno diâmetro 10cm

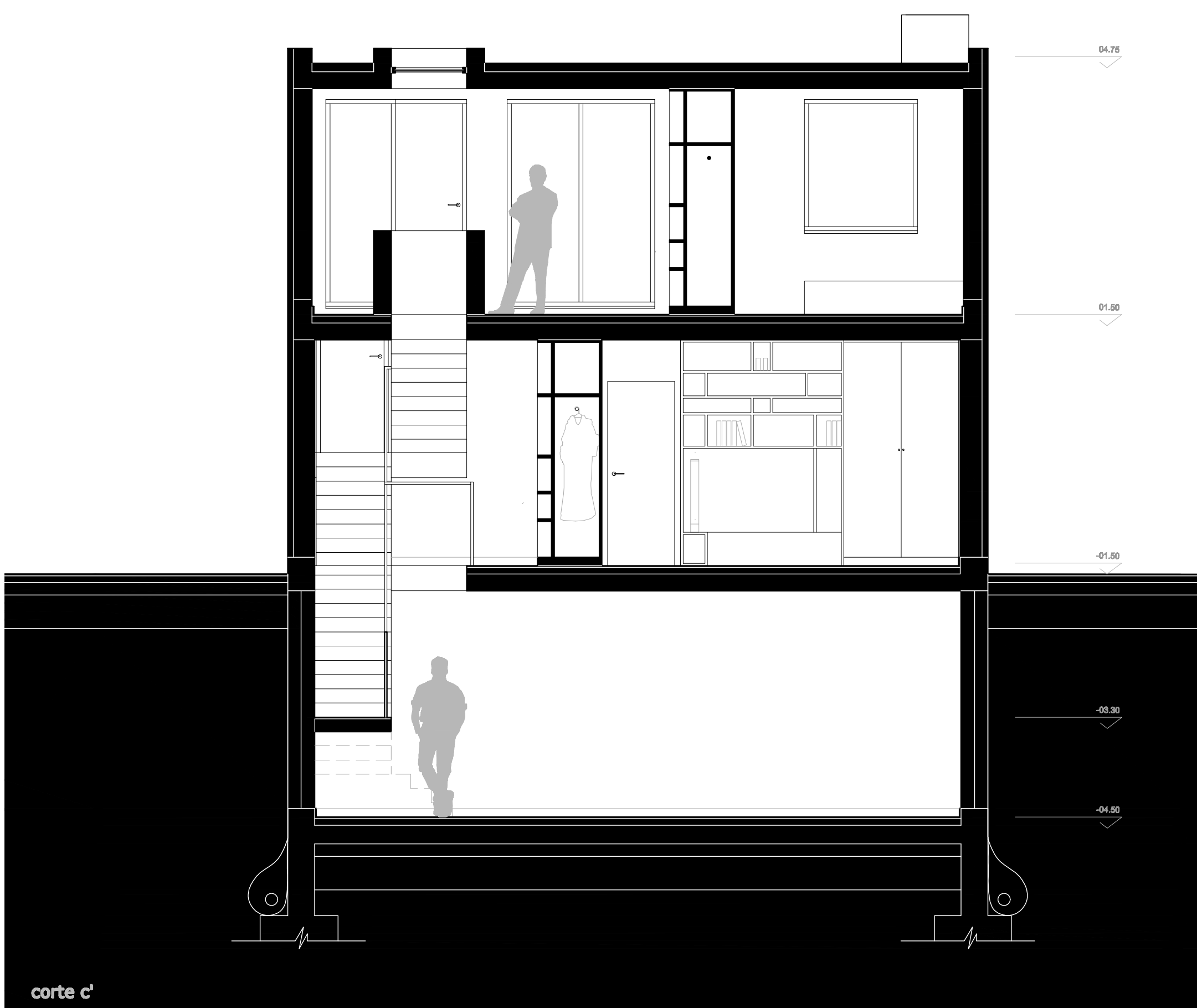
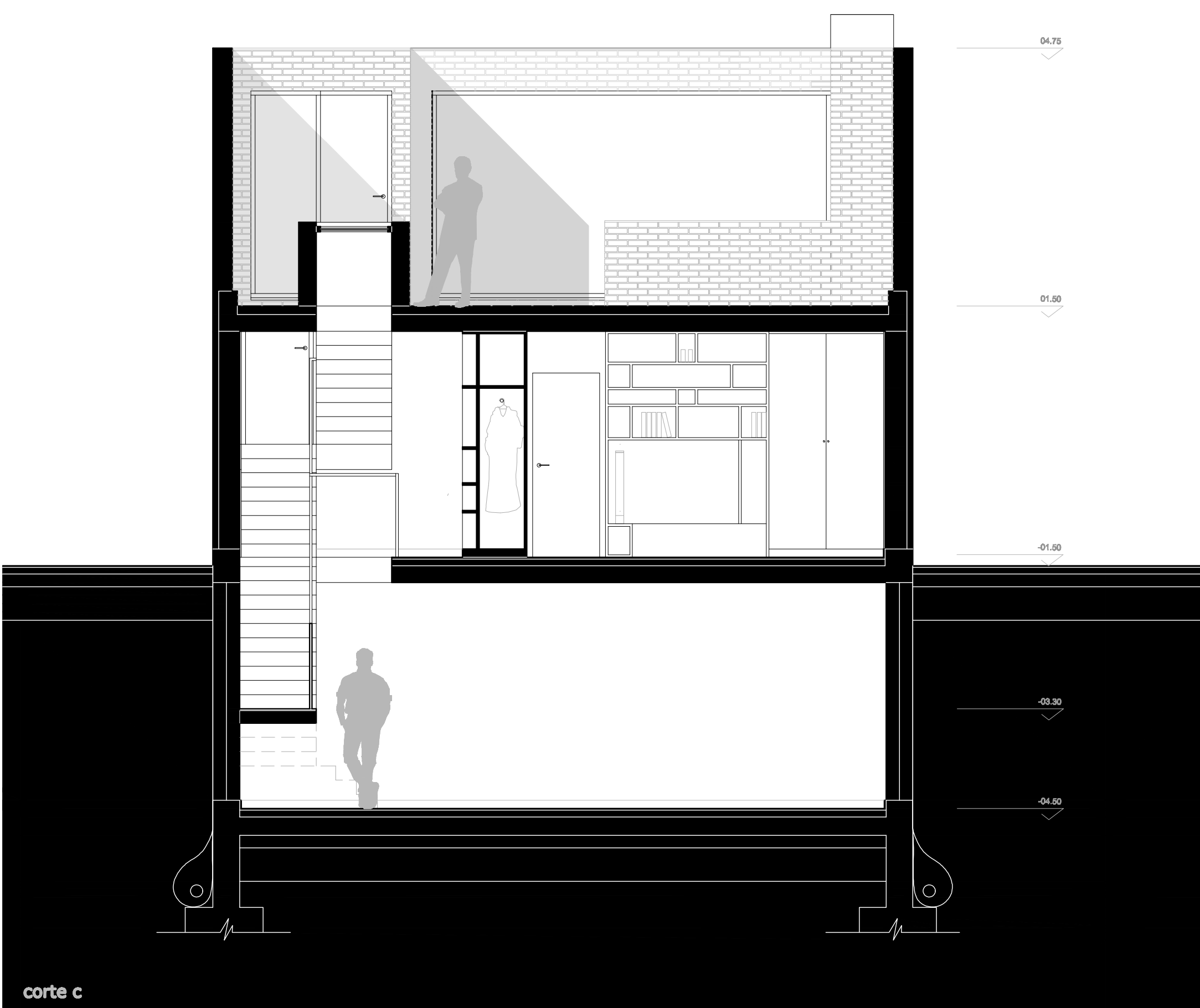
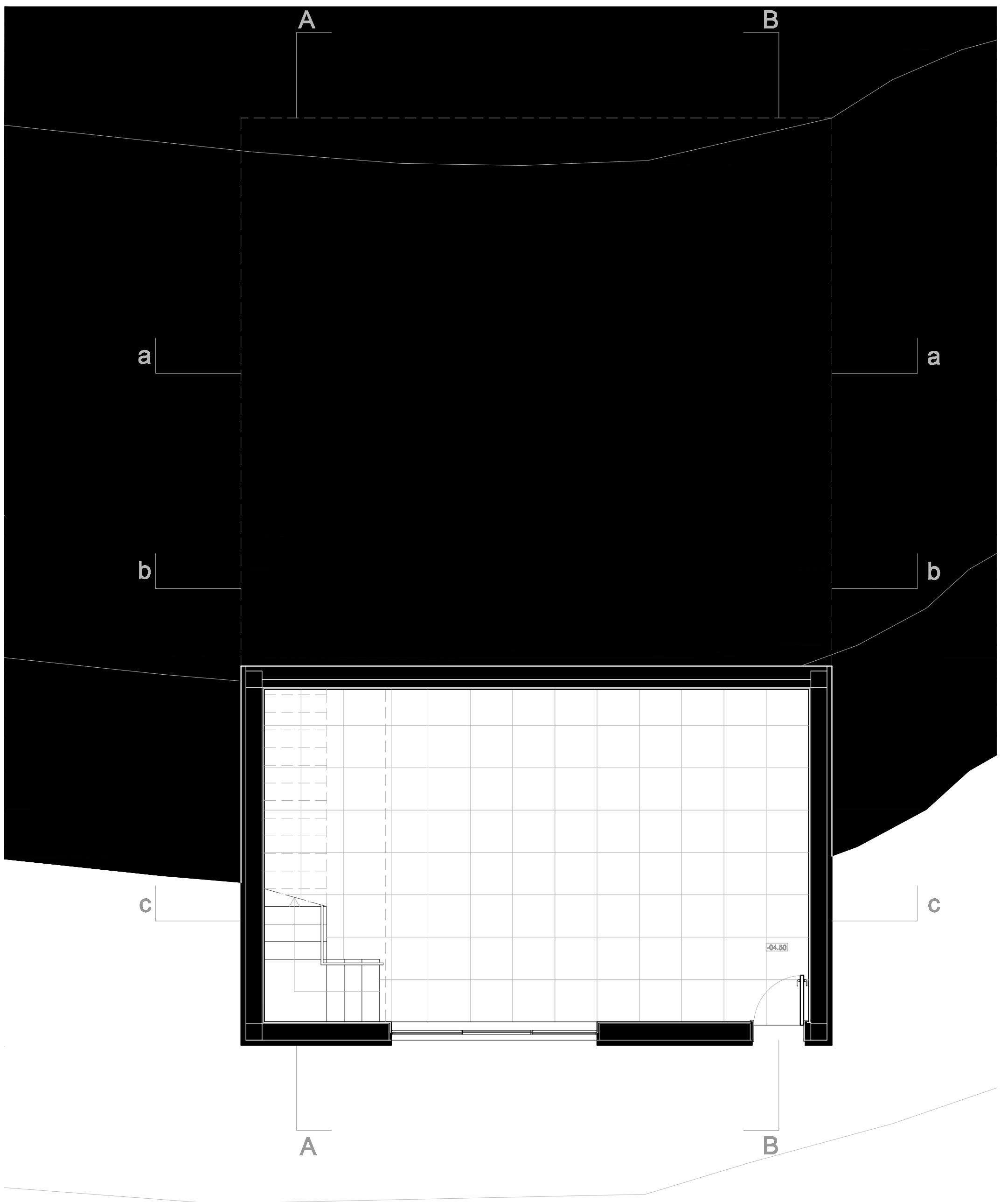
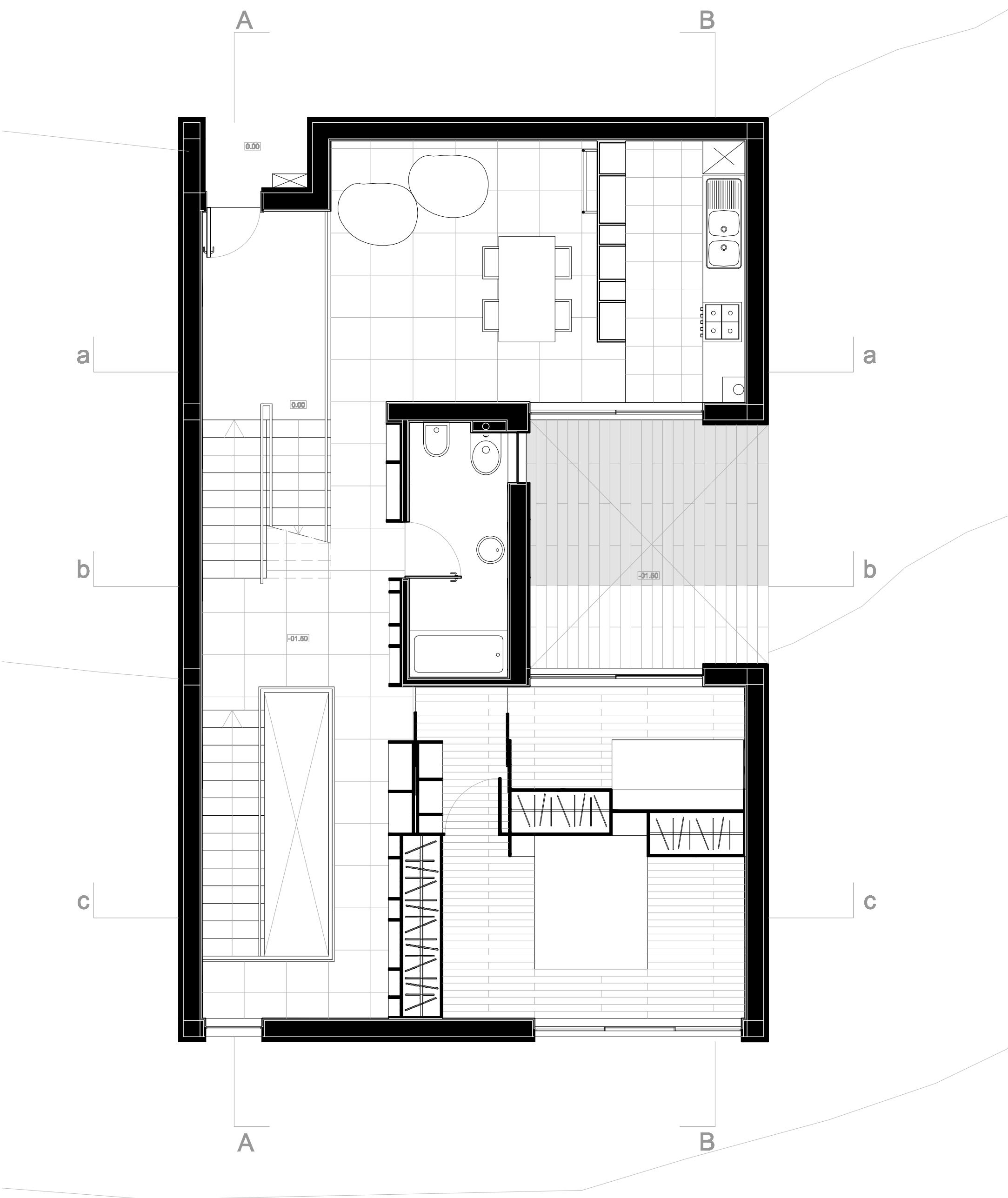
des-sub-urbanizar

o papel do arquitecto como mediador entre a cidade formal e a cidade informal



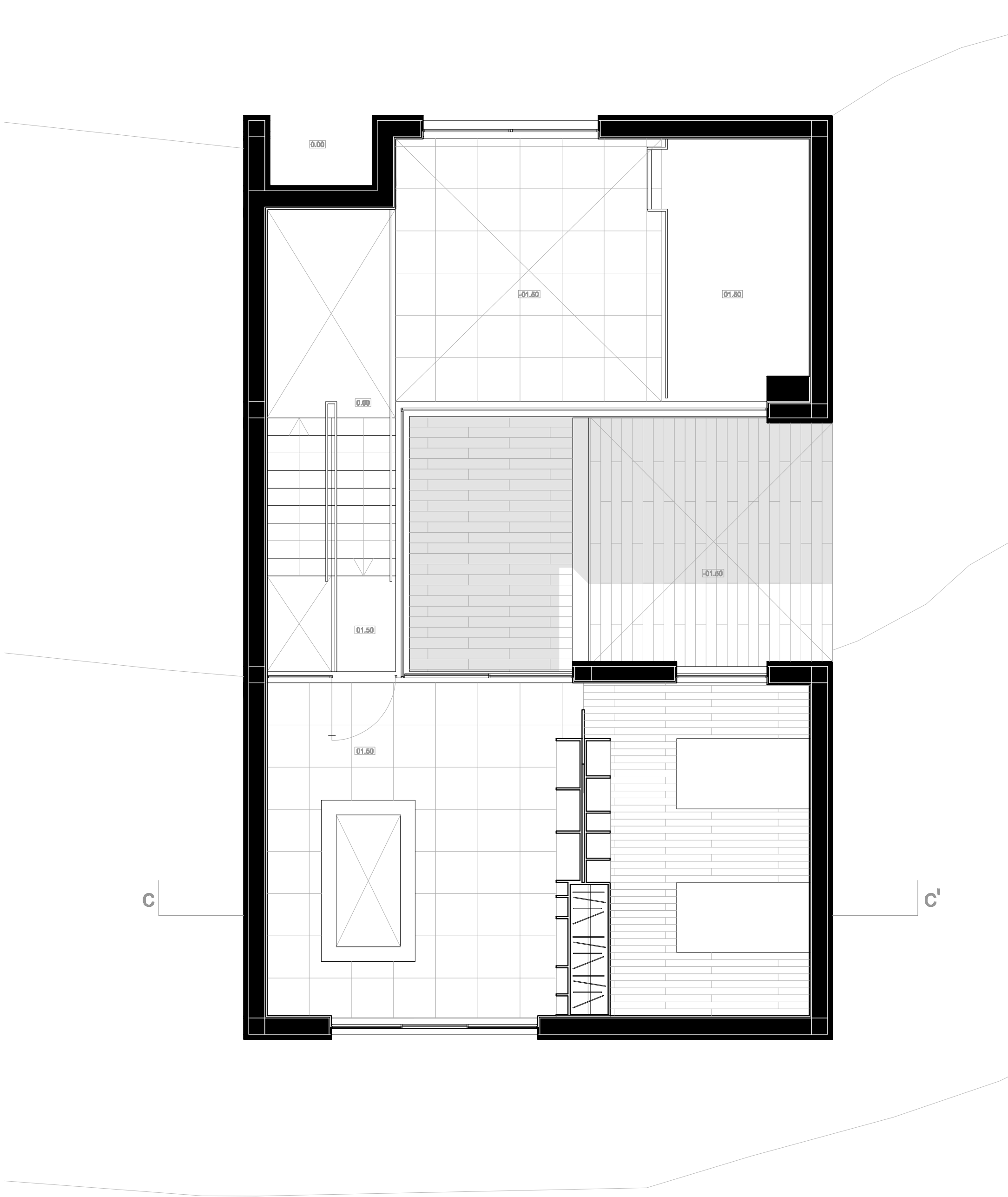
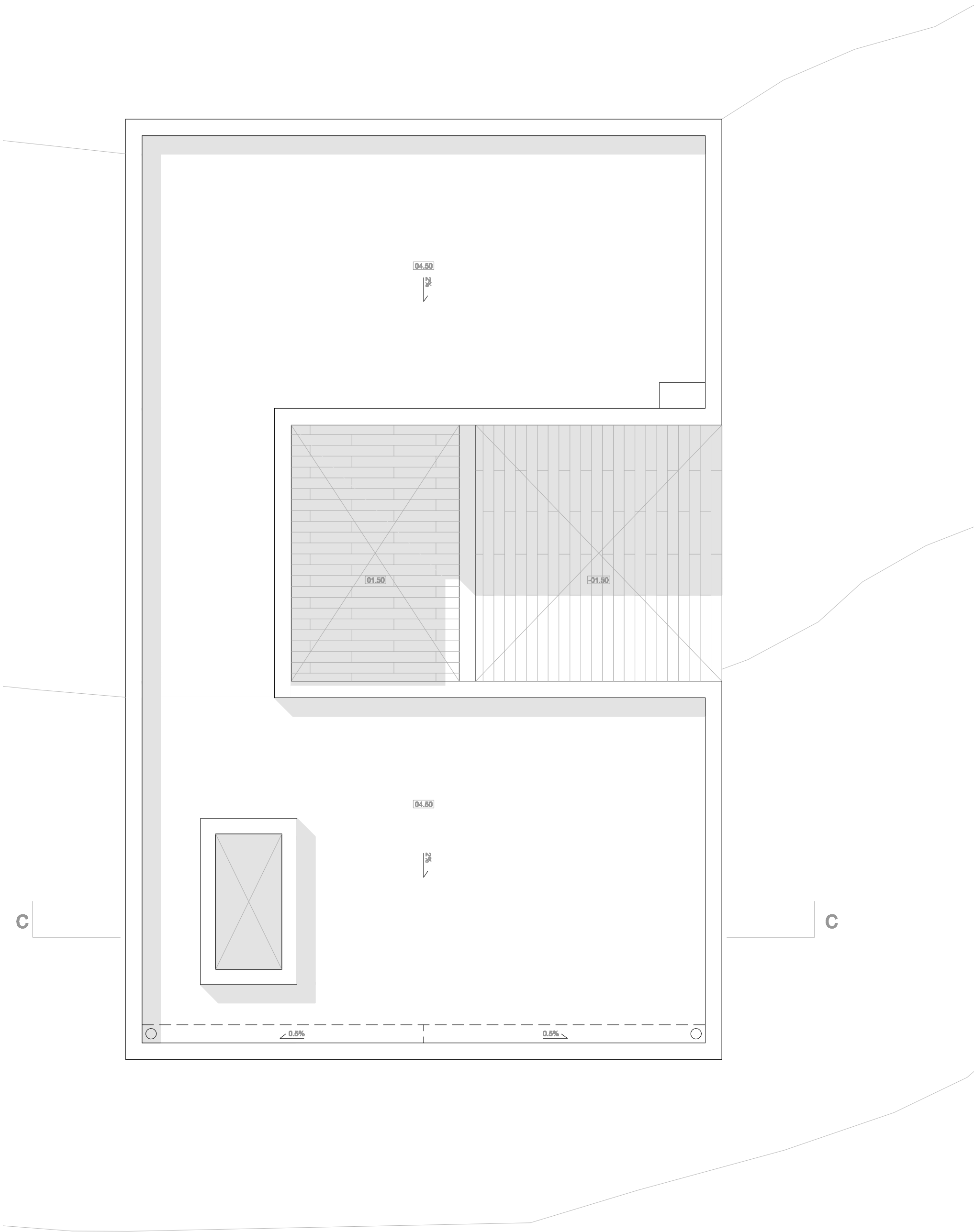
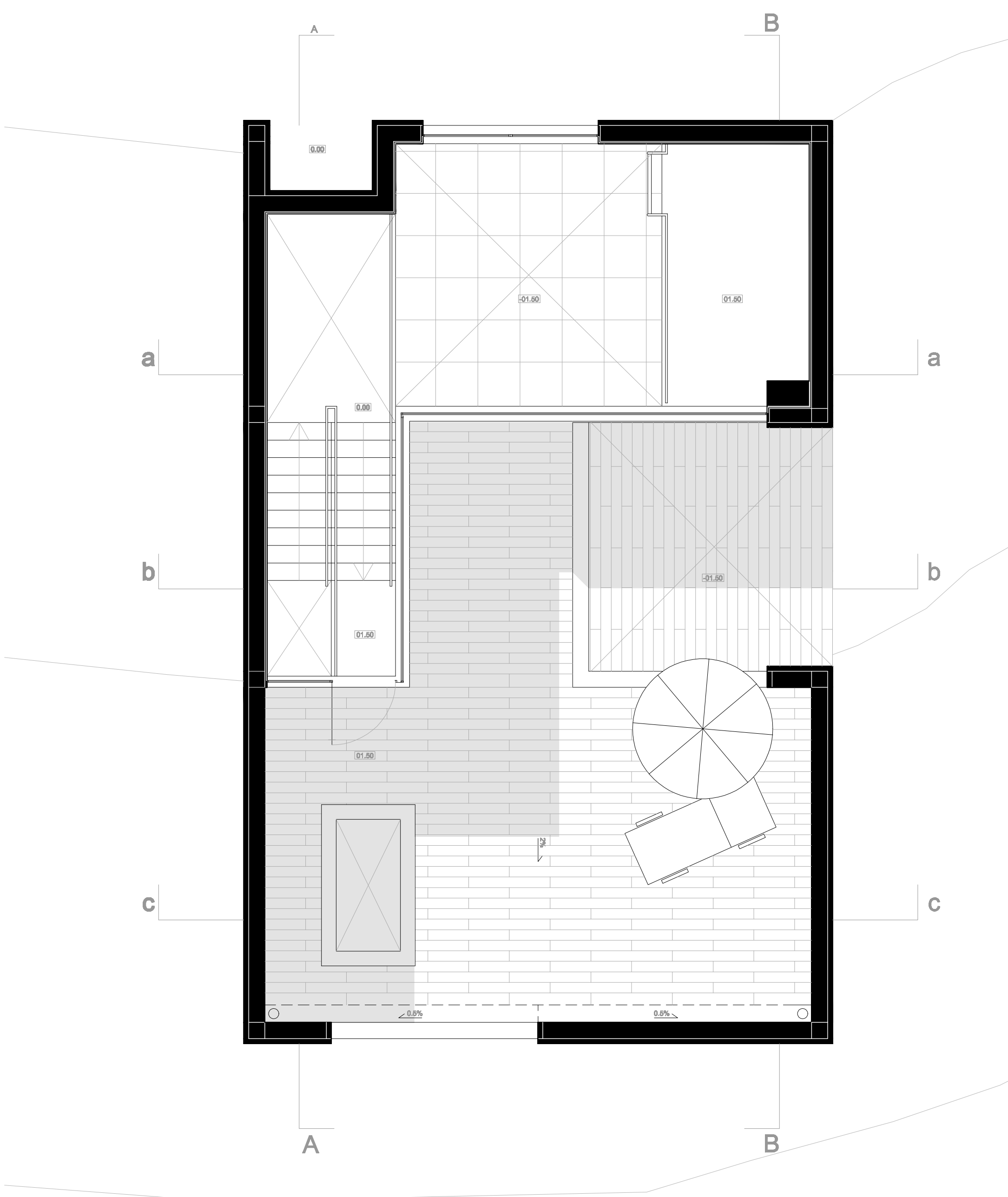
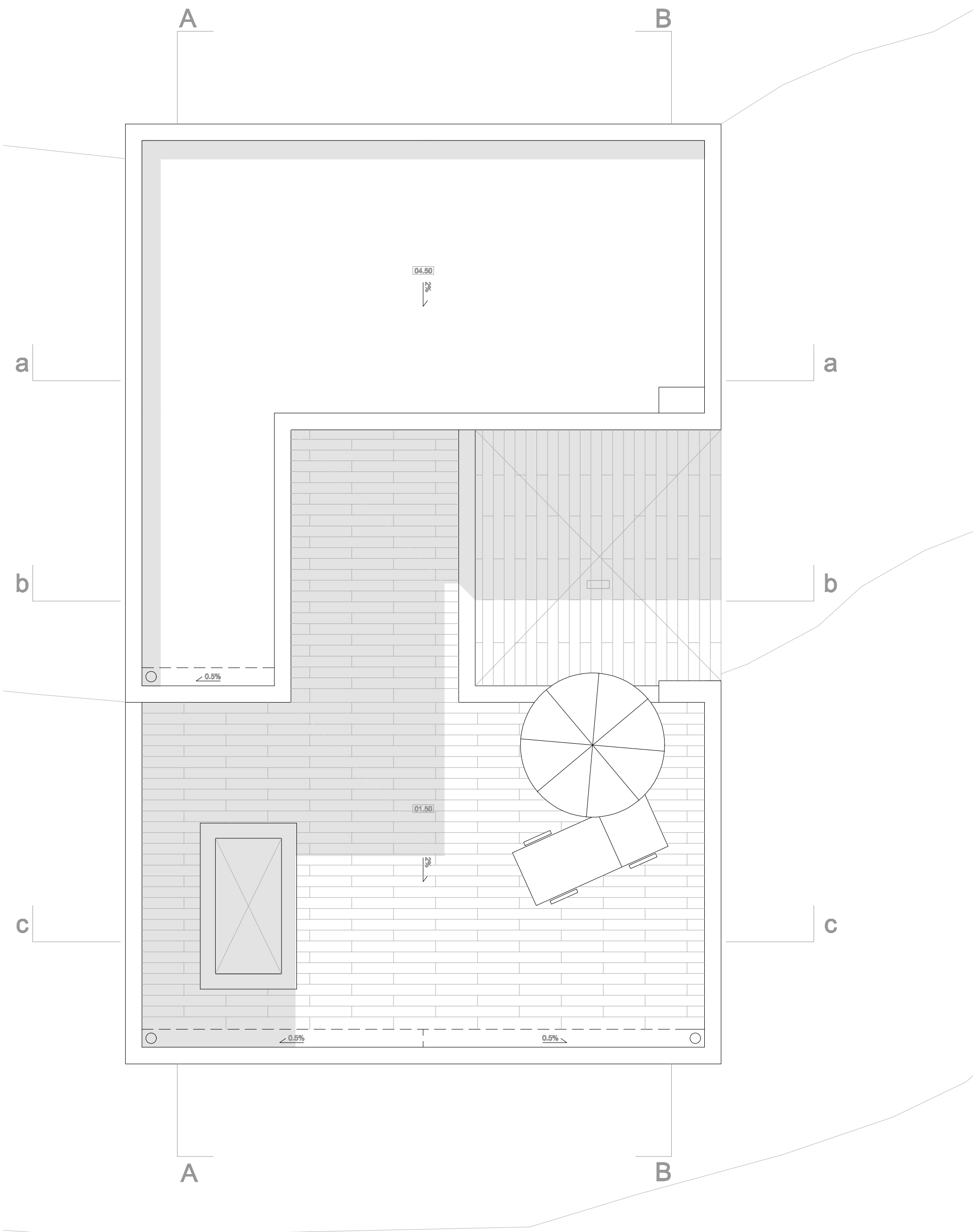
des-sub-urbanizar

o papel do arquitecto como mediador entre a cidade formal e a cidade informal



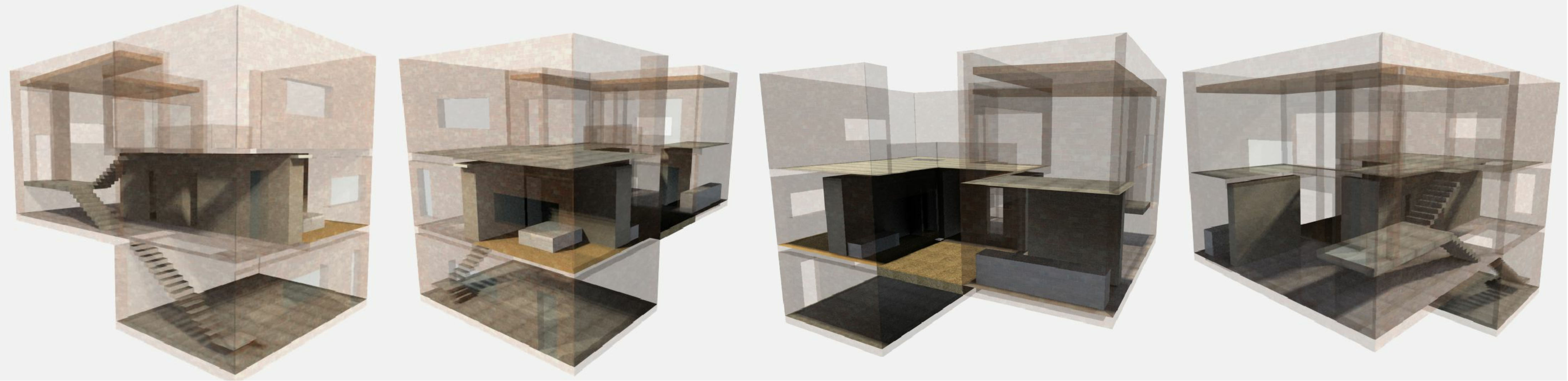
des-sub-urbanizar

o papel do arquitecto como mediador entre a cidade formal e a cidade informal



des-sub-urbanizar

o papel do arquitecto como mediador entre a cidade formal e a cidade informal



I nível.

Estúdio/Loja 36,4m2

II nível.

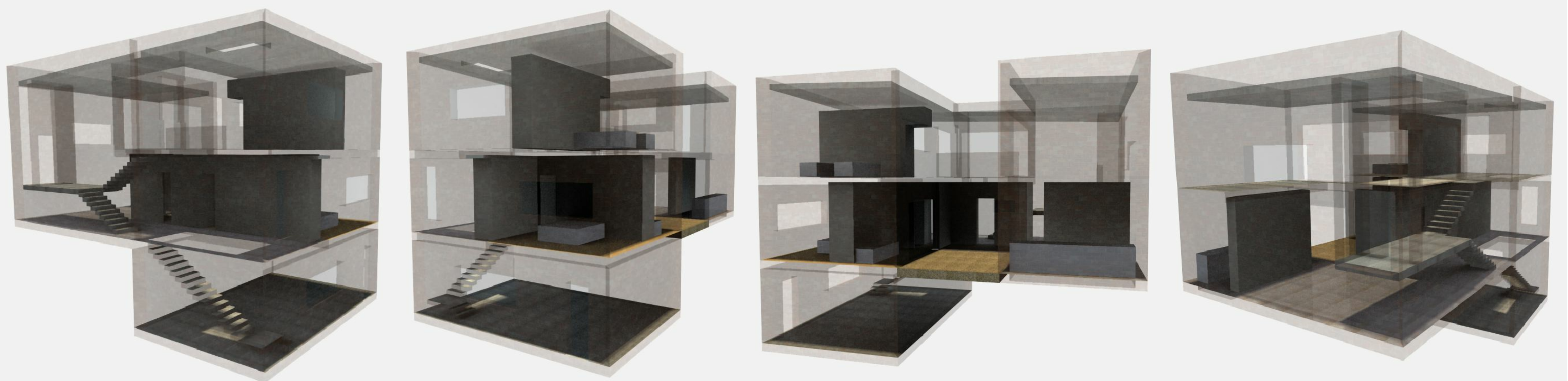
Quarto Casal 12m2
Quarto criança/solteiro 6,3m2
I.S. 5m2
Pátio 12m2
Cozinha 6,4m2
Espaço convívio/sala 14,5m2
Passadeira entrada 5,4m2

III nível.

Terraço 45,9m2

IV nível.

Cobertura



I nível.

Estúdio/Loja 36,4m2

II nível.

Quarto Casal 12m2
Quarto criança/solteiro 6,3m2
I.S. 5m2
Pátio 12m2
Cozinha 6,4m2
Espaço convívio/sala 14,5m2
Passadeira entrada 5,4m2

III nível.

Quarto 15,2m2
Espaço de estar interior 21,5m2
Espaço exterior 9,2m2

IV nível.

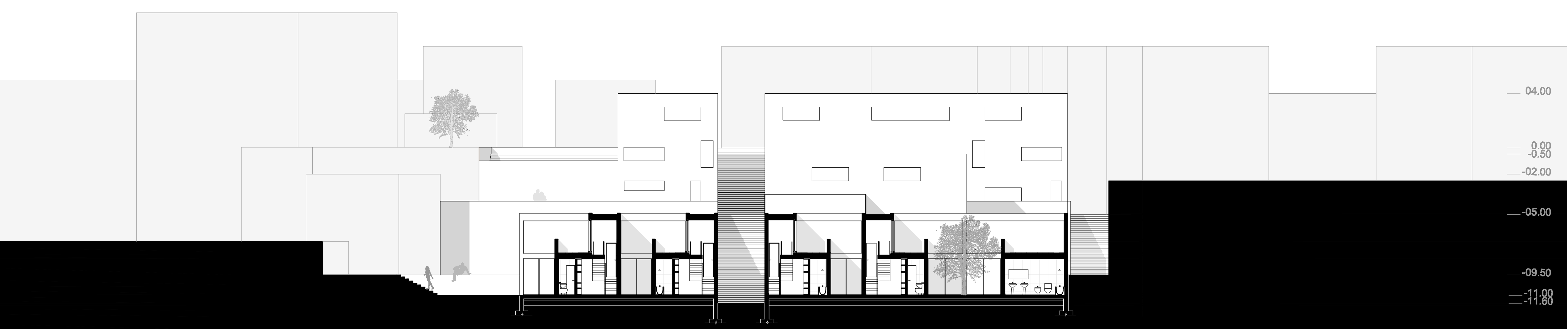
Cobertura

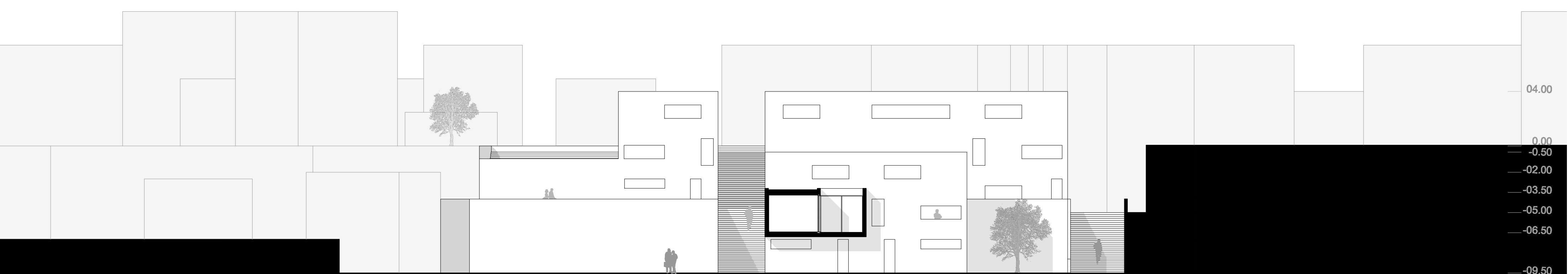
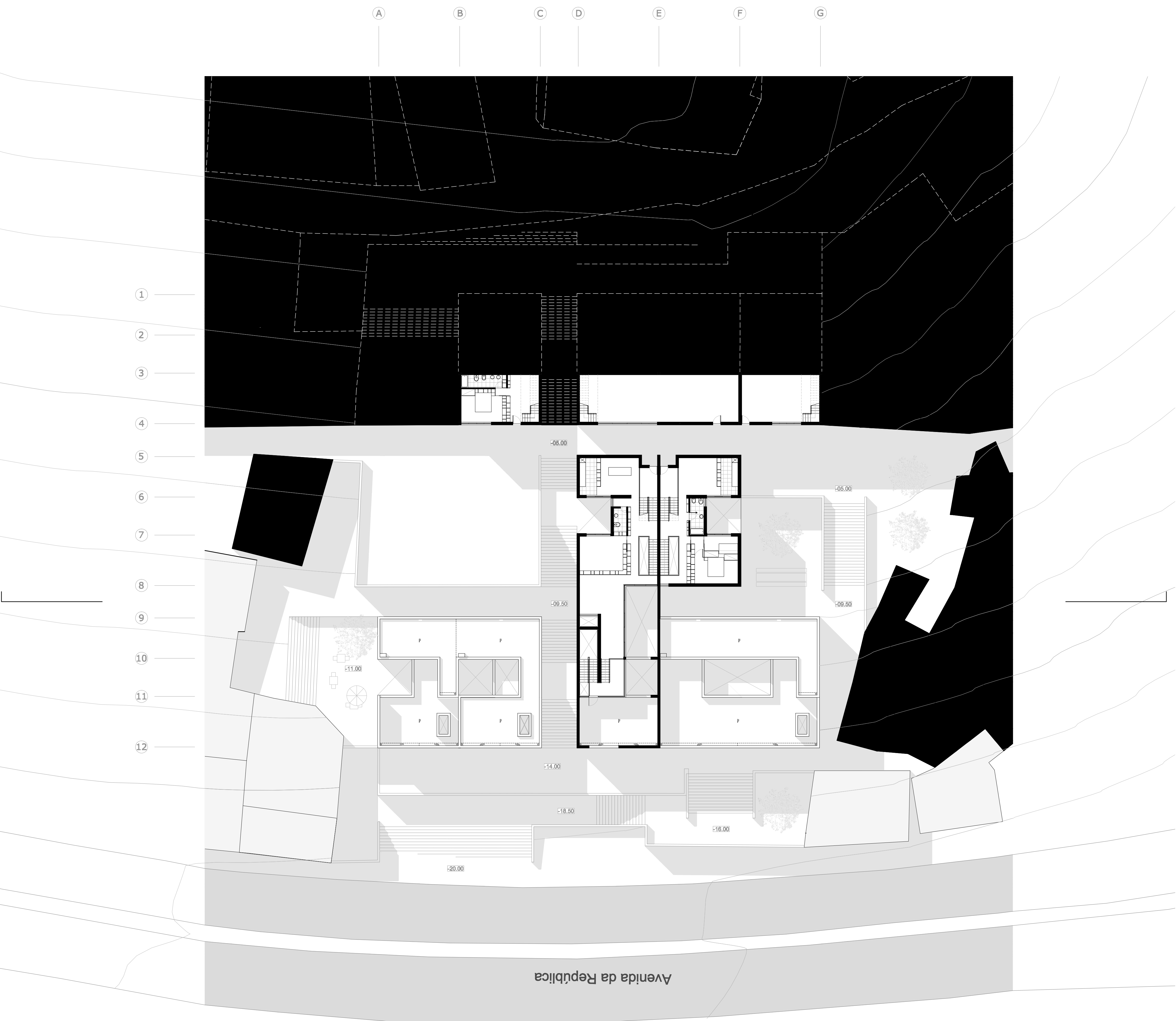


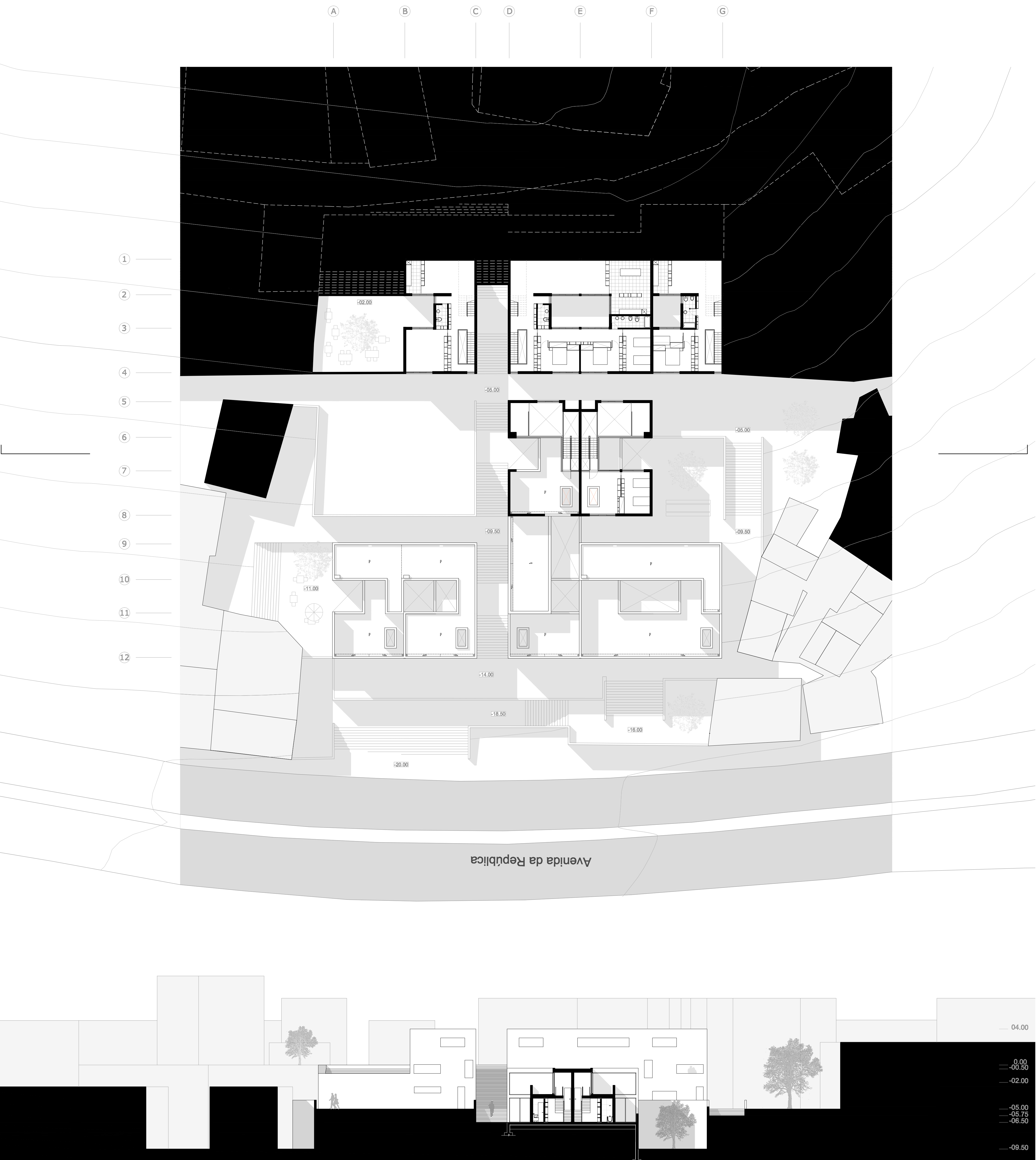


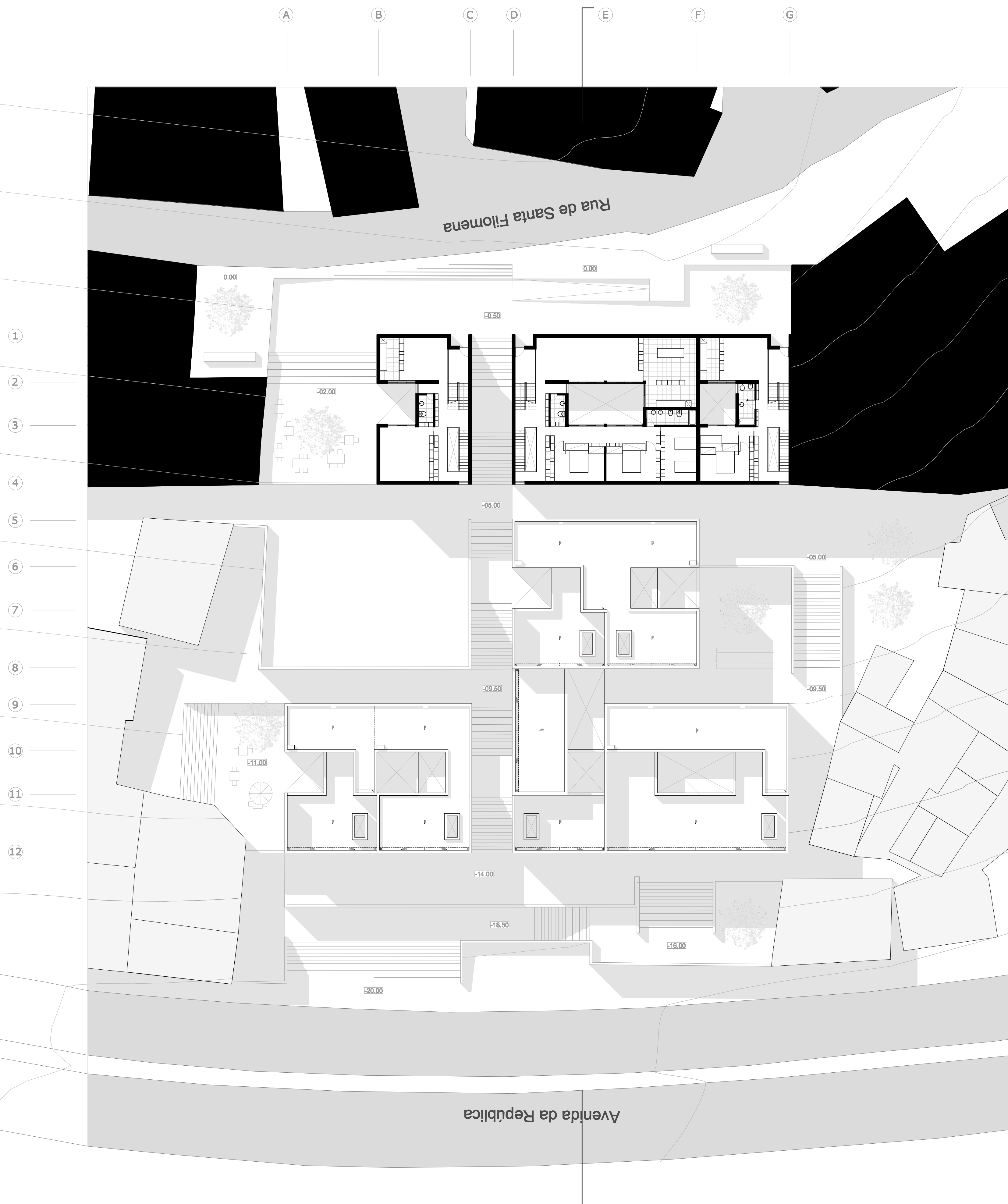
04.00
0.00
-00.50
-02.00
-03.50
-05.00

-09.50
-11.00
-14.00
-16.00
-18.50
-20.00
-23.00



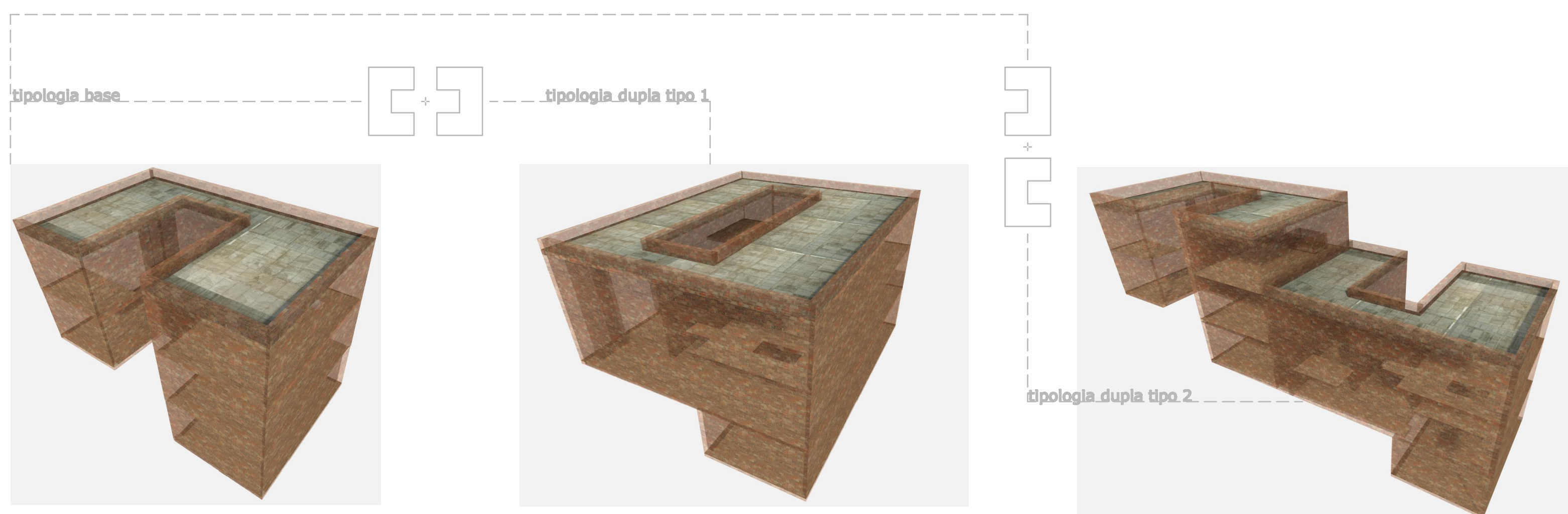






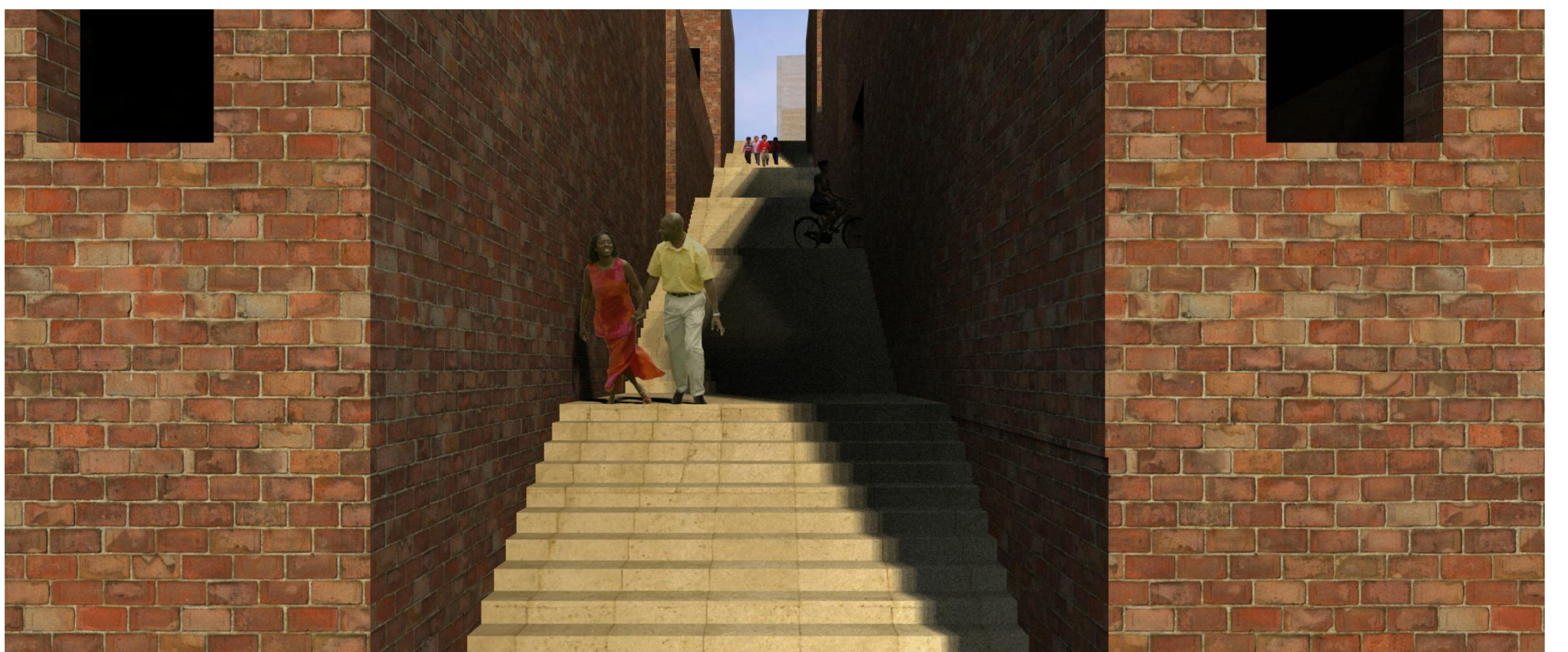
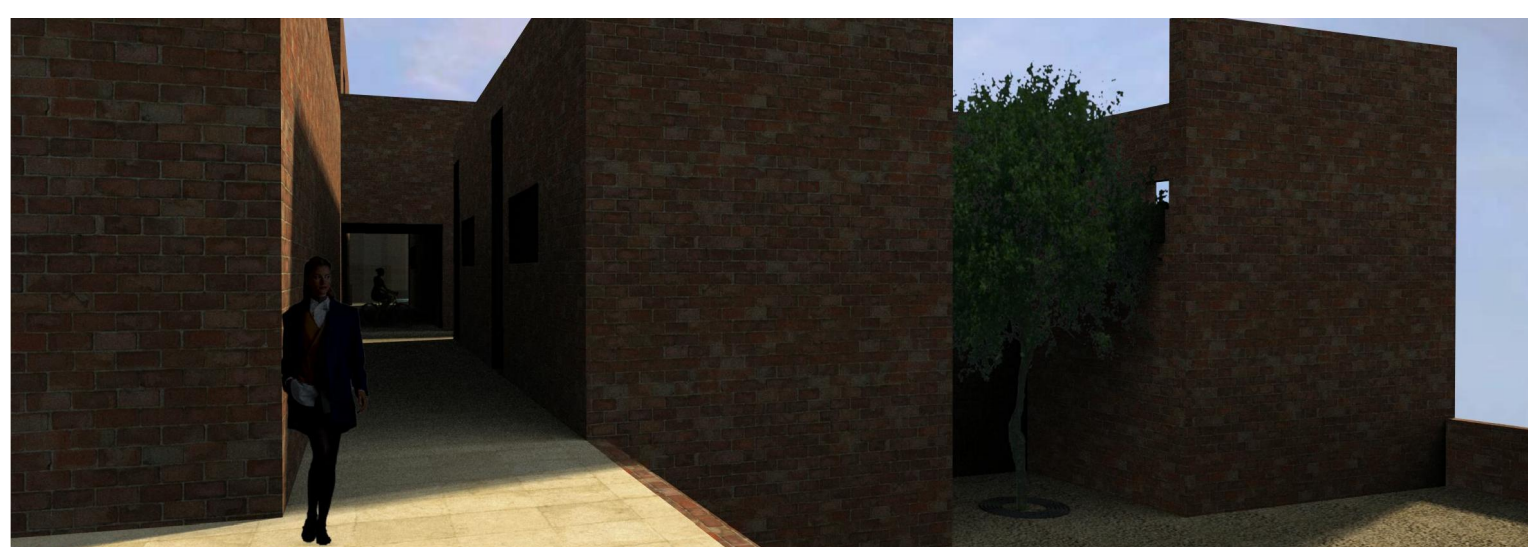
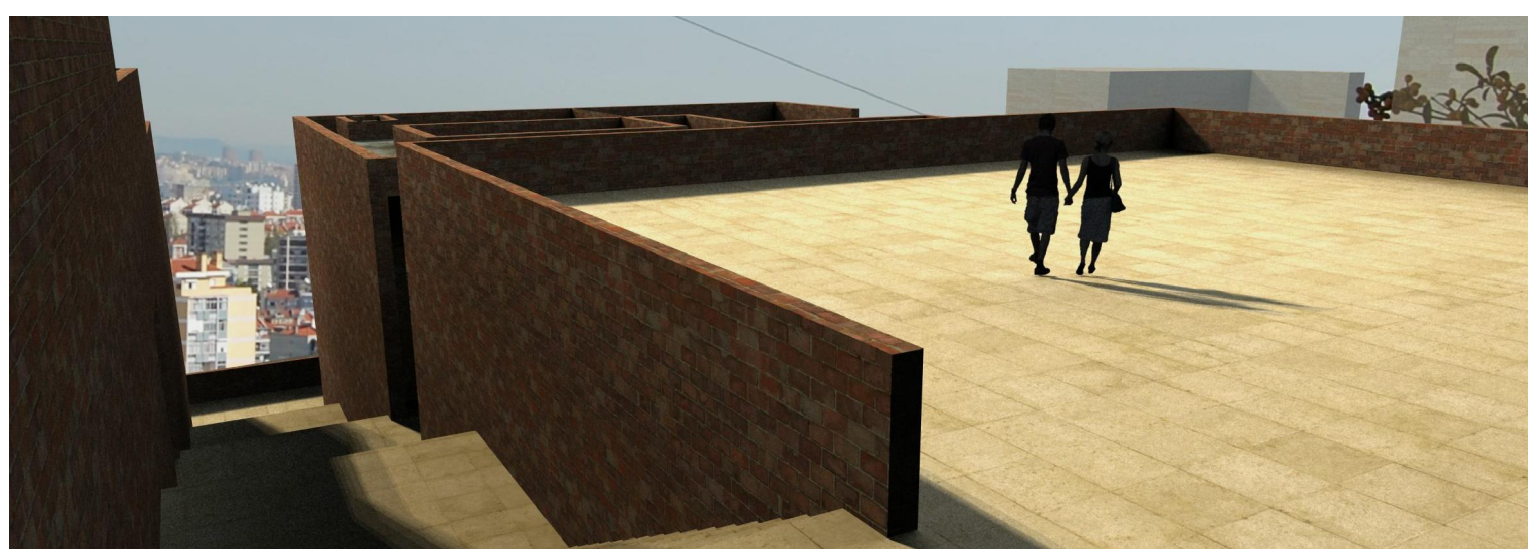
des-sub-urbanizar

o papel do arquitecto como mediador entre a cidade formal e a cidade informal



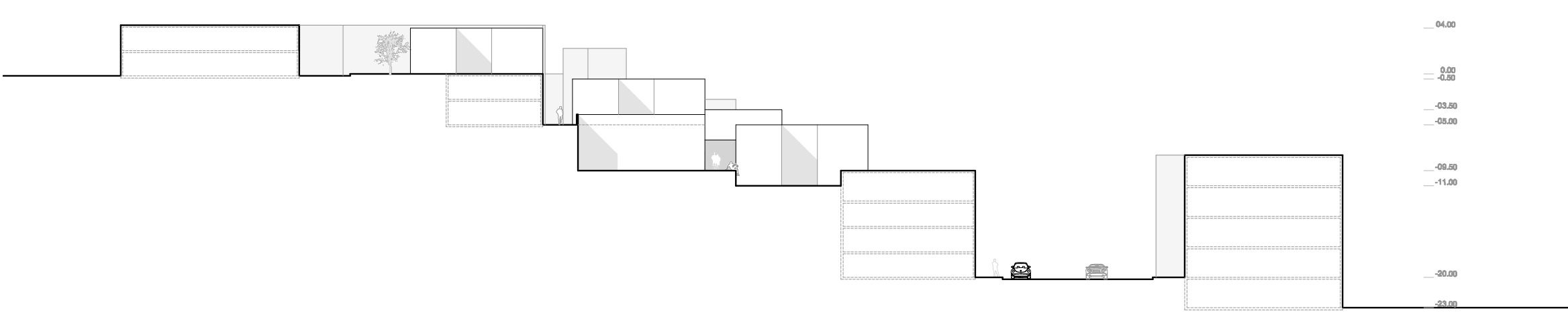
des-sub-urbanizar

o papel do arquitecto como mediador entre a cidade formal e a cidade informal

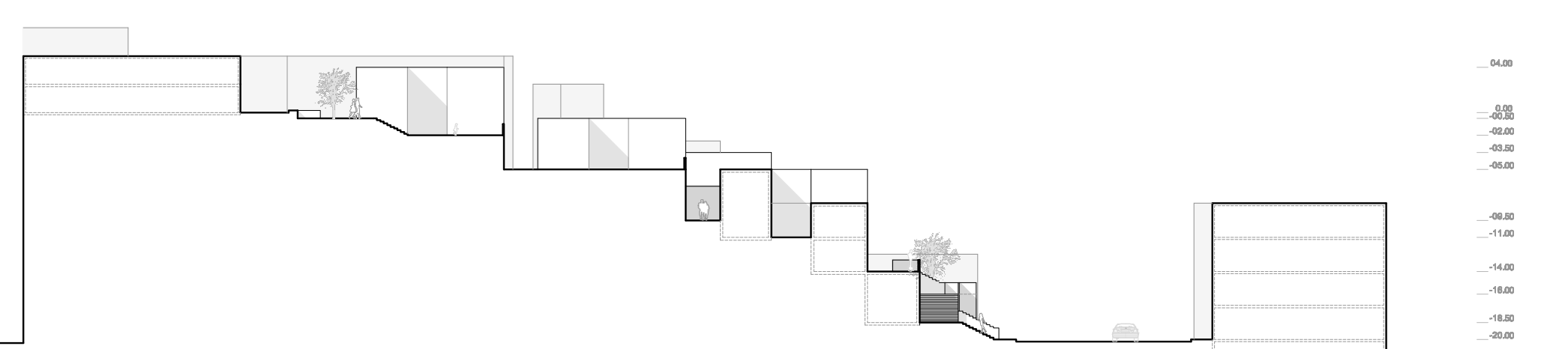


des-sub-urbanizar

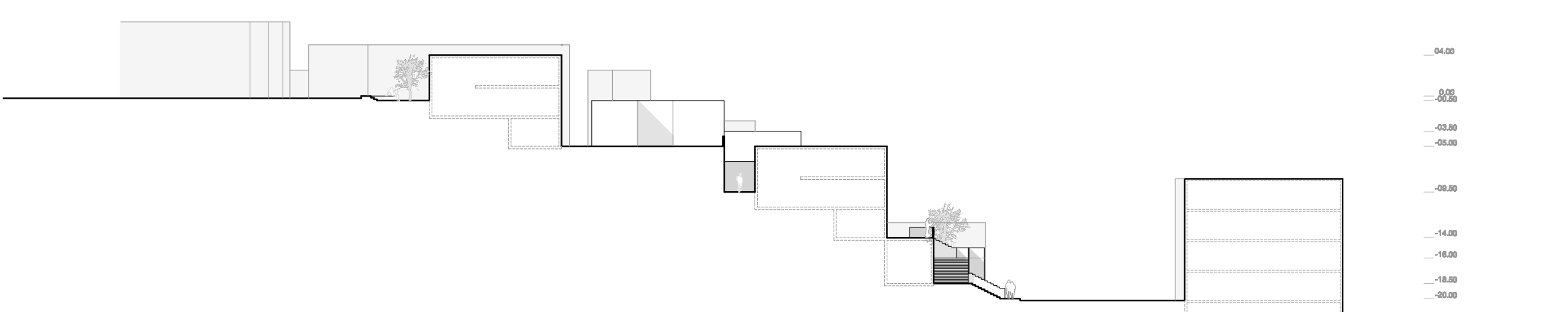
o papel do arquitecto como mediador entre a cidade formal e a cidade informal



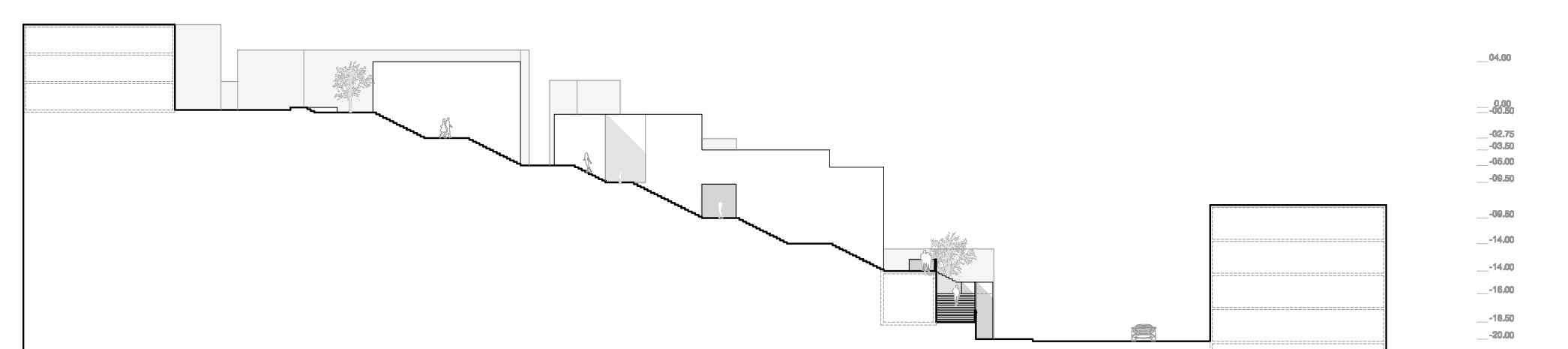
corte A



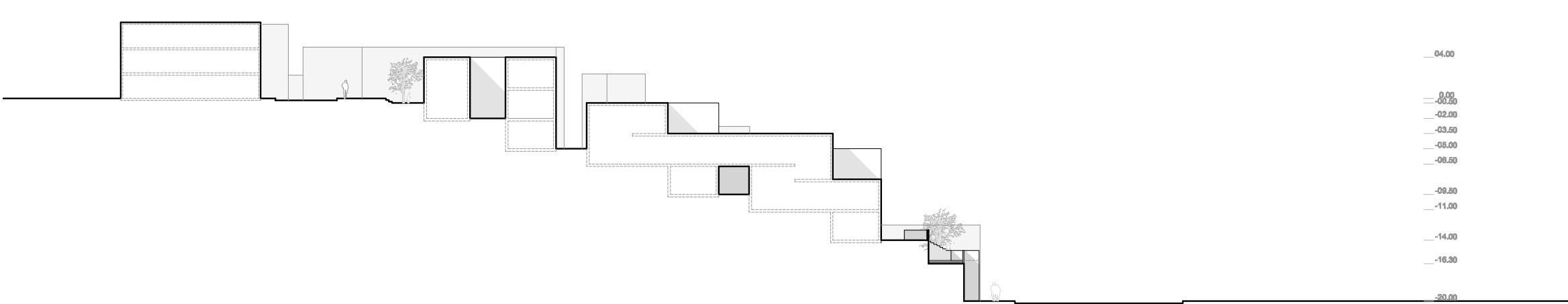
corte B



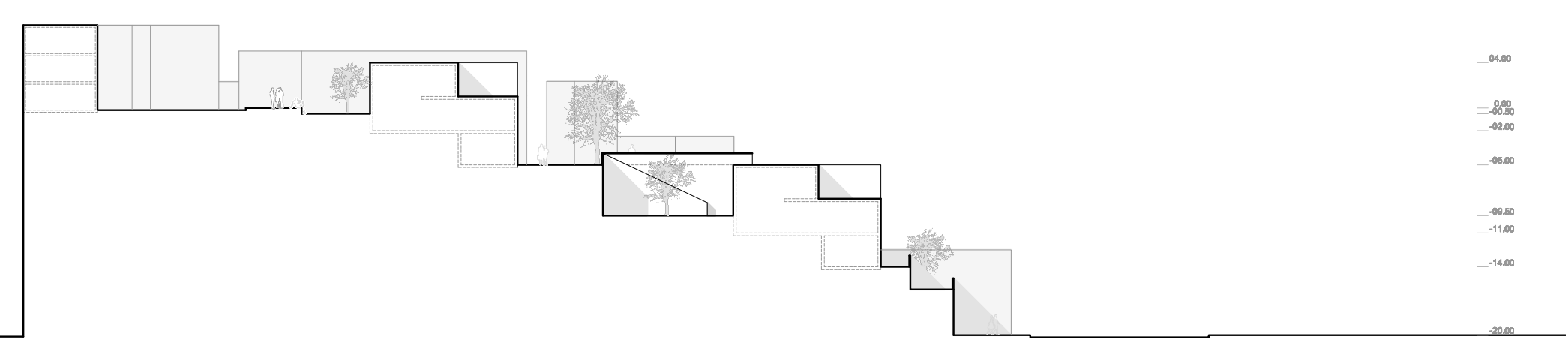
corte C



corte D



corte E



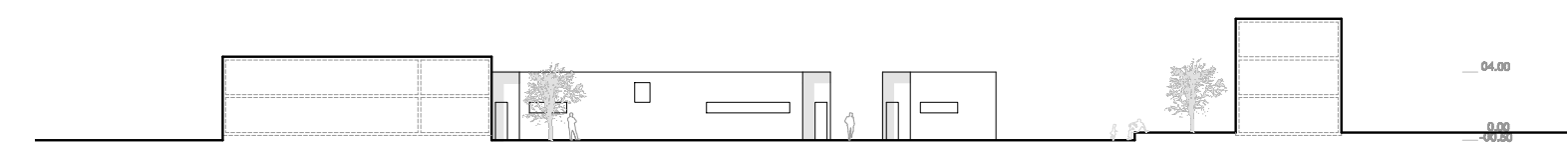
corte F

des-sub-urbanizar

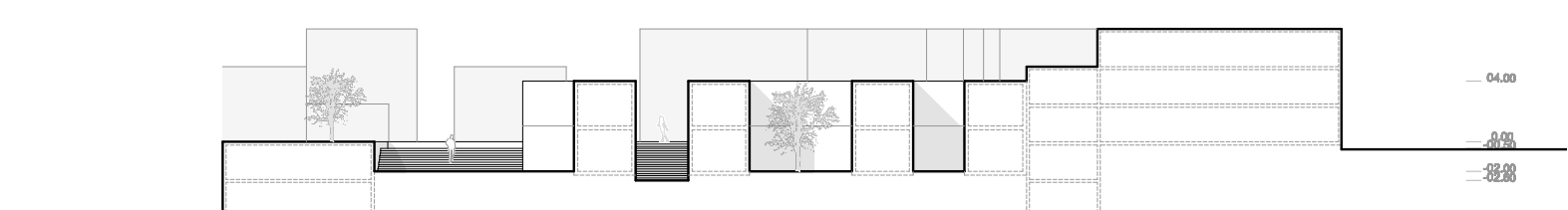
o papel do arquitecto como mediador entre a cidade formal e a cidade informal



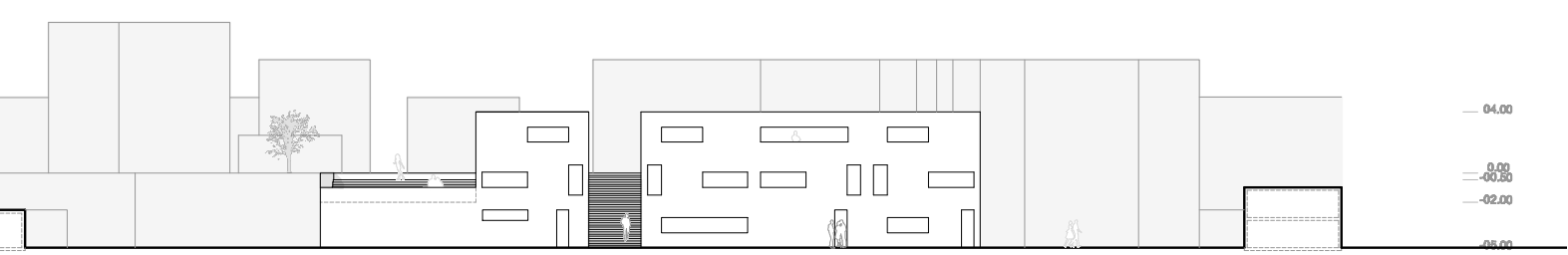
corte a



corte b



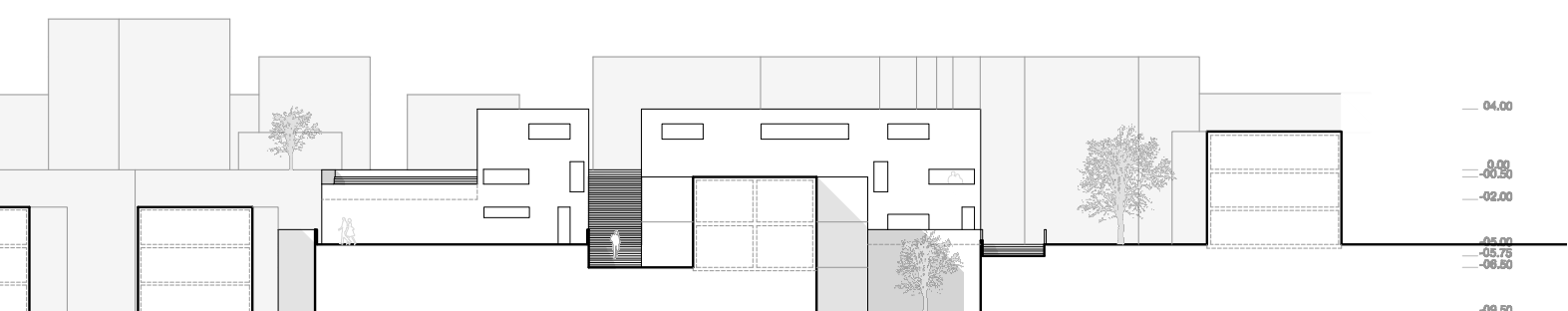
corte c



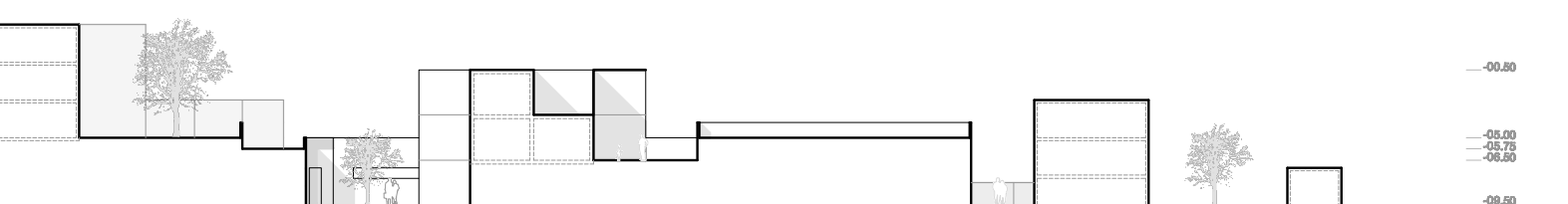
corte d



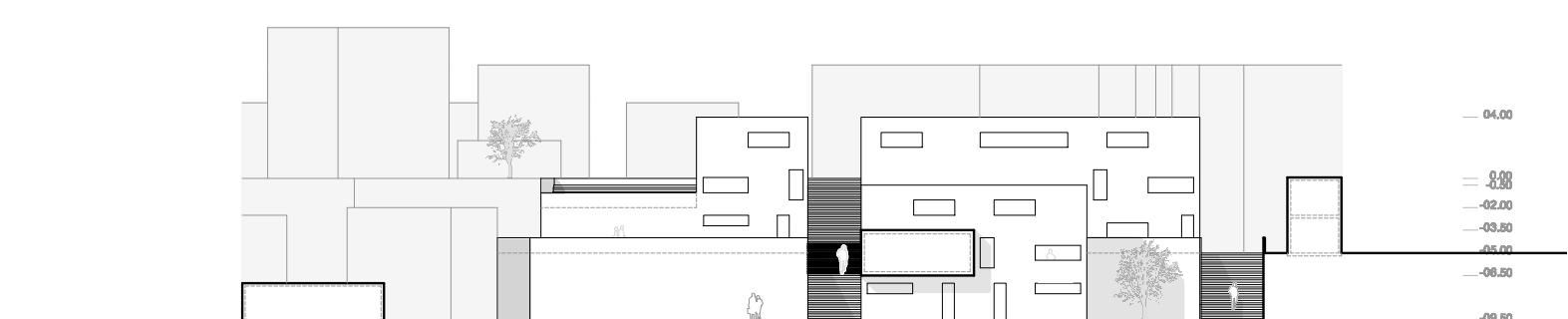
corte e



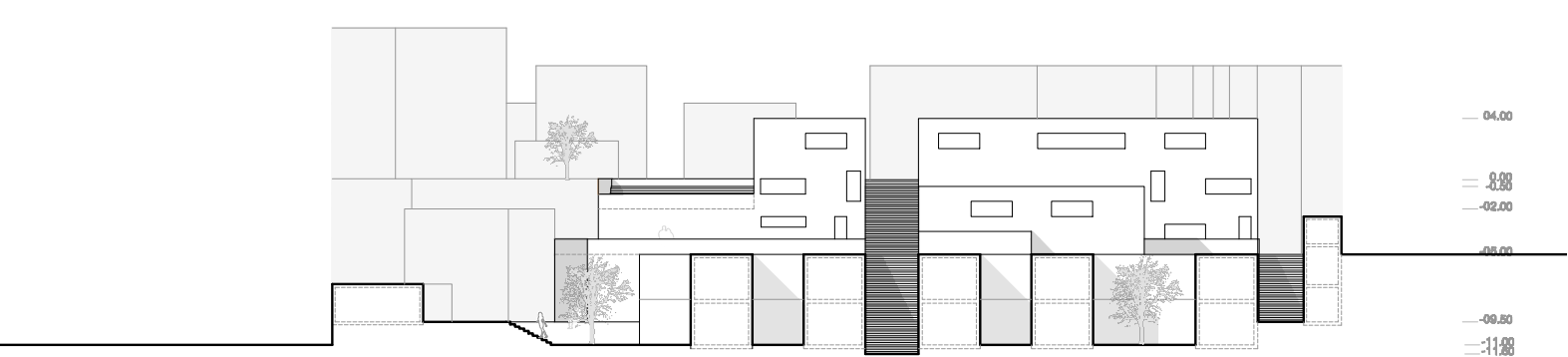
corte f



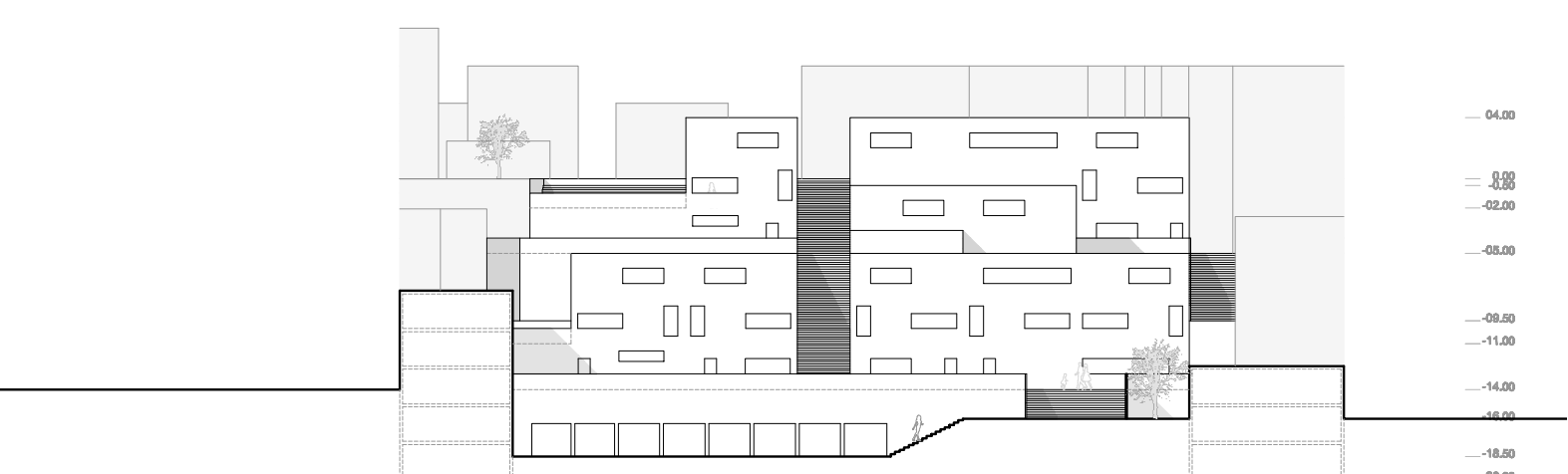
corte g



corte h



corte j



corte m

corte m

corte i

corte l

des-sub-urbanizar

o papel do arquitecto como mediador entre a cidade formal e a cidade informal



Este é um bairro informal que se desenvolve na periferia da cidade de Lisboa e apresenta características singulares evidenciadas na sua dimensão espaço-temporal, caracterizada por espaços complexos e diversos, com identidade cultural própria, dos quais a comunidade local se apropria vivendo-os harmoniosamente. A elevada densidade populacional, a prática da auto-construção e a espontaneidade da distribuição das actividades são, assim, pontos cruciais que criam uma imagem pouco usual do bairro e que define um gosto associado a uma estética singular, produto da arquitectura popular que se adapta às condições do local, promovendo a reciclagem urbana.

Proponho, para concluir, que olhemos a cidade informal como exemplo potenciador de sociabilidades e que, ao invés de destruímos o seu tecido urbano original submetendo-o a transformações urbanísticas que não favorecem a apropriação pela comunidade, estimulemos a contaminação da cidade formal por essas relações sócio espaciais que se desenvolvem na cidade informal. Penso que esta é uma solução ao alcance de todos que permite suturar a ruptura entre as partes e encher de vida a cidade.



- Legenda:
- 1- Praça rebaixada
 - 2- Espaço exterior de apropriação pela habitação
 - 3- Praça apoio ao bairro para eventos culturais
 - 4- Balcão receptáculo sobre Avenida da República
 - 5- Balcão para uso comercial sobre Av. da República

des-sub-urbanizar

o papel do arquitecto como mediador entre a cidade formal e a cidade informal

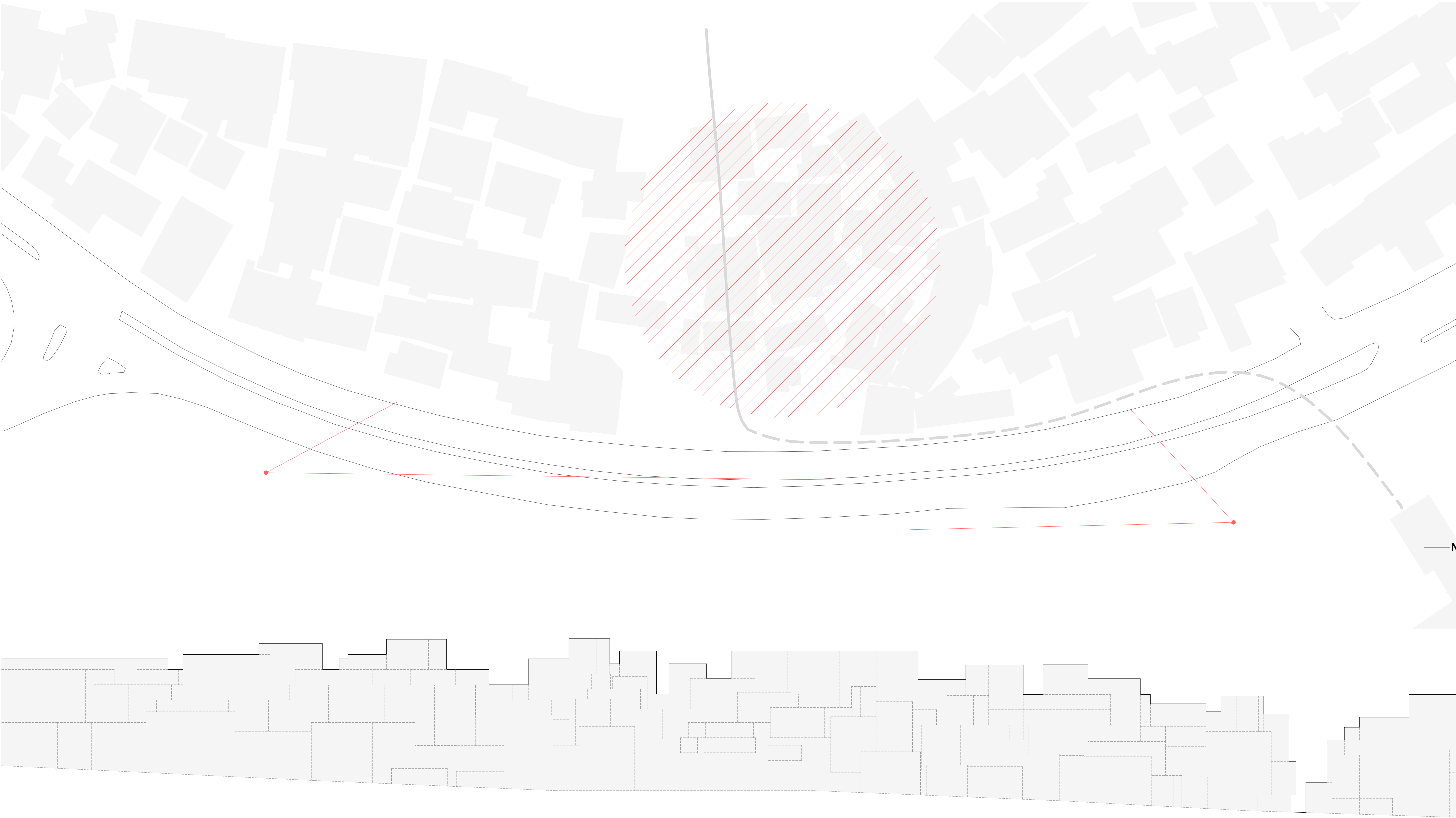
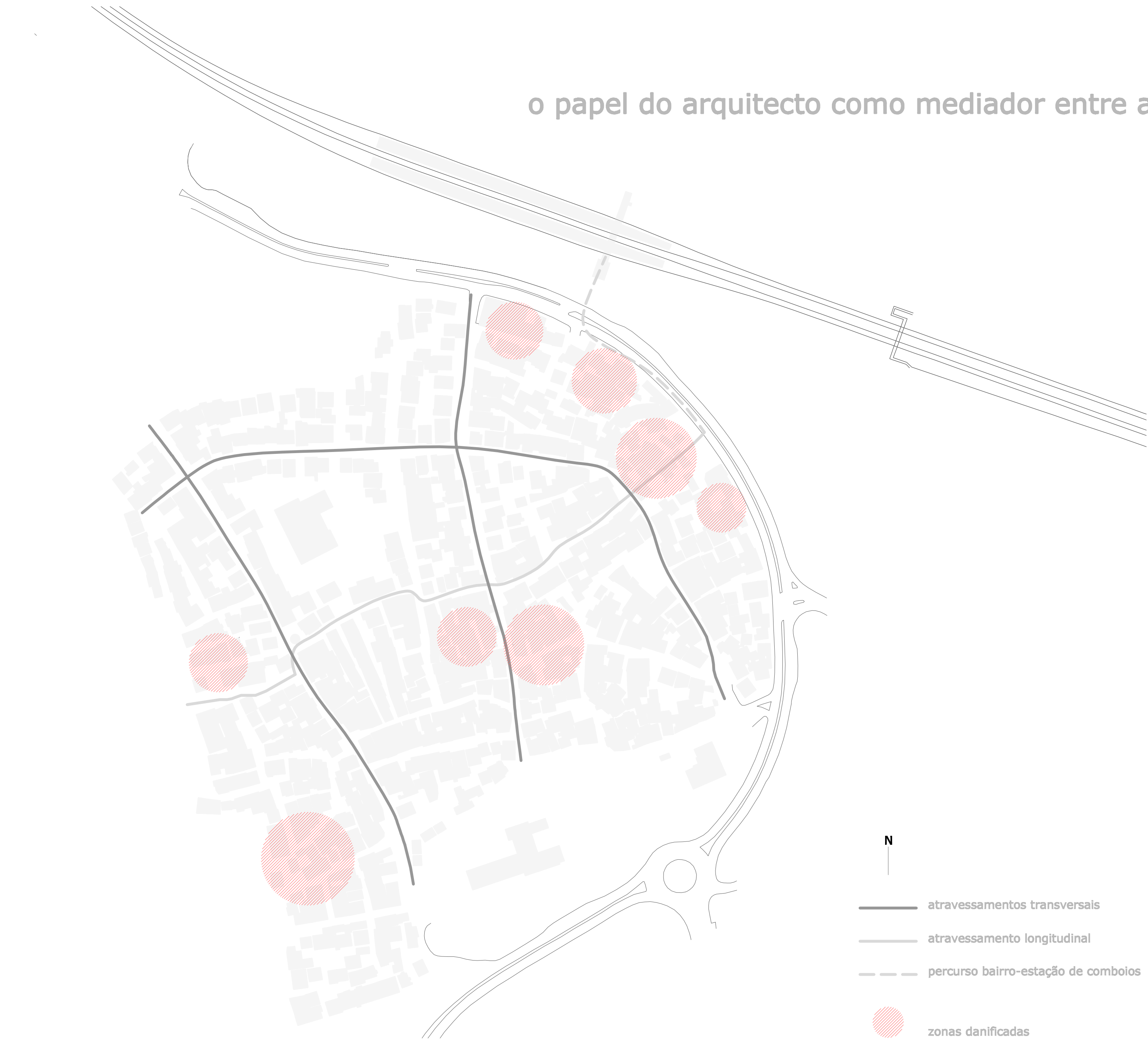
O bairro da Cova da Moura e a cidade de Lisboa são dois lugares próximos, geograficamente, mas bastante afastados, devido às disparidades do espaço produzido e ao modo como os utentes apropriam esse espaço. Assim, o projecto procura promover as trocas entre ambos - bairro e cidade.

A área de intervenção escolhida para simulação do exercício académico é a zona Nordeste do bairro da Cova da Moura, zona mais antiga e, por conseguinte, a que apresenta piores condições. Encontra-se delimitada pela Avenida da República como limite entre o bairro e a envolvente e pela rua Santa Filomena no interior do bairro.

O projecto propõe maior abertura entre bairro e cidade, através da concepção de plataformas que se unem por um sistema de escadas - coluna vertebral - onde espaço público - ruas, largos, praças - e módulos de habitação evolutiva se articulam consoante os desejos dos utentes.

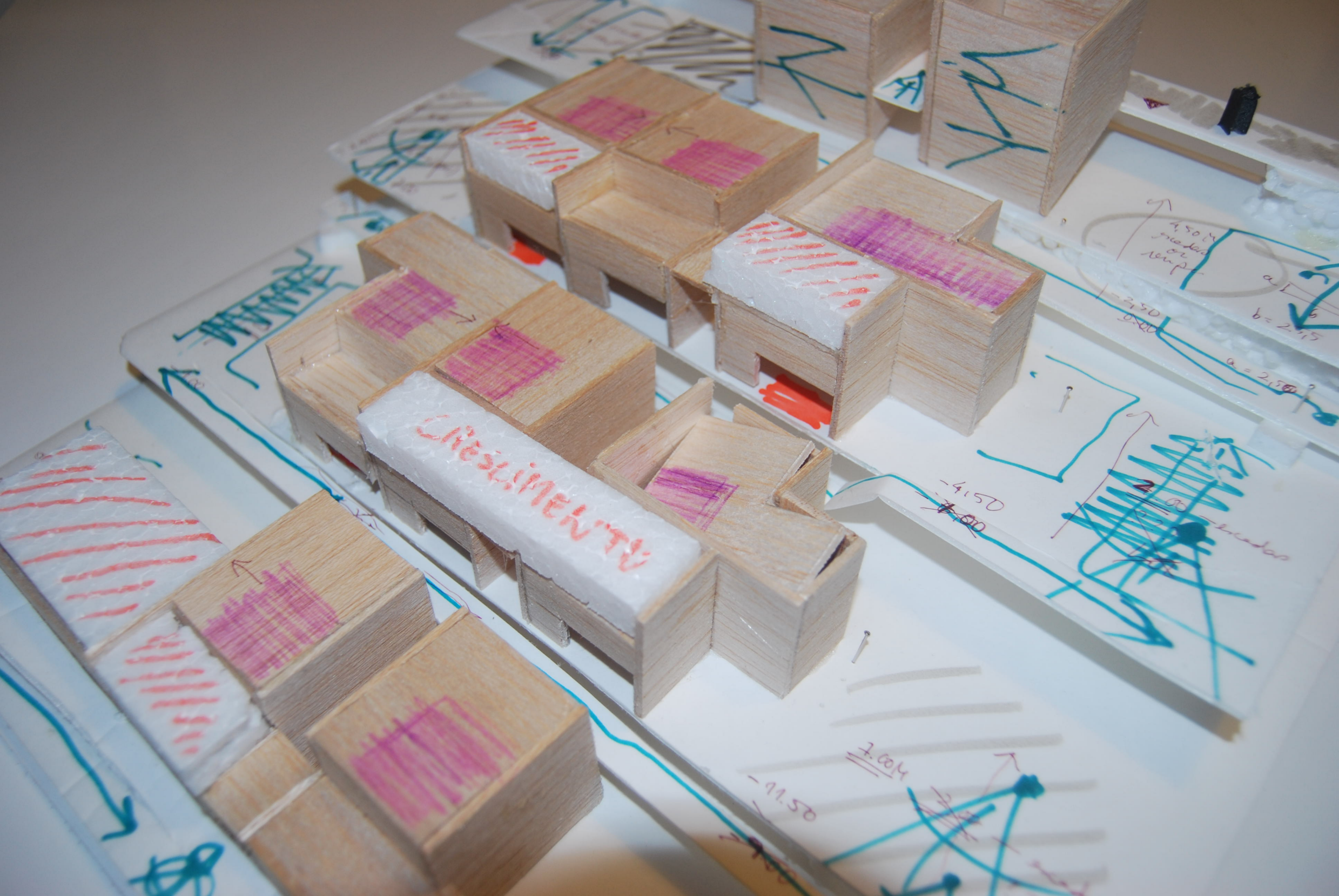
Com o mesmo intuito, propõe a extensão do cinturão interior do bairro formado pelas ruas Paz, Reis, Madeira e S. Tomé e Príncipe para o exterior do bairro - Avenida da República -, através do sistema de escadas proposto.

Assim, e de um modo subtil, a intervenção, localizada numa zona visível a partir do exterior, sugere a alteração à imagem do bairro criando, como referido anteriormente, um ponto de partida para a interacção bairro - cidade.









Crescent

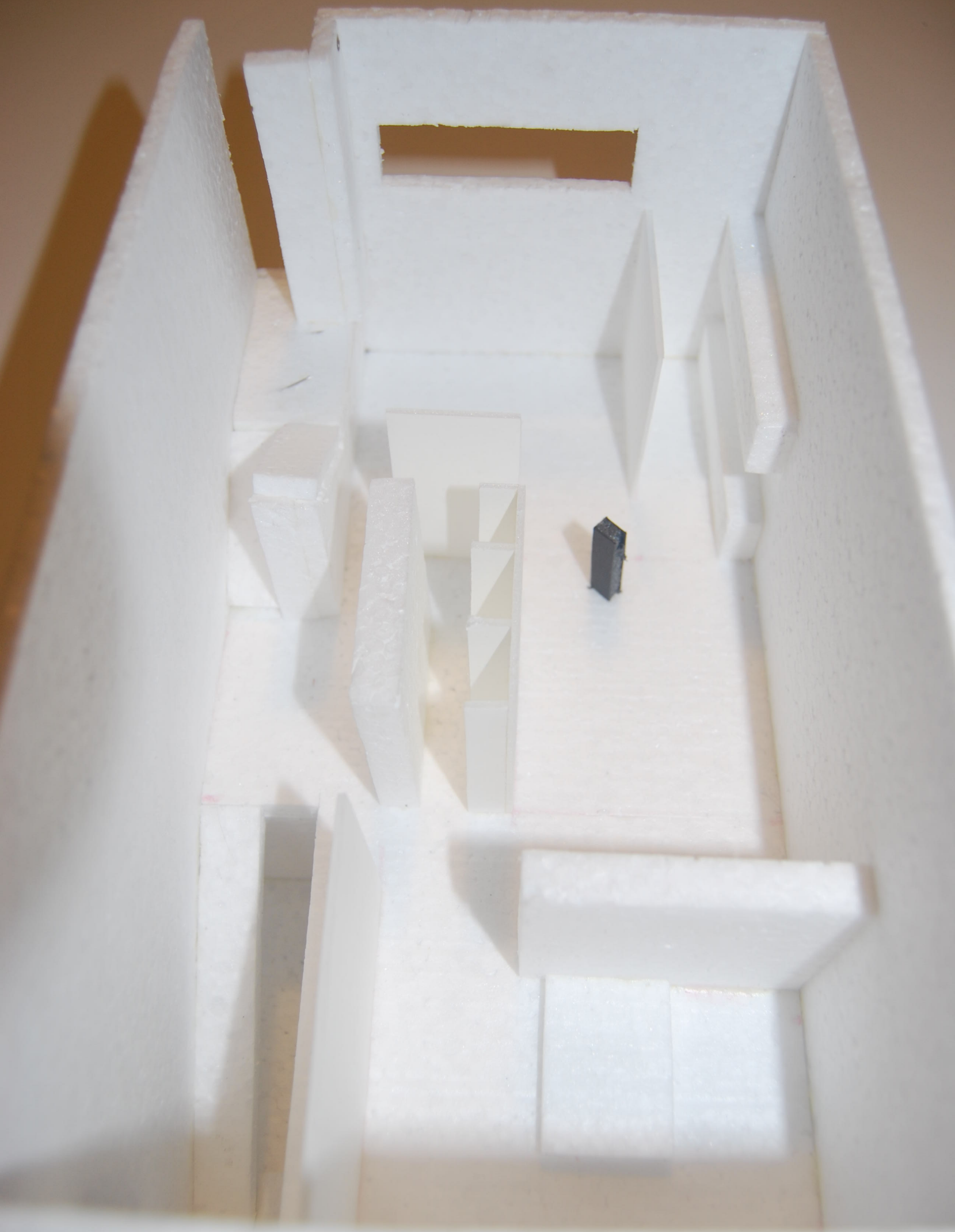
4.50m
graders
or
temp
a = 2.50
b = 2.15
2.50
2.00

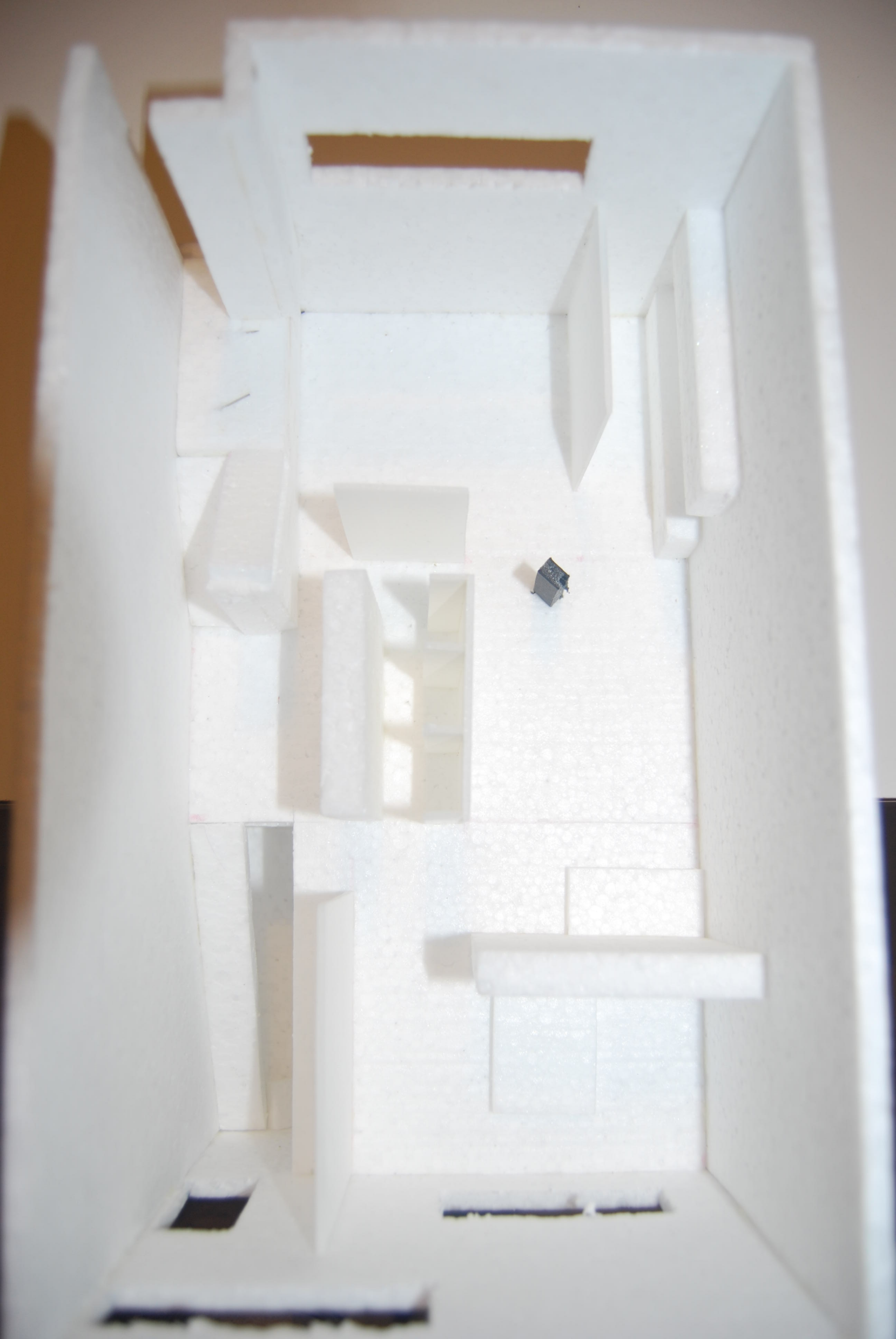
-4.50
0.50
-7.00
graders

7.00m
-4.50

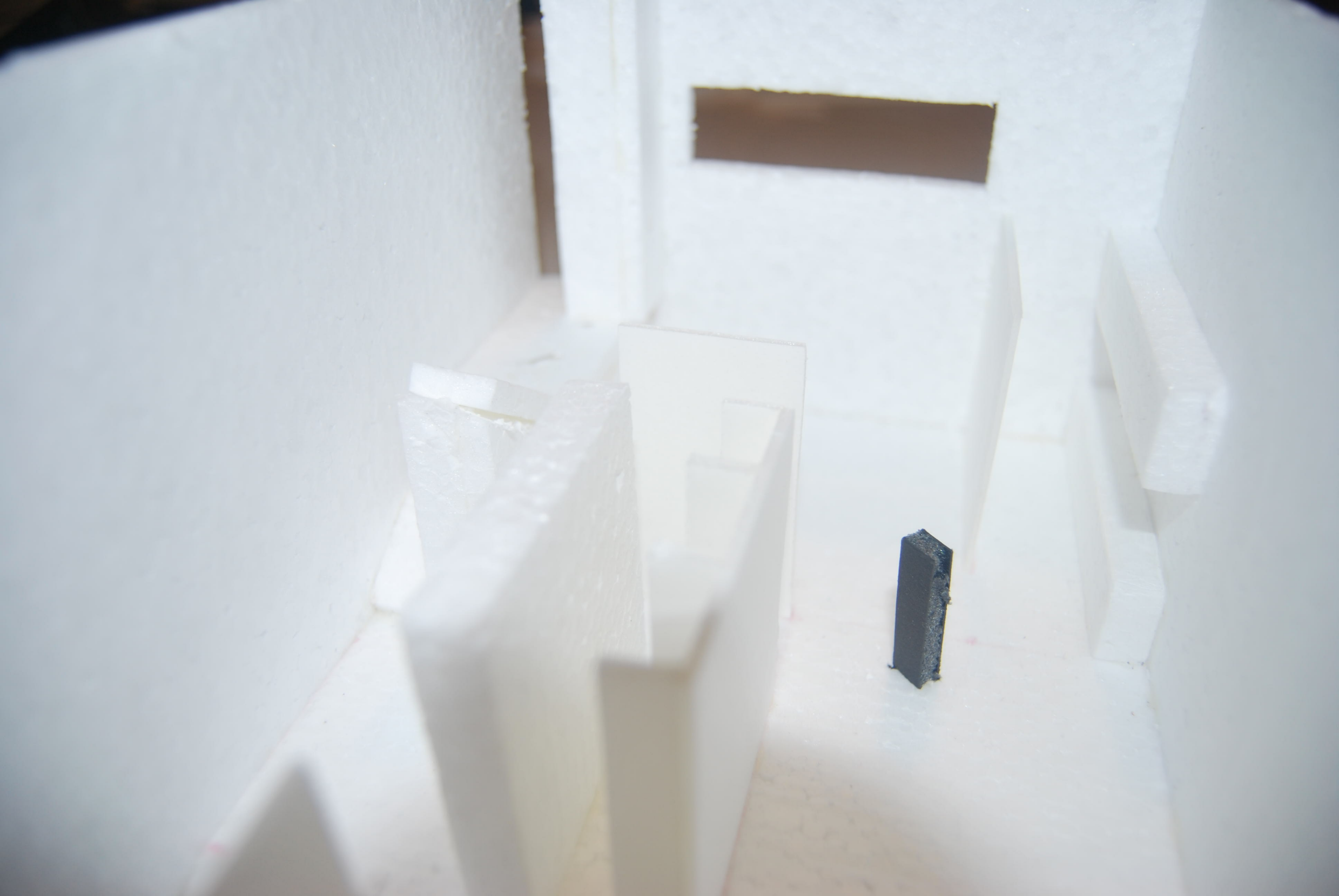


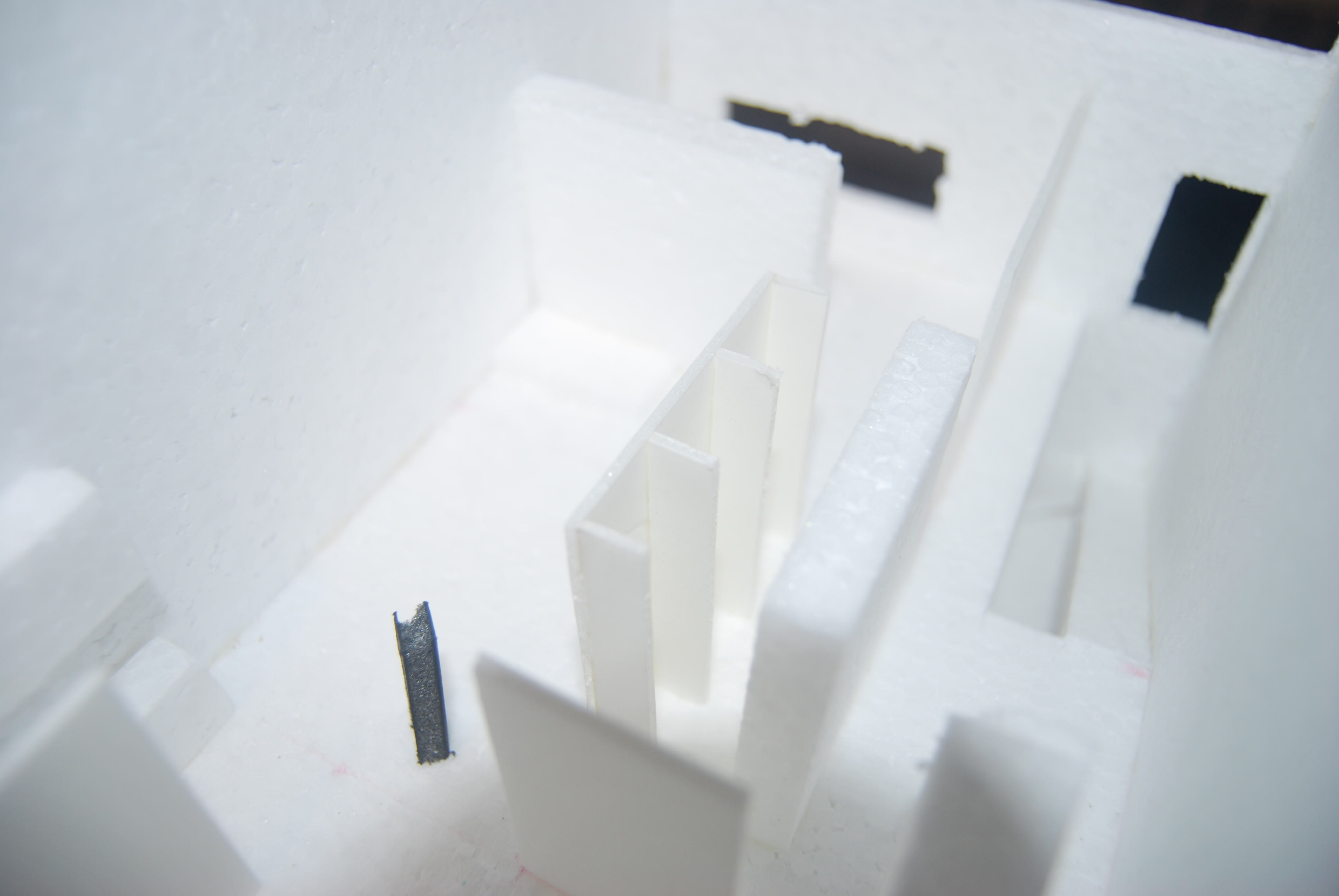


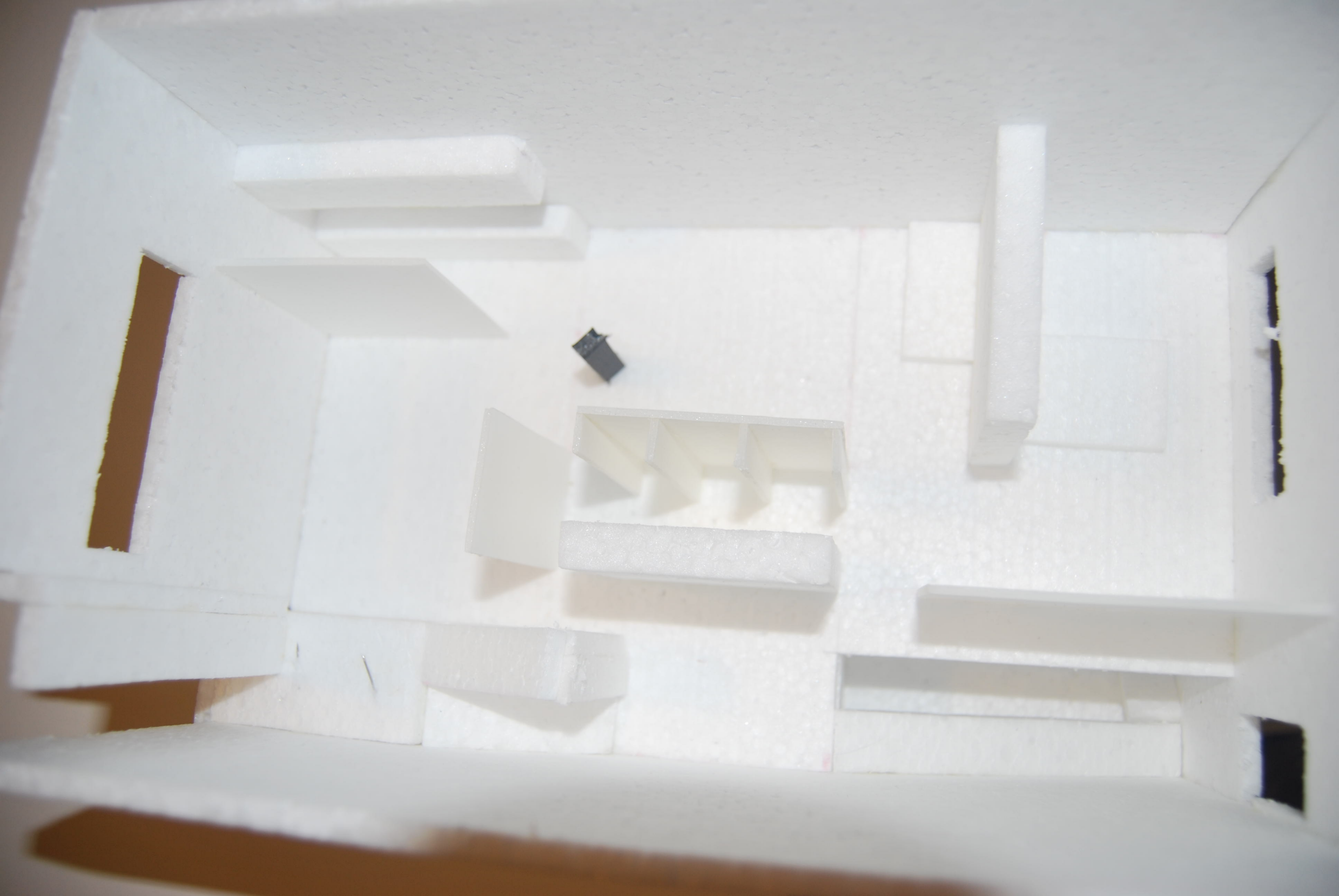


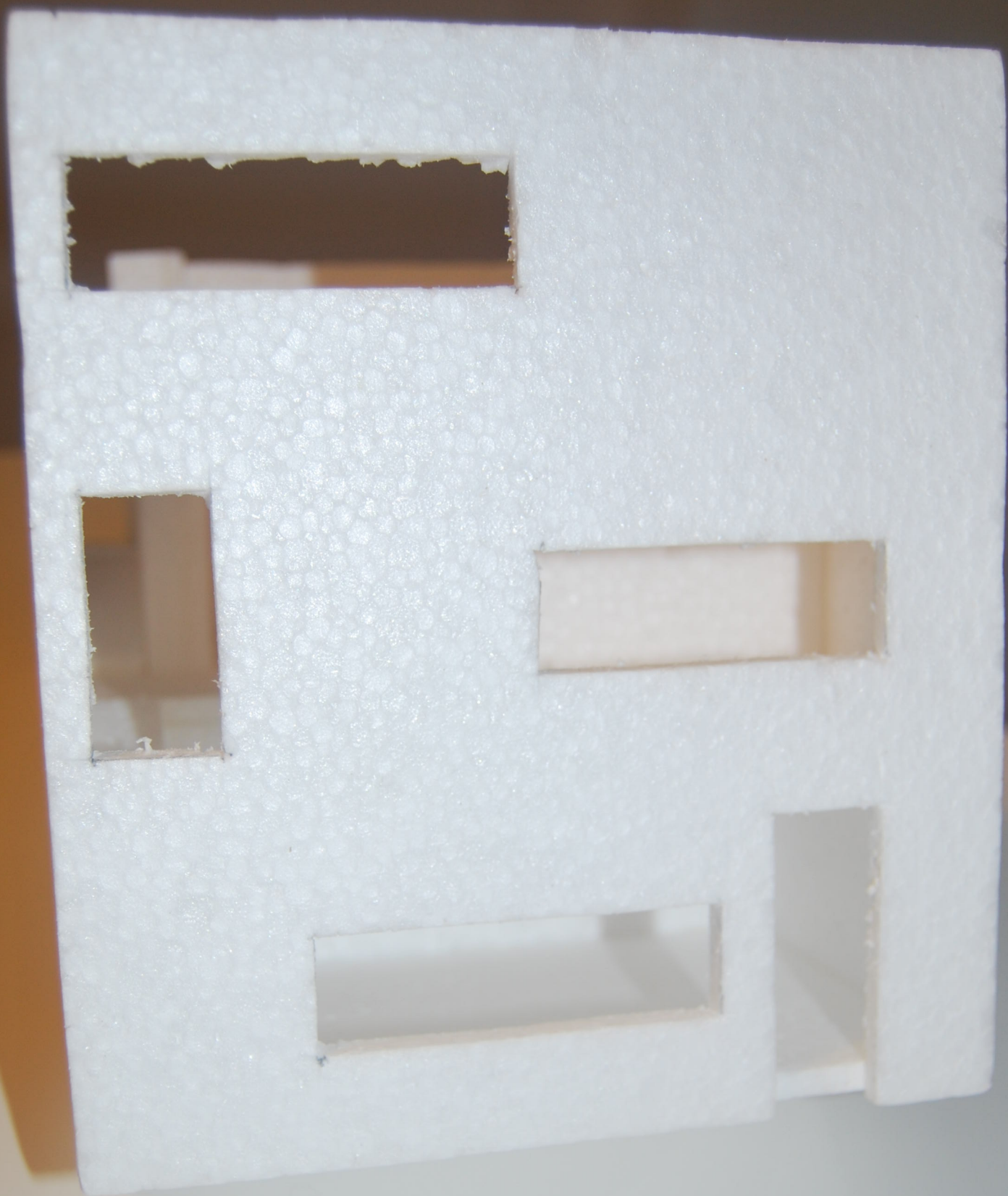






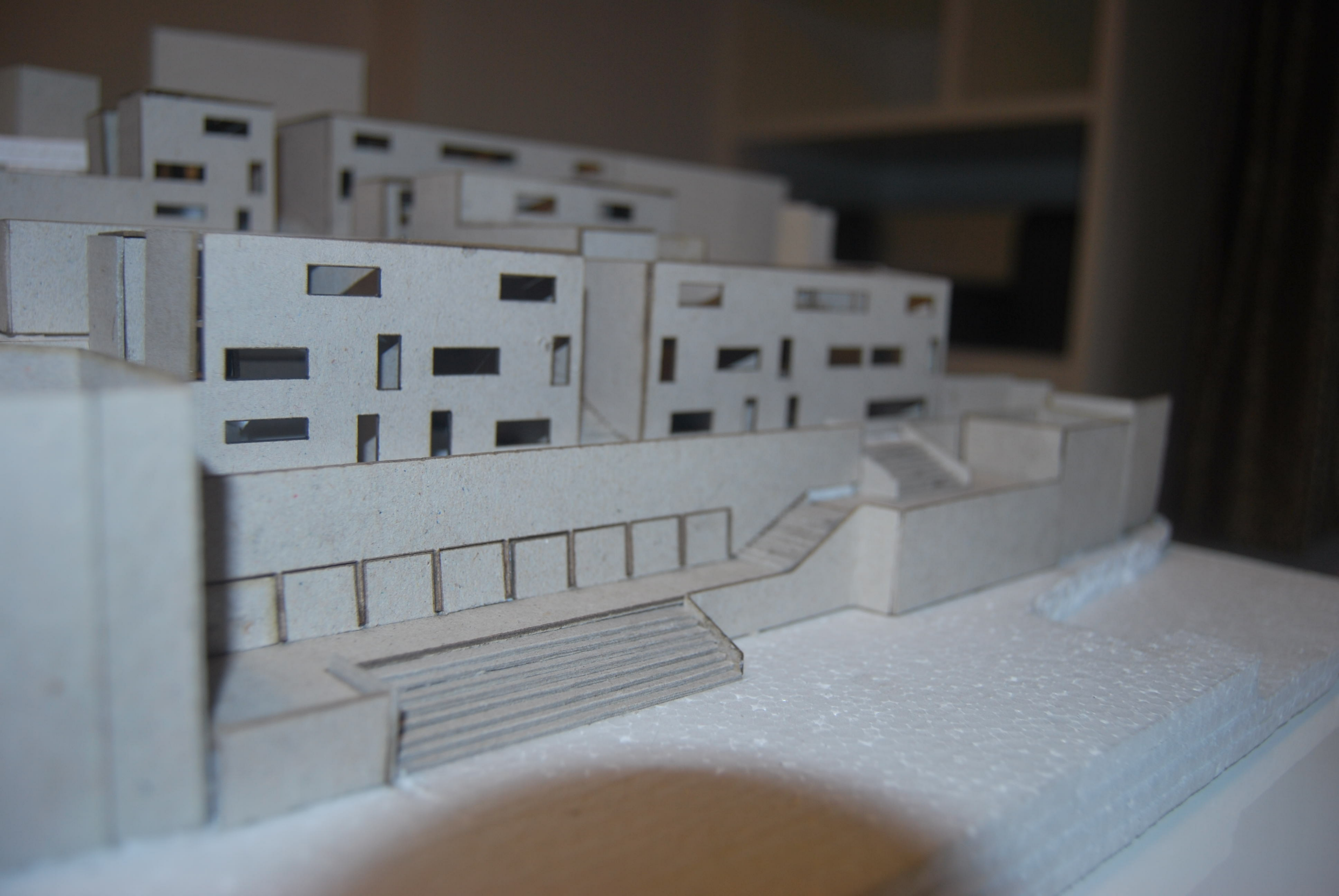


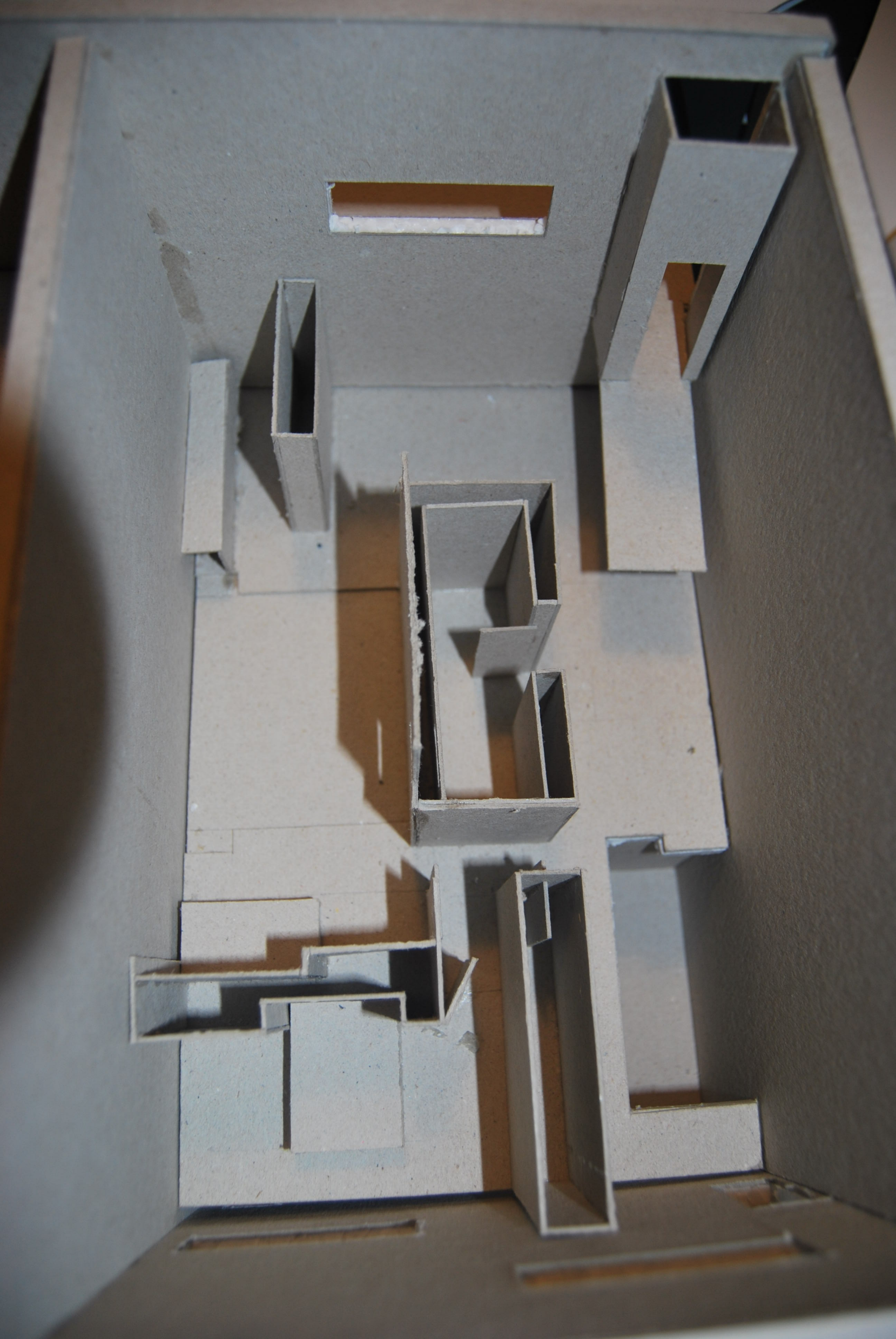


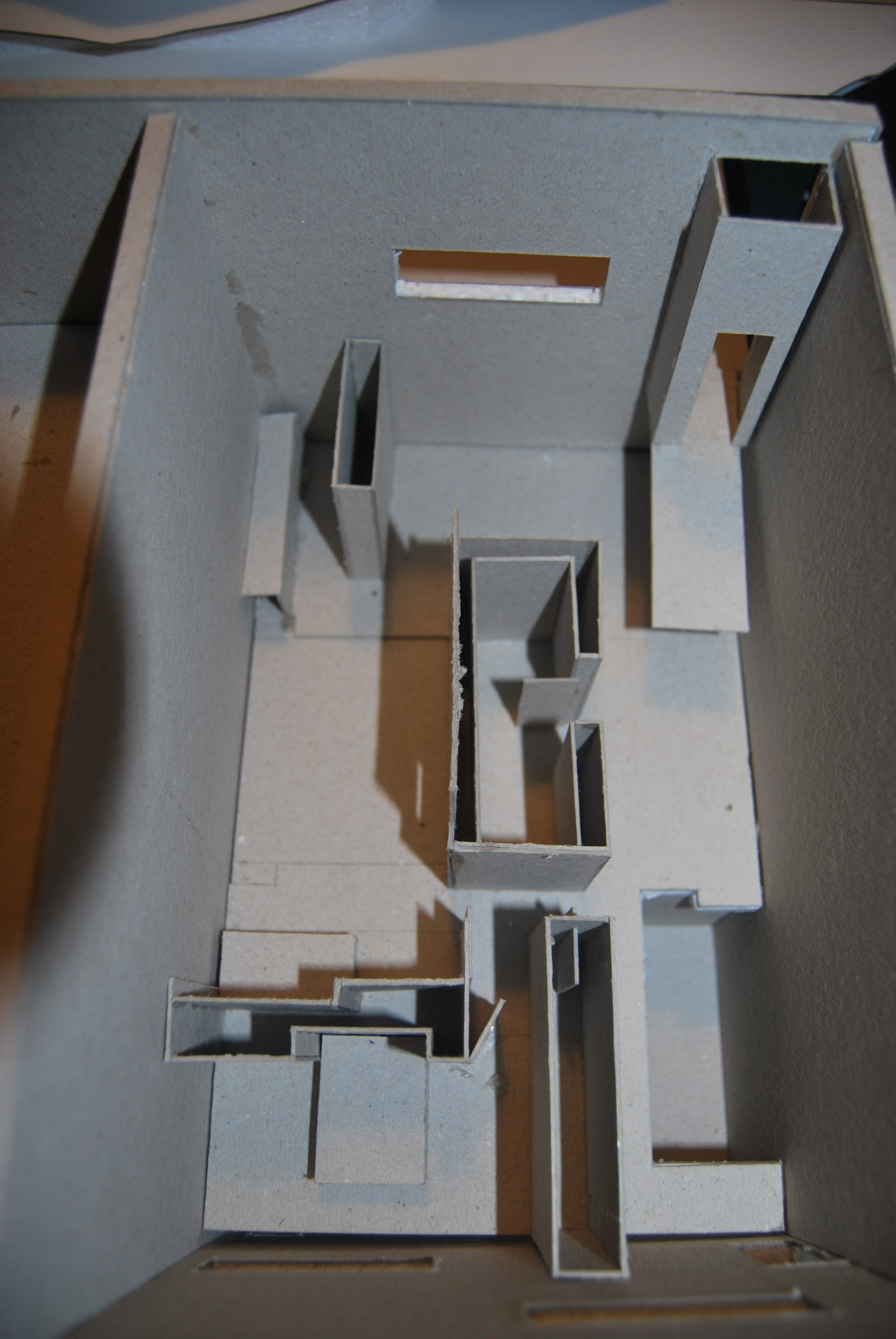


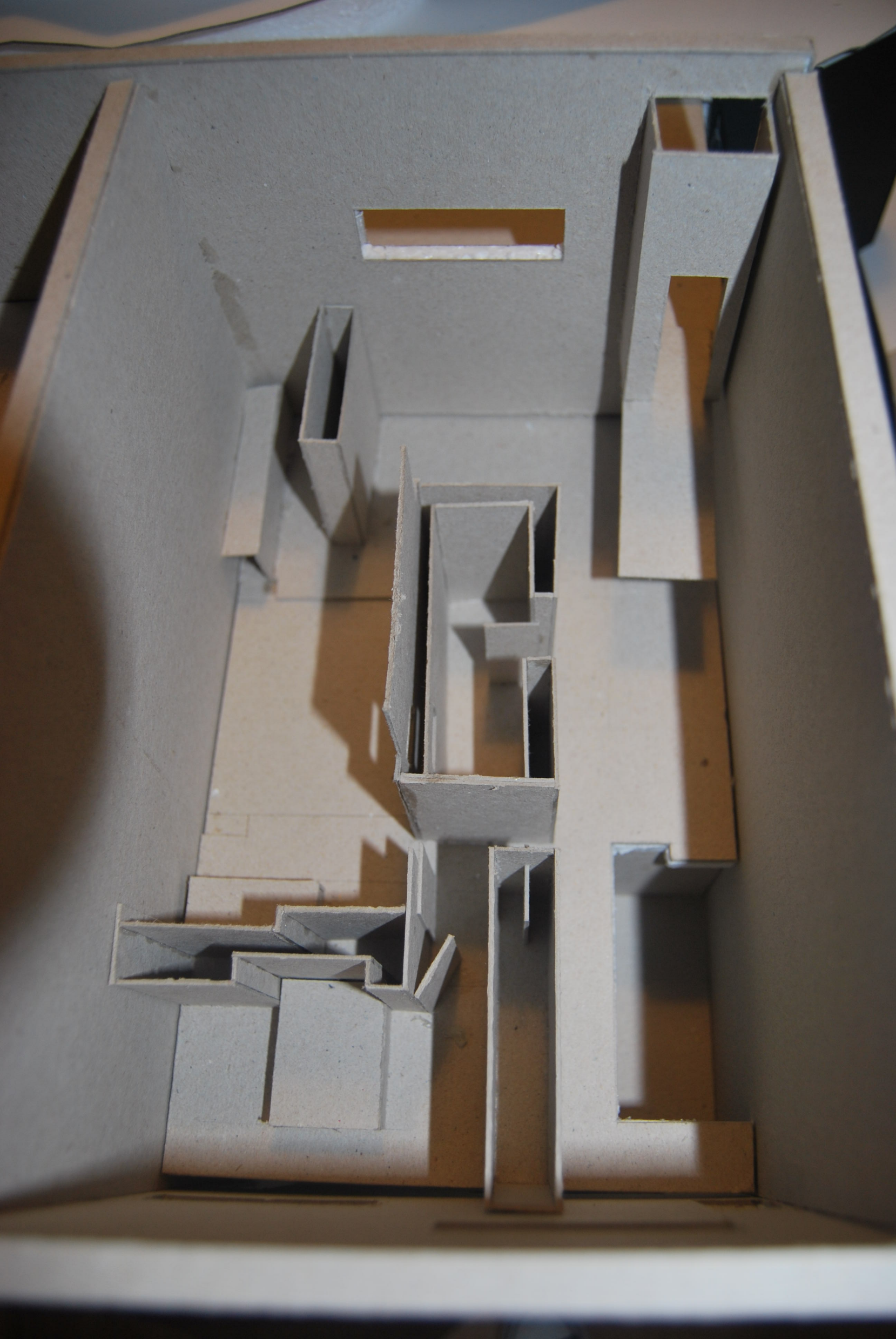


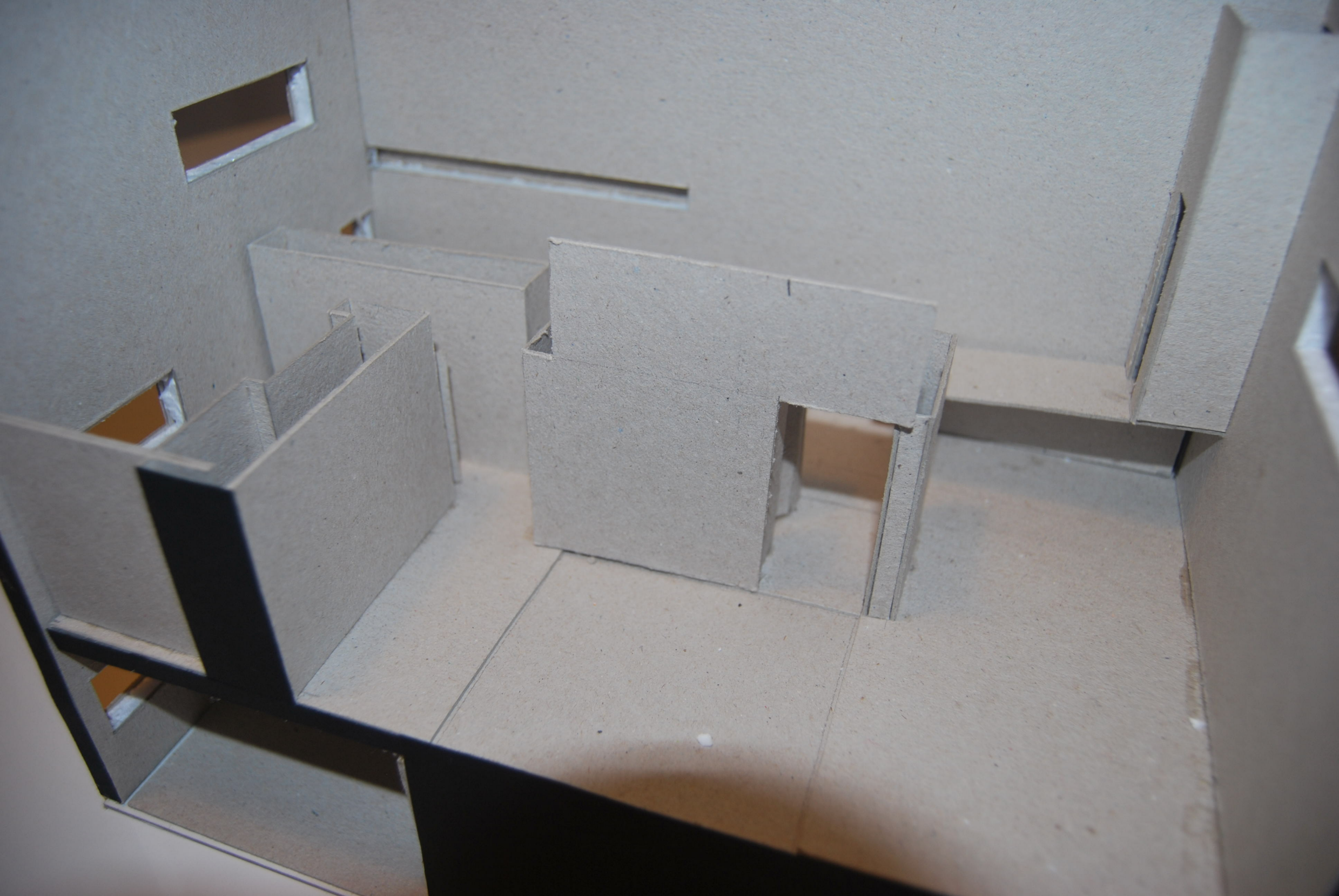


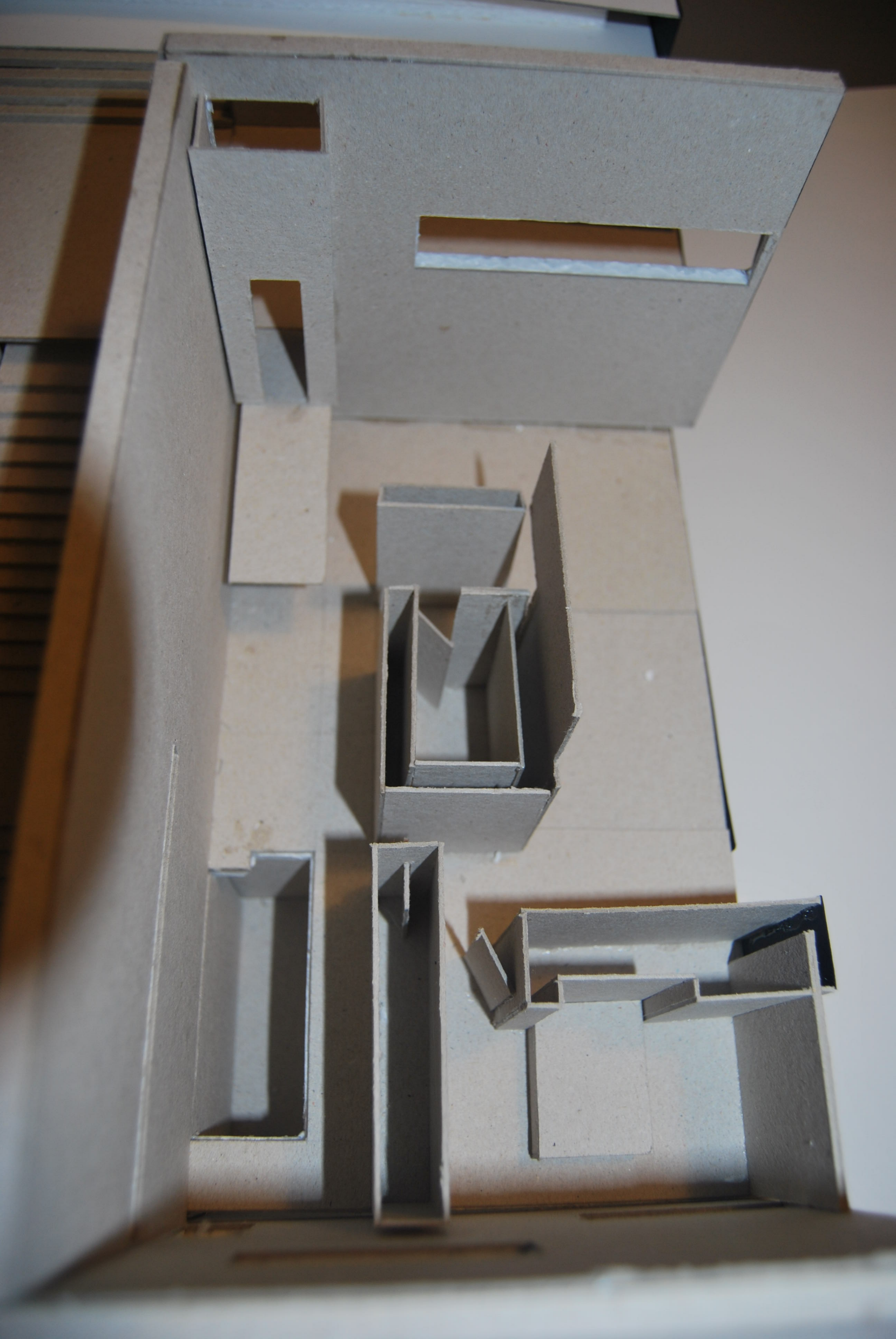










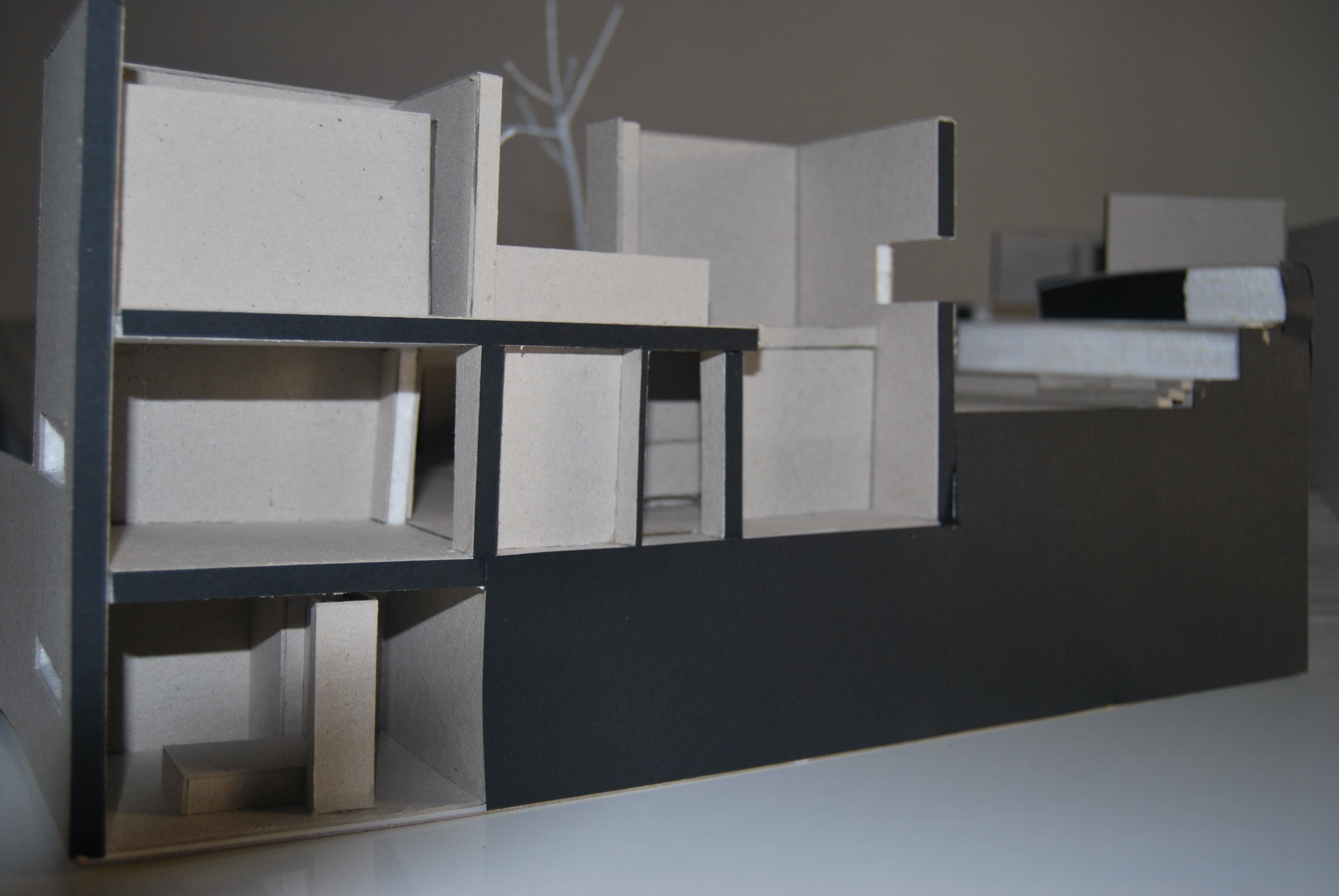
















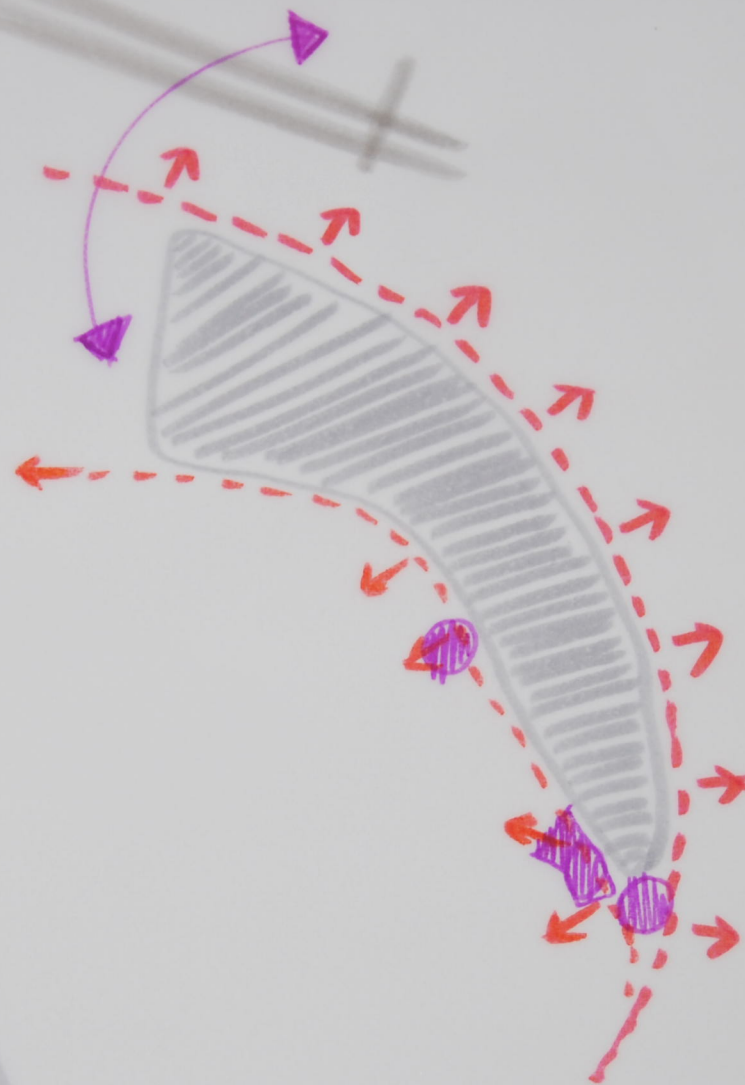






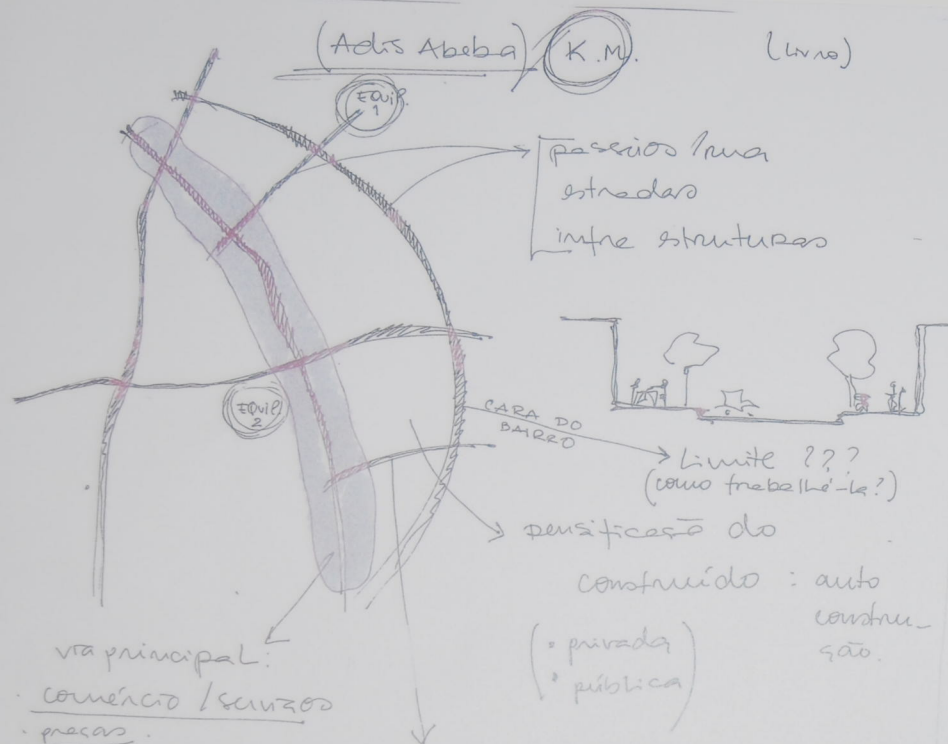






- Relação d'acota transp.
- Fachada e/ envolvente
- Relação c/ bairro
- Entradas
- Rua
- Espaço Público / verde
- Equipamento
- Habitação
- Autores da cidade
 - Kevin Lynch
 - Aldo Rossi
 - Jane Jacobs





via principal:

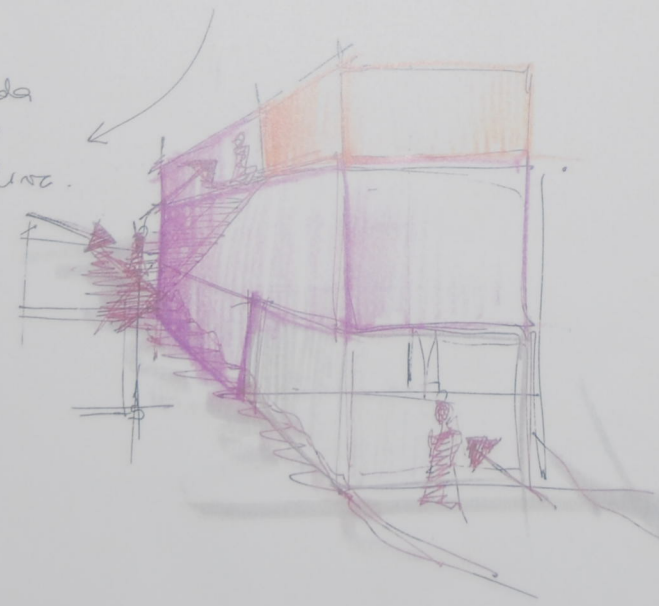
- comércio / serviços
- paradas

Equip. 2: Relocação e/ou principal e/ou actividade constante.

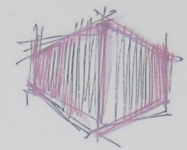
Equip. 1: Interação e acesso ao bairro; mas em questão só bastante montada tendo em conta o seu carácter de secundário.

vias secundárias:

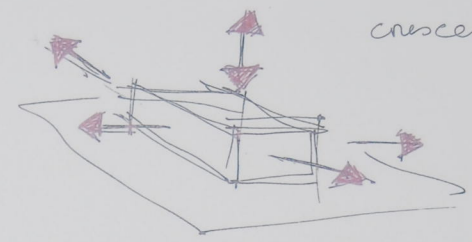
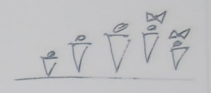
- acesso habitação
- passeios "fora do bairro"
- pouco mov. excepto a do comércio.



ARAVENA: Iguine

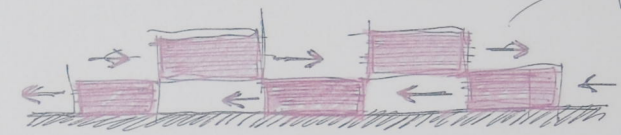


1 casa = 1 família



crescer consoante a família.

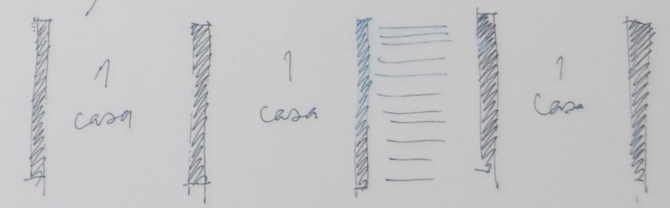
necessidades económ.



para onde pode acontecer a posterior auto-construção

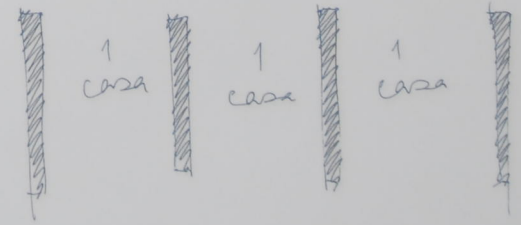
tem: estruturas + infra-estruturas

Antes: (+ custo)



3 casas

Depois: (- custo)



3 casas.

PRÉ-EXISTÊNCIA



1/1000
A



DENSIFICAÇÃO:



MANTER privacidade
das entradas.*

Q. Habitação

Zona ampla/longa
Esp. público no interior
do quarteirão Habitacional.

— mui;
— vários.

tipologias vivadas à rua
(org. diferente).

tratamento diferente
(proj. Hanoi)

Habitação
vs.
Público

VARIAÇÕES TIPOLOGICAS: 5

tipologias c/ alguma
diferença no org.:
cobrem a
passagem

*passagens

organico

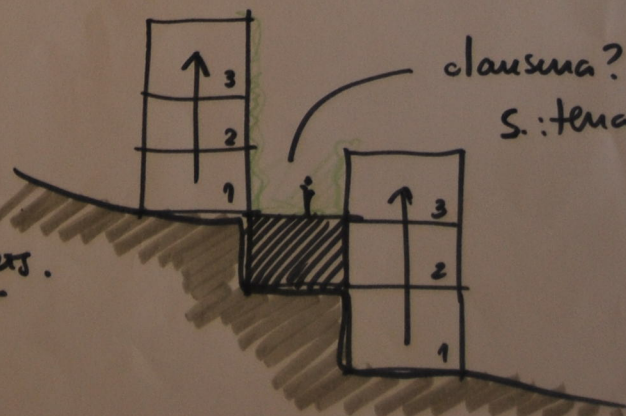
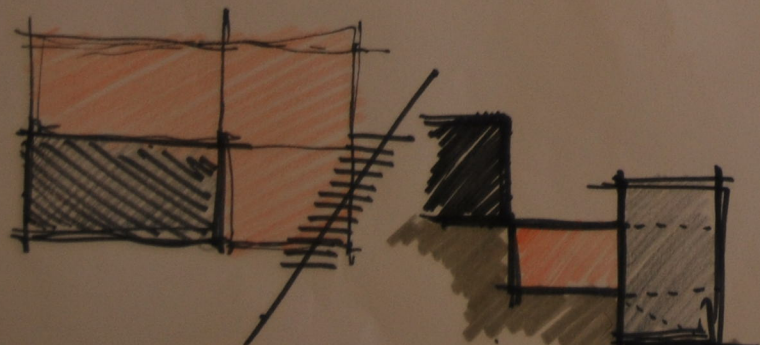
crescimento do hab.
conforme as neces-
sidades dos seus
moradores. São
todas diferentes
e autônomas.

FLEXIBILIDADE

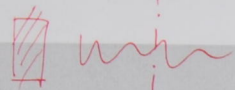
Autônoma vs
Heterogêneo.

clausura?
S.: terraço/jardim.

entender
os desníveis.

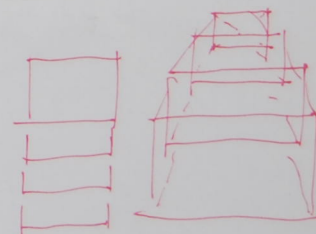
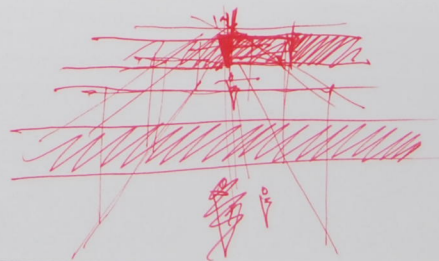
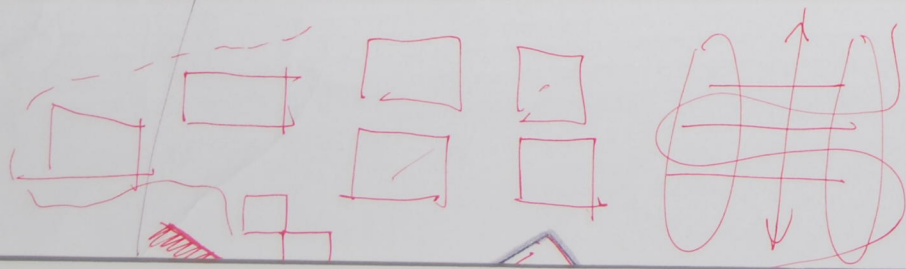
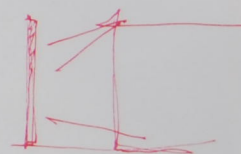
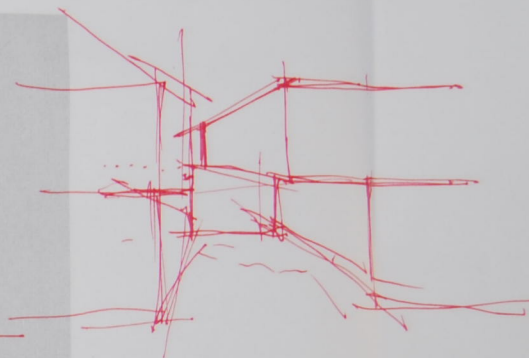
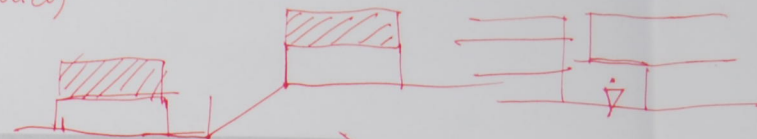


Espelho
tipologia



Espelho
organização

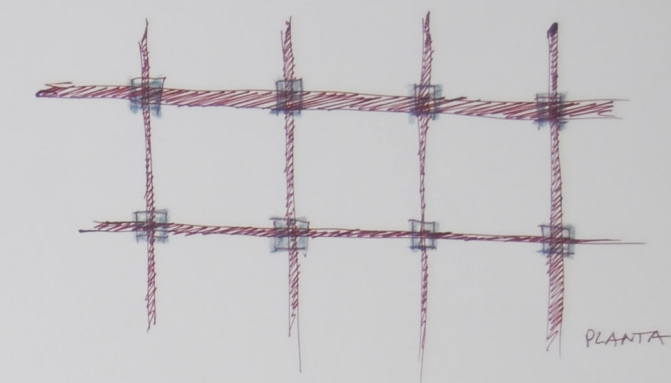
Topo: percurso interior (edifício suco)
percurso exterior
chegada / condomínio.
lugar de
reuniões.
etc.



ligação à cidade



acessos
automóvel
combustor
autocarro



Malha Estrutural:

- Flexibilidade
- Maleabilidade
- Independente (núcleos água)

Auto. construção assistida

Auto. construção:

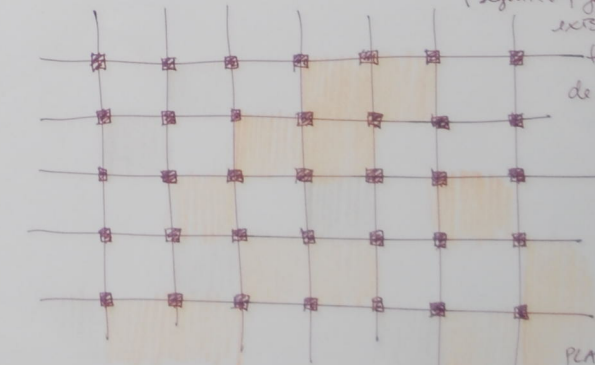
- + conteúdo
- + habitação

estrutura suporte esquelético.

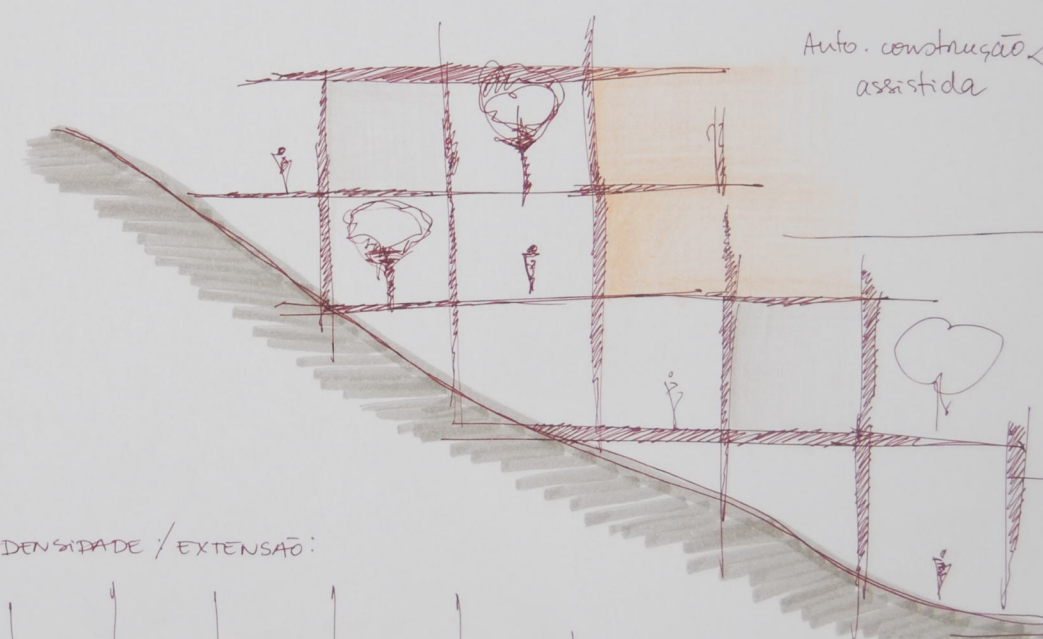
Adaptação ao terreno.

(segundo se lê existe em termos de percursos etc.)

INFINITAS COMBINAÇÕES:

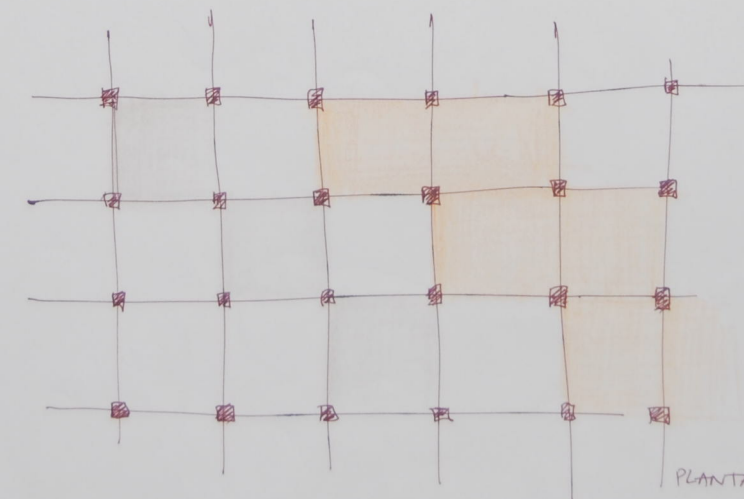


PLANTA



CORTE

DENSIDADE / EXTENSÃO:

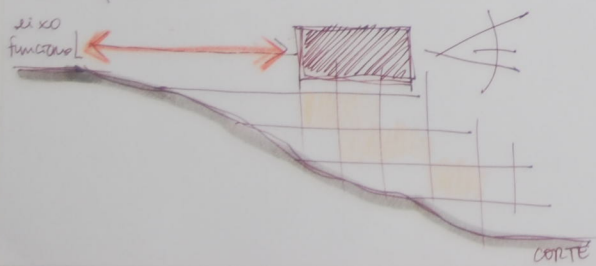


PLANTA

QUESTÕES:

outra percursos q abraça todos (c/algum equip.)

1) Percursos q se estabelece será usado maioritariamente por quem mora naquela "estrutura" então, será q se justifica existir a dualidade habitação vs. estudo/lga? E se o estudo/lga fosse trasladado p/ cima de modo a estar relacionado directamente c/ o eixo funcional? E o "decurso" se transformasse num equipamento complementar à habitação?



Estrutura: Esqueleto/suporte

Distribuidor: água
esgoto
electricidade

Material Pré-fabricados:

- * resistente;
- * durabilidade;
- * transportáveis;
- * fácil reparação;
- * fácil montagem.

Auto. construção: Casa
(conteúdo)

Pilares + Vigas pré-fabricados:

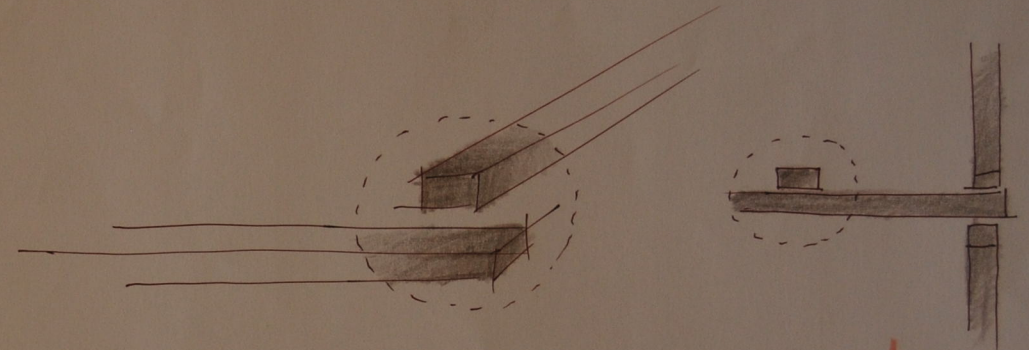
- ① { → medidas;
→ encaixes.

Quais os materiais ???
PESQUISAR.

Materiais aos quais

os indivíduos tenham
acesso pelos seus meios.

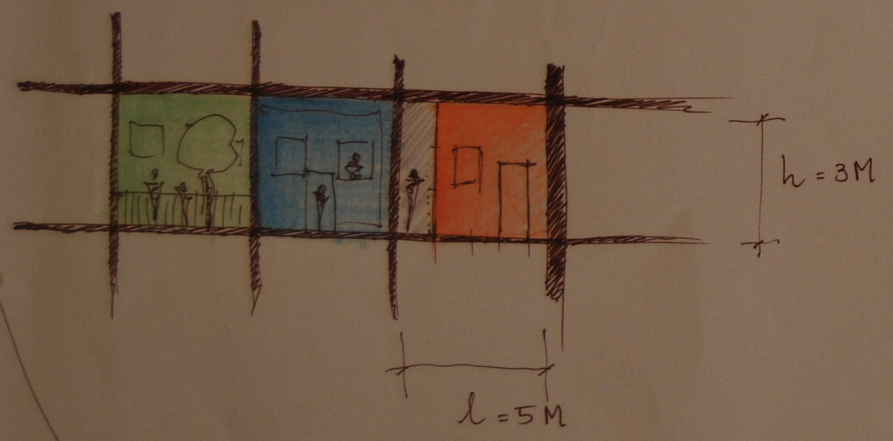
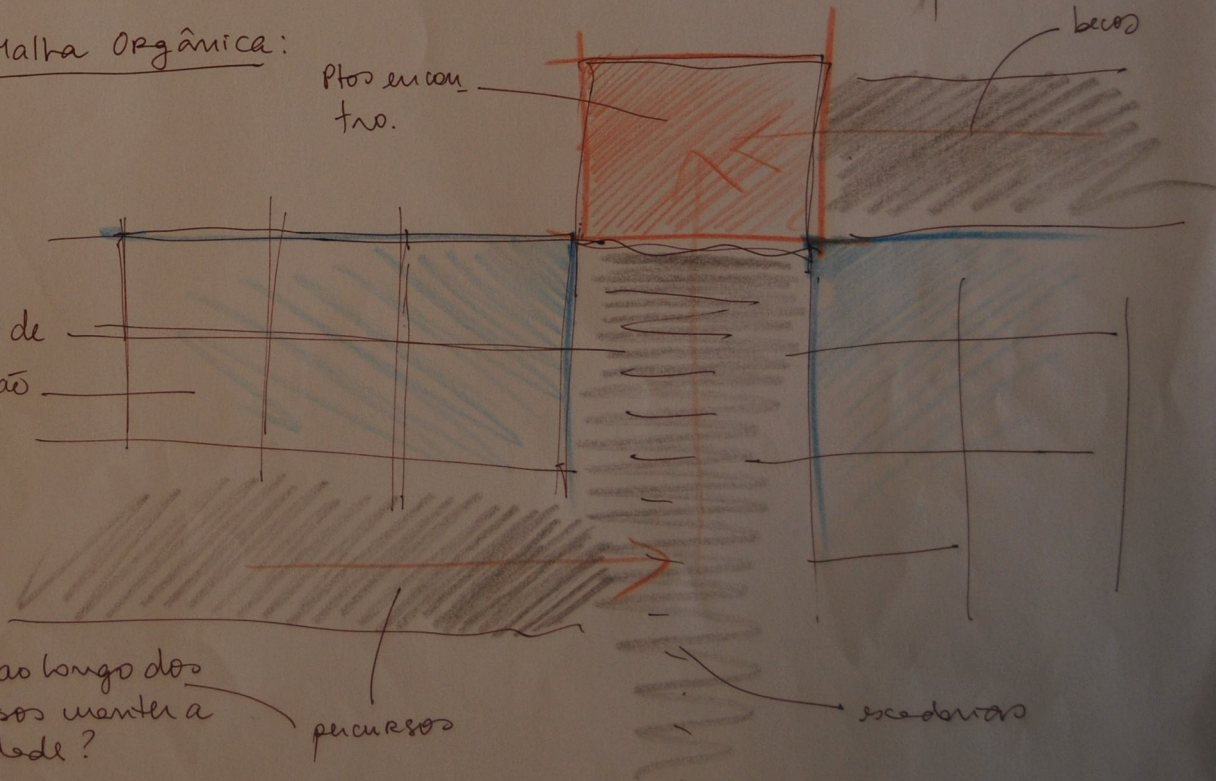
económico;
físico.



Malha Orgânica:

Pls encon-
tro.

zona de
Habitação



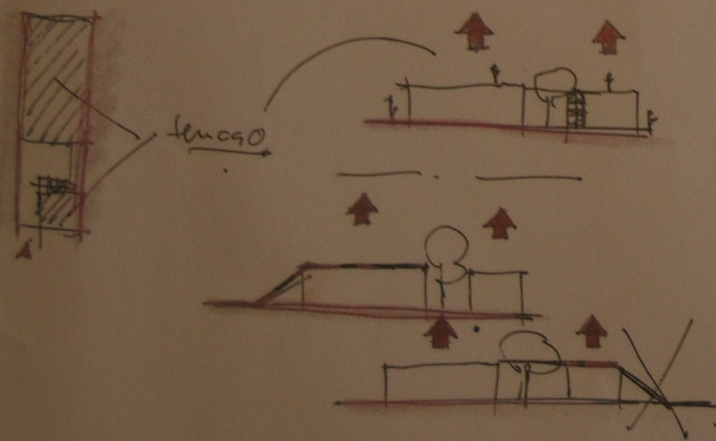
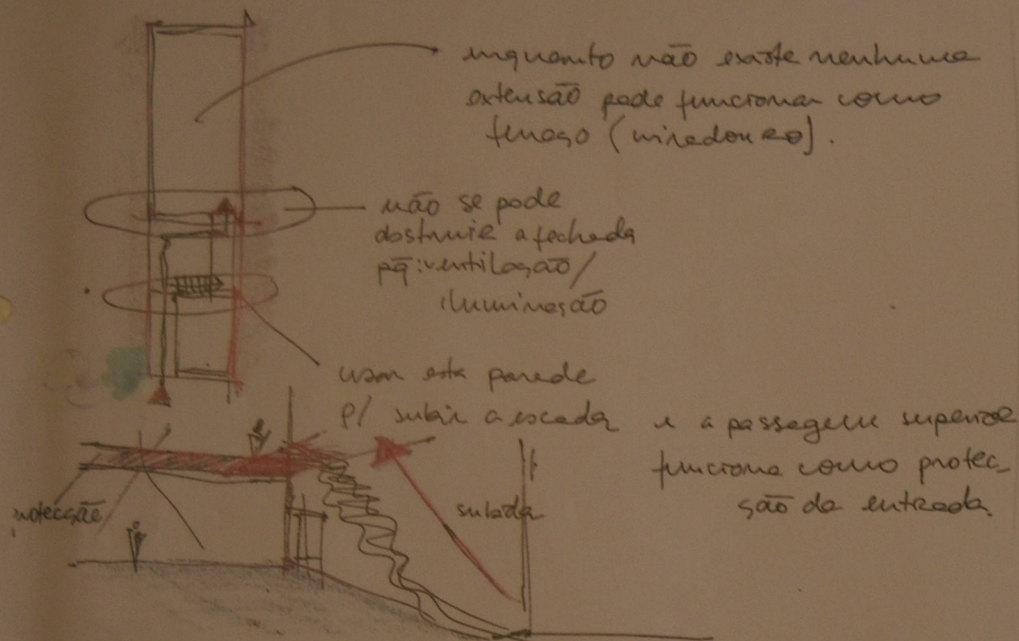
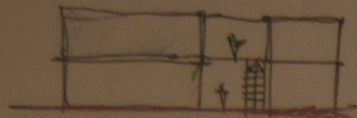
Heterogeneidade: tanta diversidade
(flexibilidade) quanto moradores.
(auto. construção).

- Largo, parques
etc.

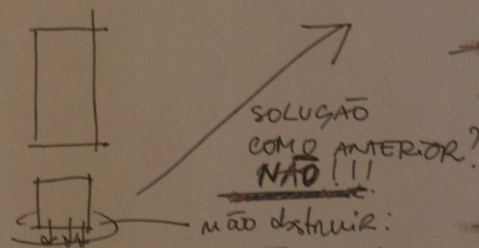
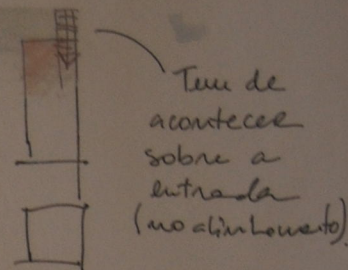
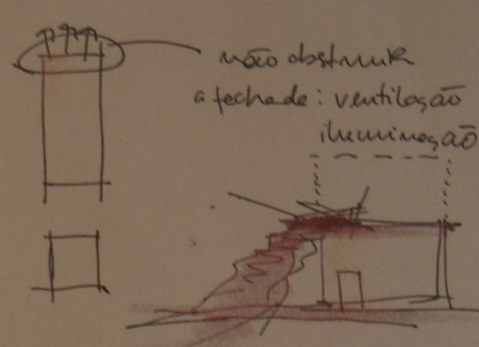
Como ao longo dos
percursos manter a
vitalidade?

Público/
Privado.

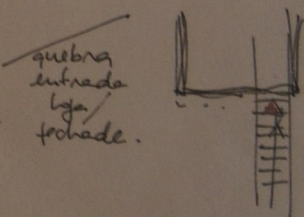
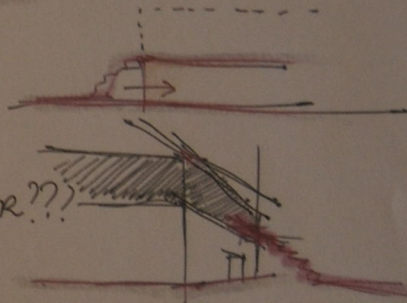
- * A partir dos bicos existentes e dos percursos (planos ou escadarias) requalificam-se e adaptam-se a nova moradia expansiva.



se entradas pelo pé do.
(bogo desde o início).
pode ser usado como teto so.
se entradas por fora



ESTA SOL. NÃO EXISTIRÁ
não destruir: ligação direta rua/pátio
ventilação/ iluminação.

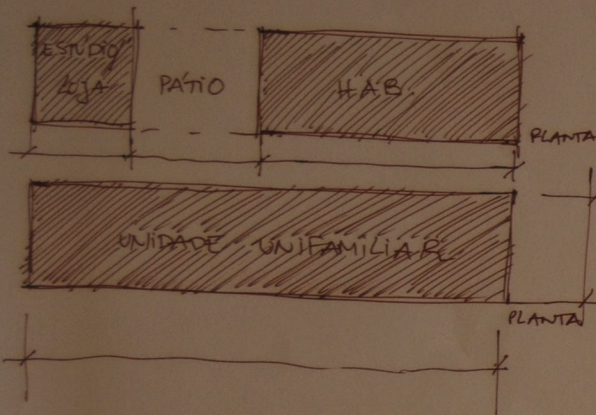


* como acontece a auto. construção???

Projectos participativos: Lucien Kroll ATH 430
N. John Habraken ATH 1150
John Turner

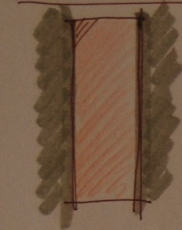
TIPOLOGIA

2



acesso automóvel
(de um canto).

Reabilitação:



PRIVADO

TRANSIÇÃO

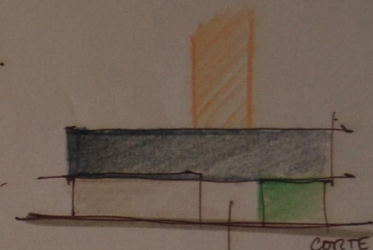
PÚBLICO

loja/estúdio:
acesso directo
ao 'comércio'.



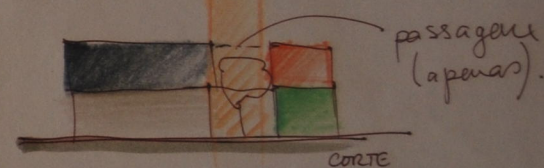
custos
aluguer/
expansão
familiar

posto distributivo



BLOQUEIO
ENFRAQUECIMENTO
DO PATIO

> como controlar ???



passagem
(apenas).

ventilação/iluminação

PRIVADO
dormir

SOCIALIZAR
cozinha
comedor
sala estar

ventilação/iluminação

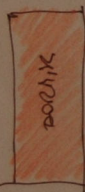
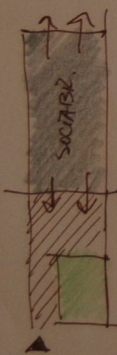
PLANTA

dormir

SOCIALIZAR
(relação c/o
patio)

CORTE

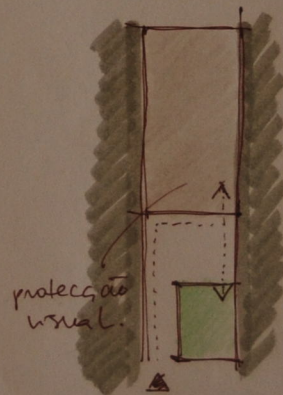
Passagem/entrada (de modo q não
se atravesse a loja/estúdio).



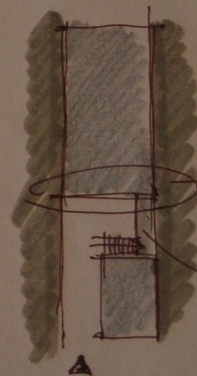
PLANTA
2º PRTO

PLANTA
BAXA

ESTRATÉGIAS EXTENSÃO



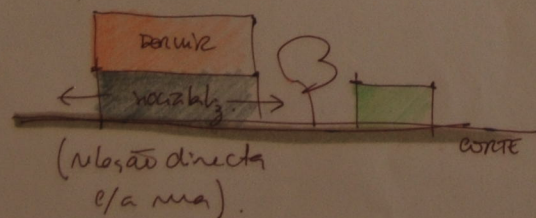
protecção
visual.



não destruir:
ventilação
iluminação.

funciona como
passagem superior
e protecção p/ entrada.

INFINITAS
COMBINAÇÕES



(relação directa
e/a rua).



terraço;
extensão da habitação.

Definir

• pto de água

mas posso chegar
a usar materiais
como acontece?

• esqueleto dimensões apropriadas à habitação

* Casa: não como modelo funcional apenas, mas como política de vida.

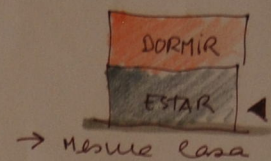
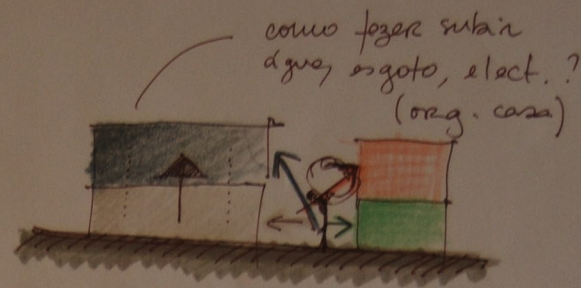
espiritualidade (tipos / materiais)

? auto. construção?

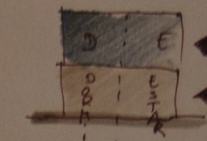
* f3 @ sentro da frente.

JOGO MODEZAR.

2 hipóteses:



→ mesma casa



→ Casas indep.

DORMIR: 4
Electricidade

BANHO:

Água
Esgoto
Electricidade

COZINHAR:

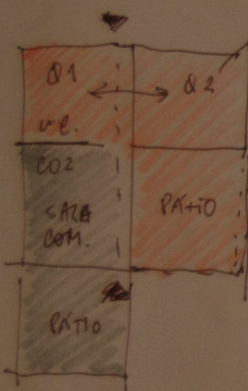
Água
Electricidade

ESTAR:

Electricidade

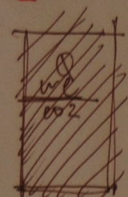
ESTÚDIO:

Electricidade
Água
Esgoto



EXPANSÃO:

Uso de lotes vizinhos.



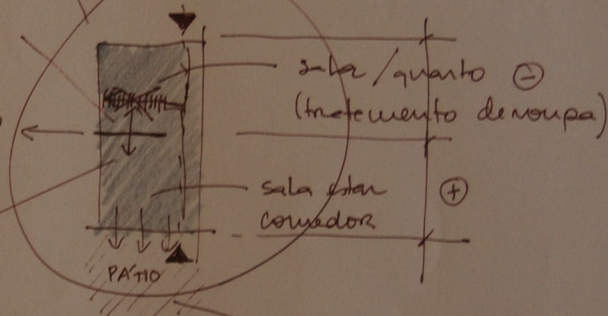
módulo proposto.

sua 2 ledos

parede de água

cozinha

w.c.



Modelo inicial (1 casa s/ filhos)



EXPANSÃO:

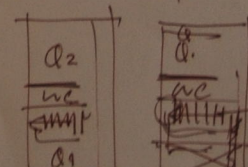
Crescido sempre segundo o mesmo lote.

Problema:

Iluminação
Ventilação
ZENITAZ

Posição dos brachos interiores.

Ver into bem as dimensões do patio.



acesso p/ro superior?

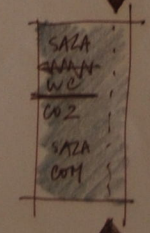
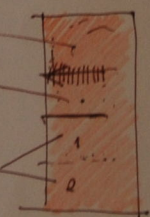
3. estudo

Alterar as brachos.

w.c.

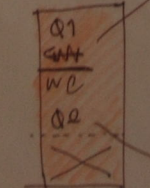
Quarto

mezzanine de estudo.

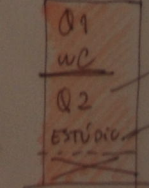


Quanto quartos?

tendo em conta a org. org.



Artificial estar aberto



pode estar aberto a sala (p/ directo

Como ventilar/ iluminar? ZENITAZ

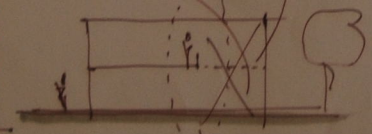
transformação! (reflexo da decisão)

CASA INDEPENDENTE

CASA INDEPENDENTE / TO LOFT

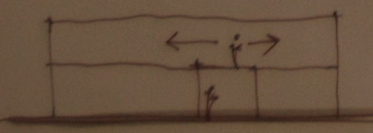
ESTÚDIO

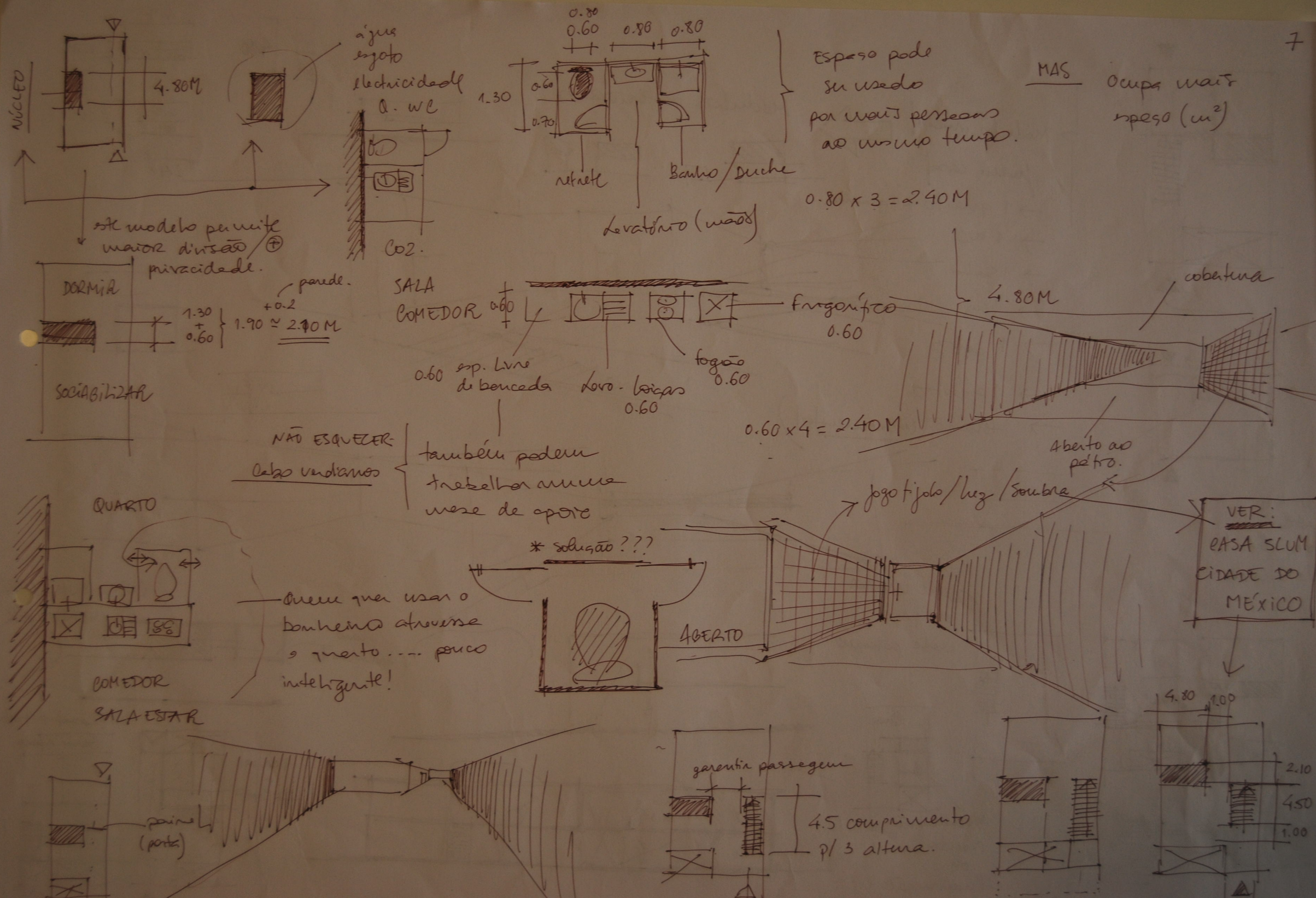
Pé direito duplo: f3 sentro? (muito espaços)



cheiros de cozinha?

* CARRO

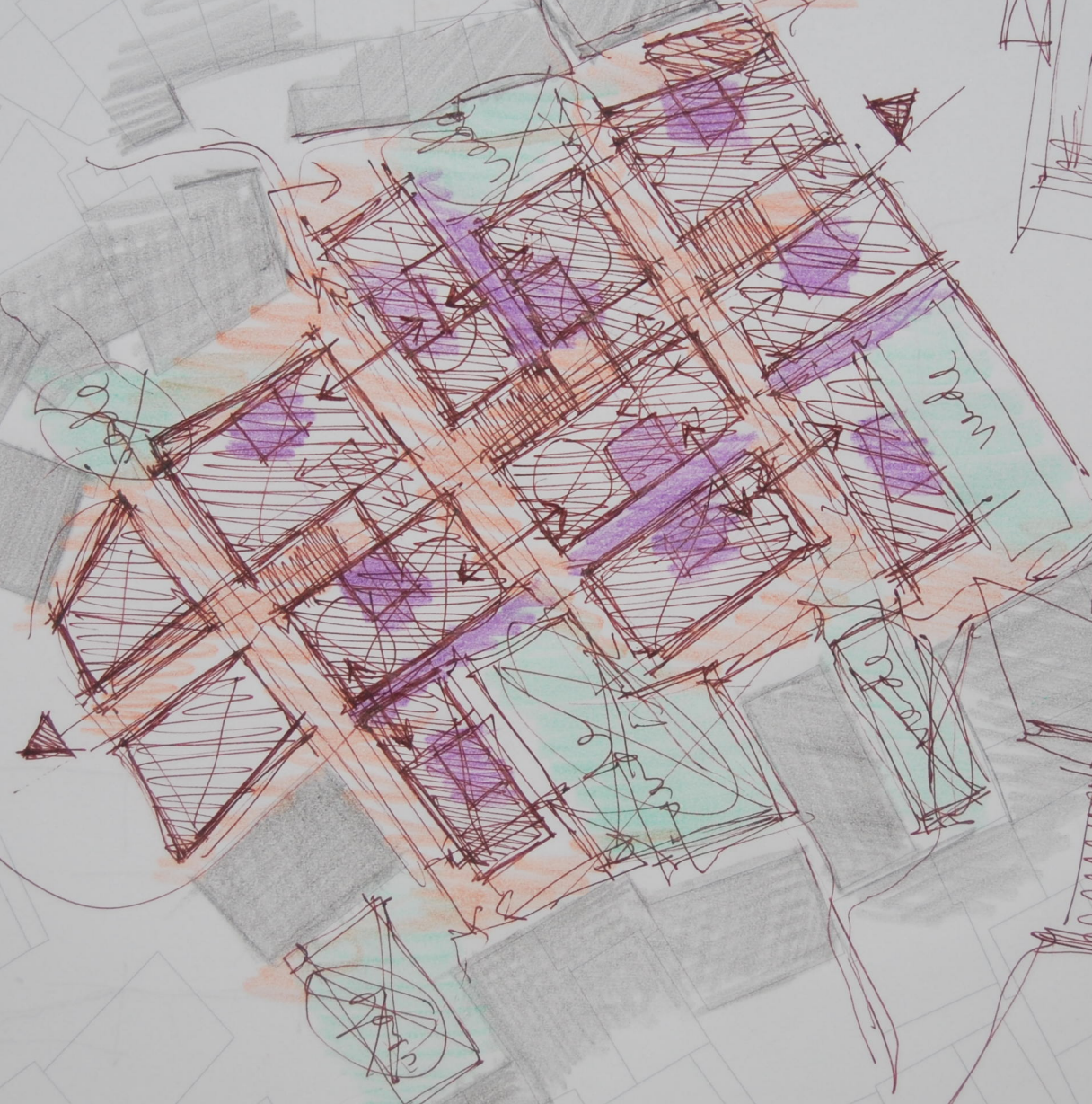


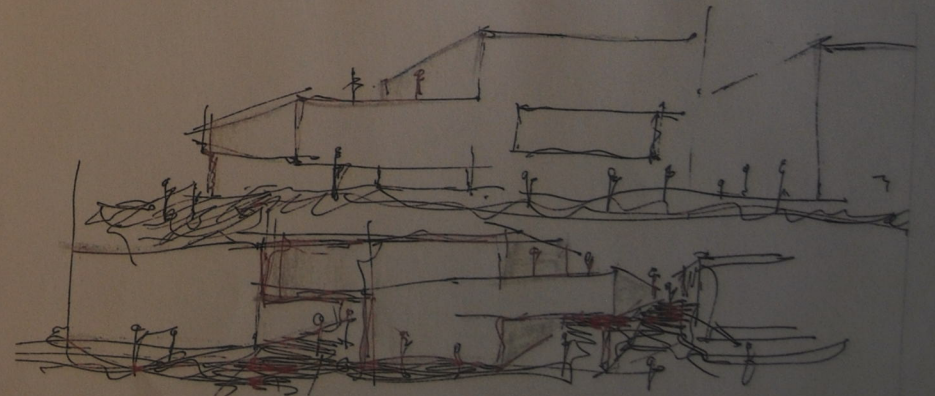
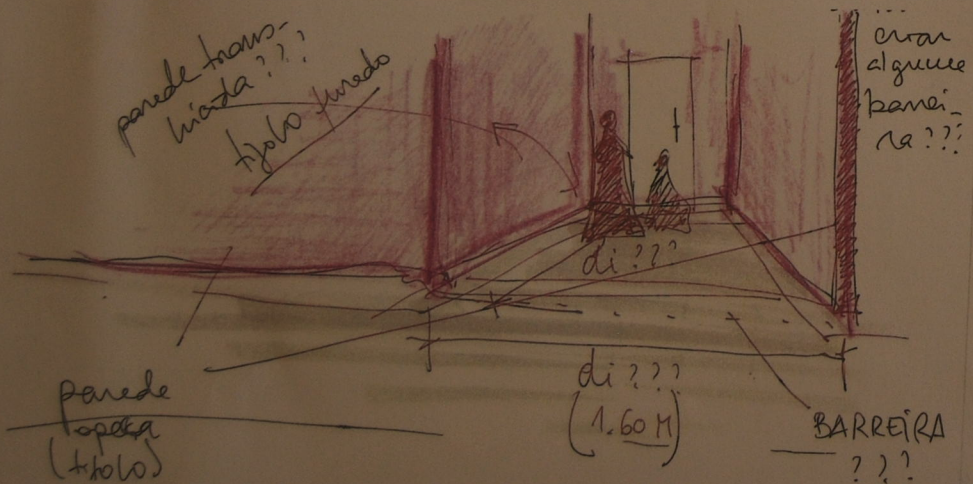
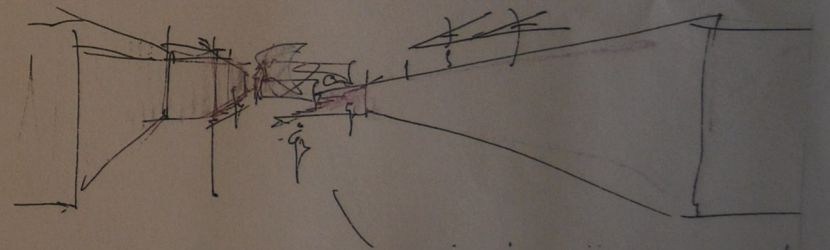
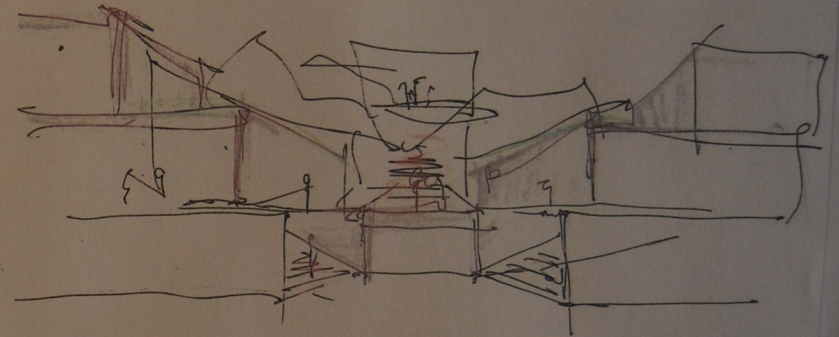
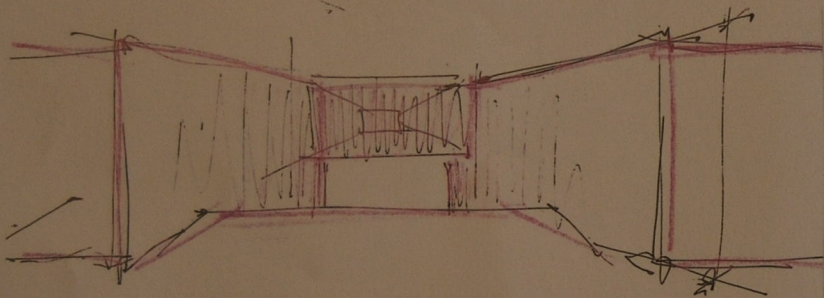
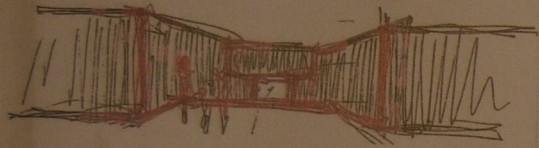
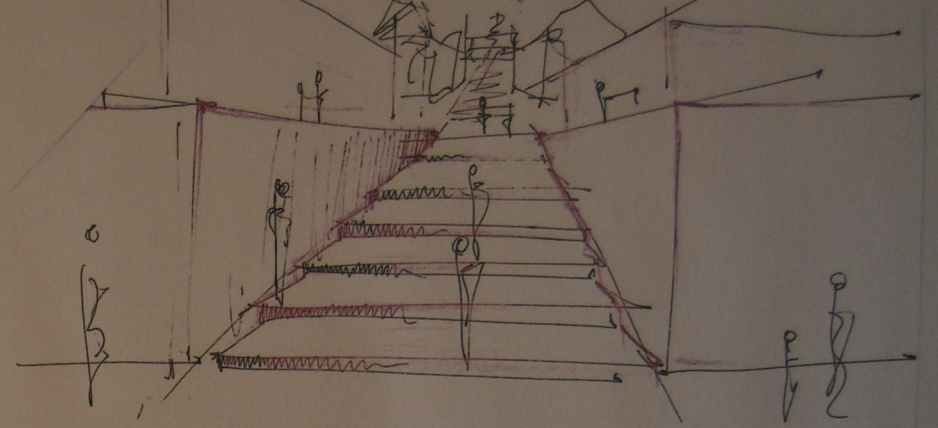
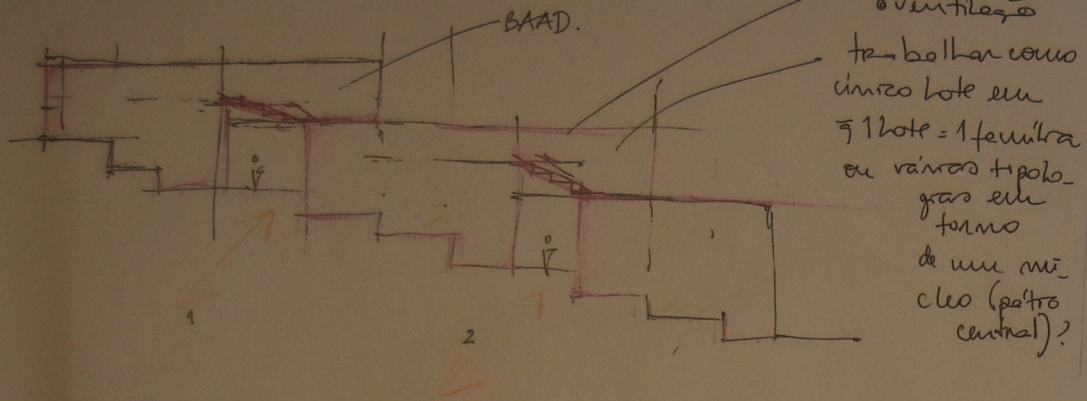


parte sulla edificazione

dargo.

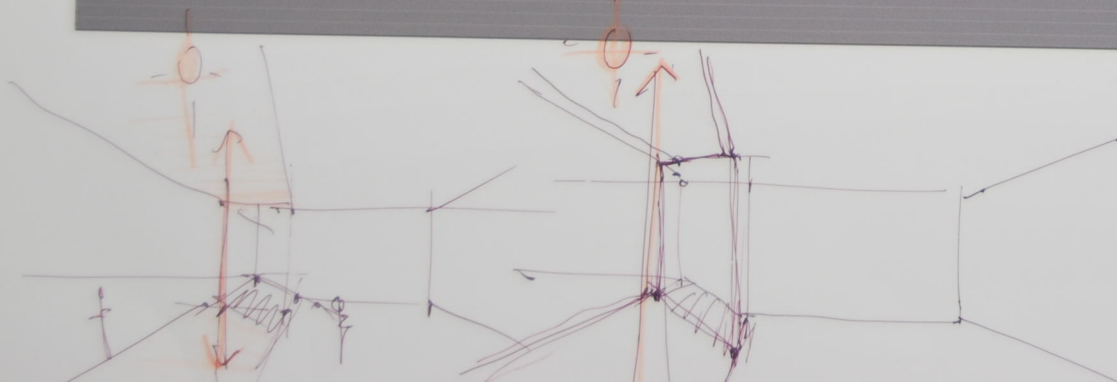
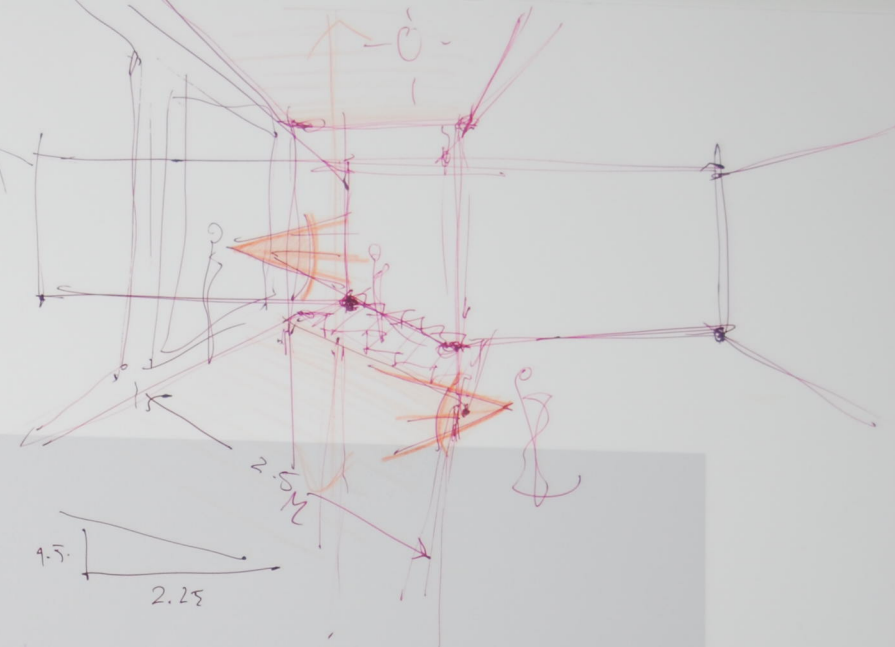
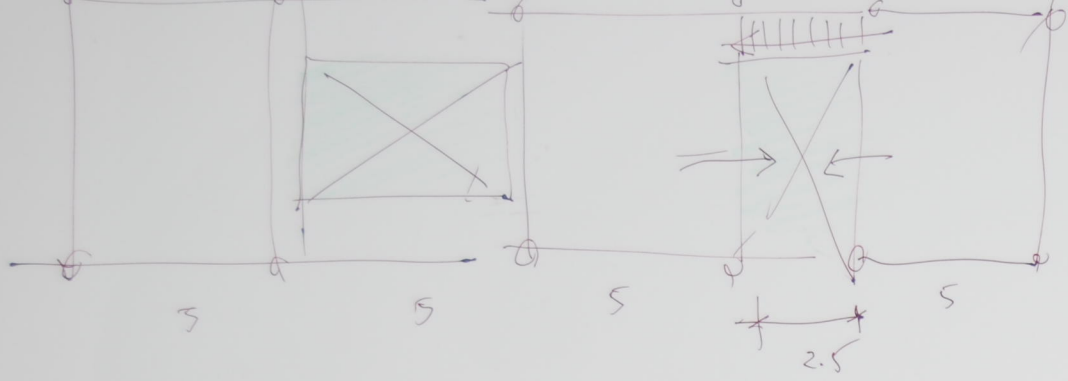
1/500



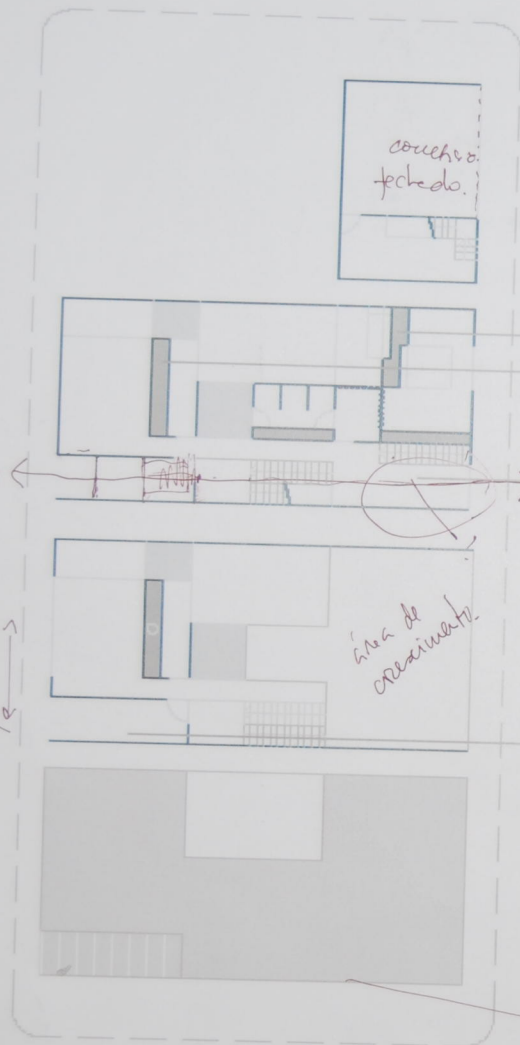


- ① Espacos verdes
② Pátios
③ Habitação
④ Recreios





- non a-a' (incomplete)
- topos
- passageurs/dominants
- pubblico

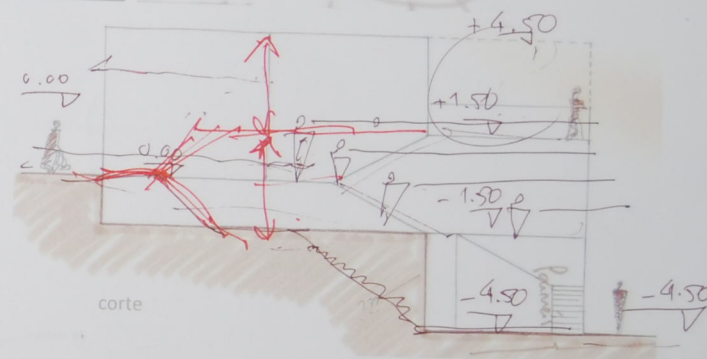


desenho dos armários

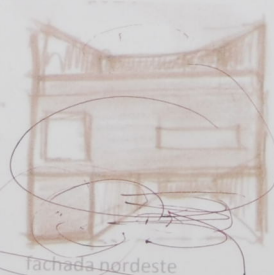
continuidade visual

zona chegada

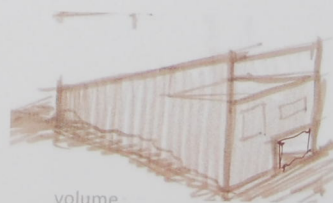
duplo pé direito: estar



espaço de entrada



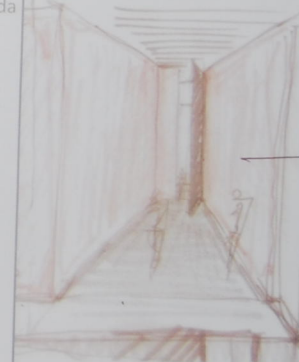
fachada nordeste



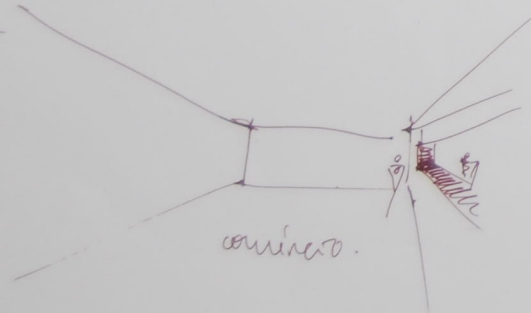
volume



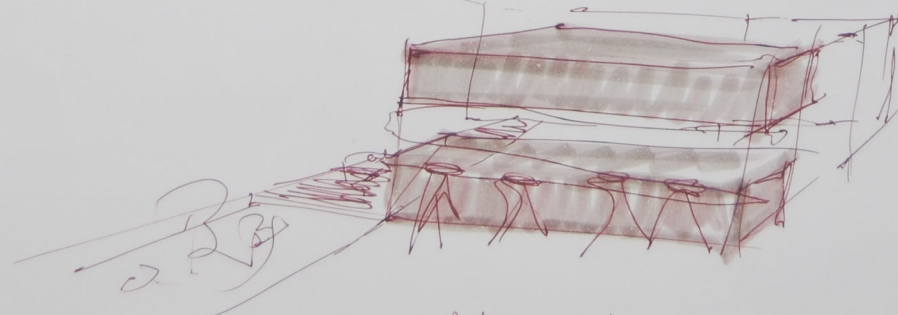
fachada sudoeste



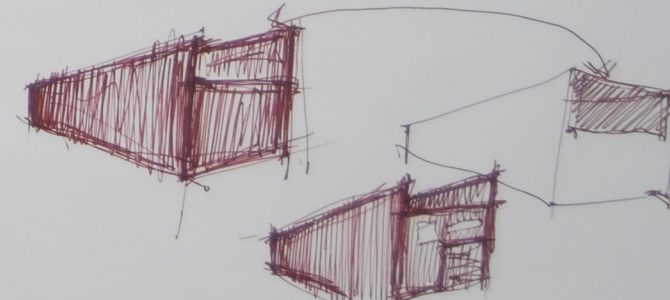
? espaço
" \$



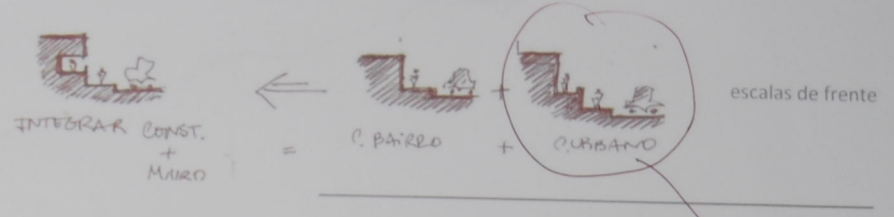
cornero.



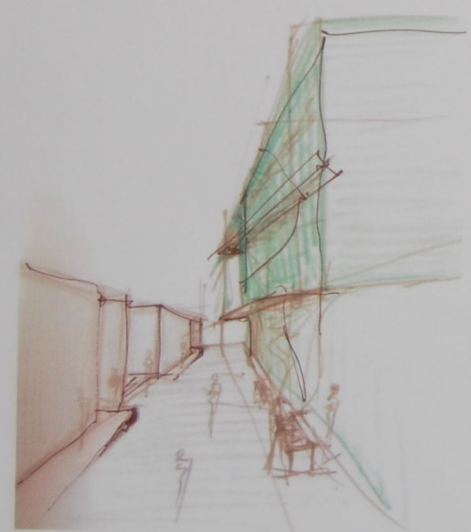
Balcão cozinha.



as medidas

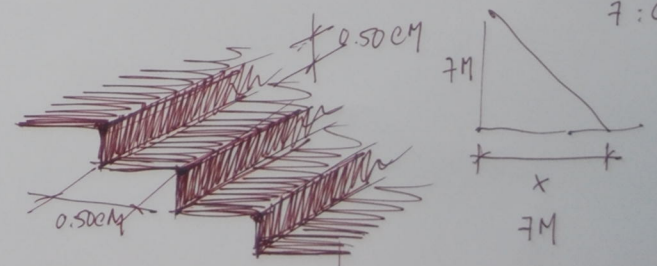
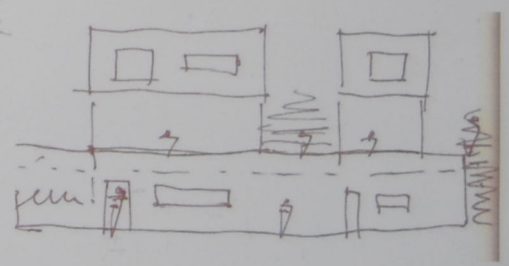
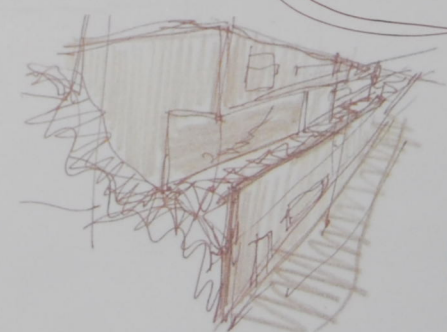
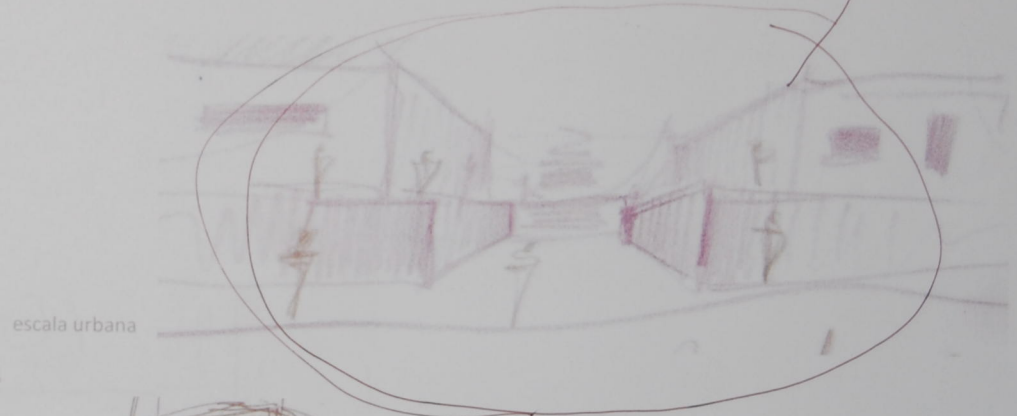


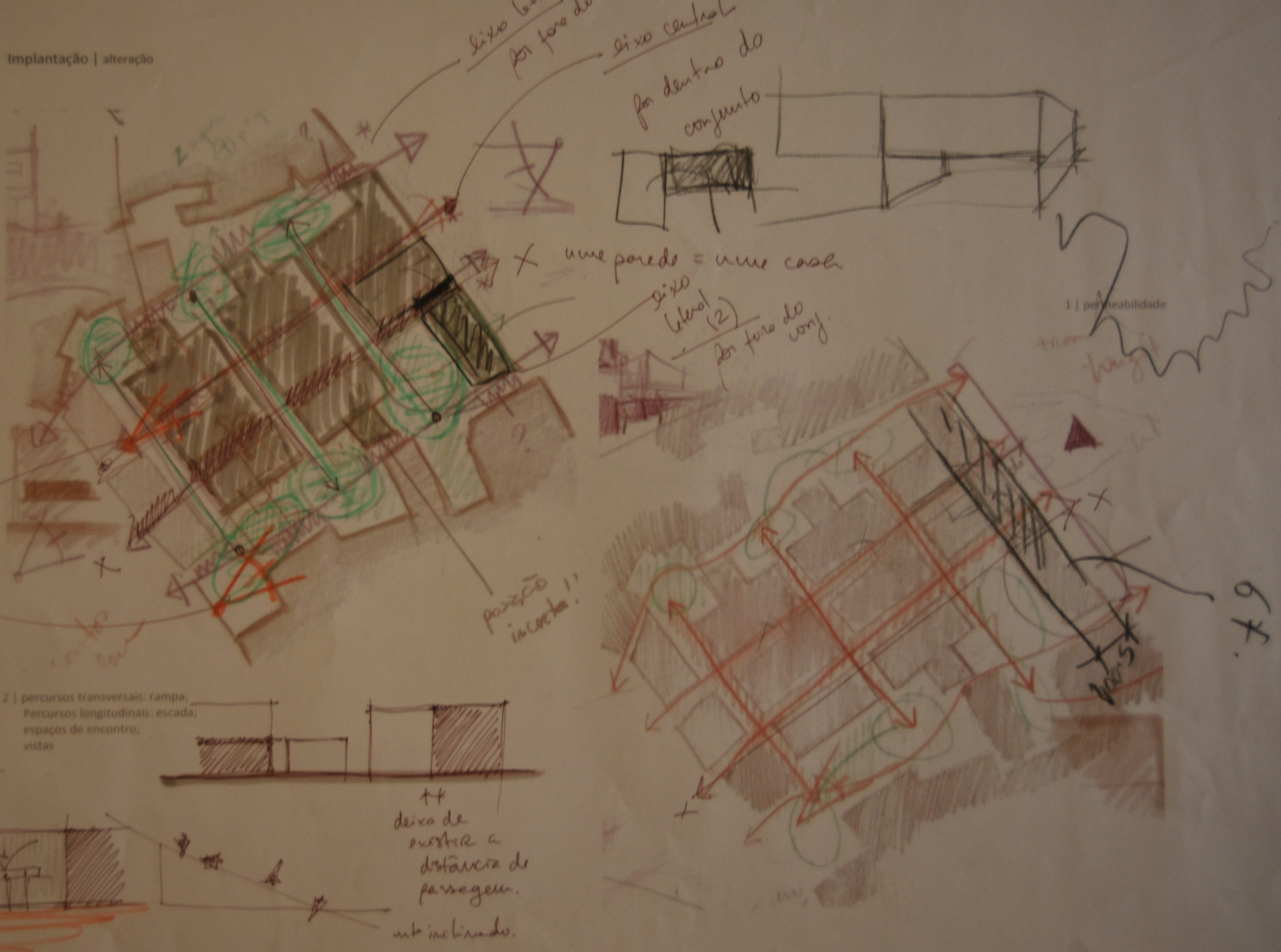
Soluçāo

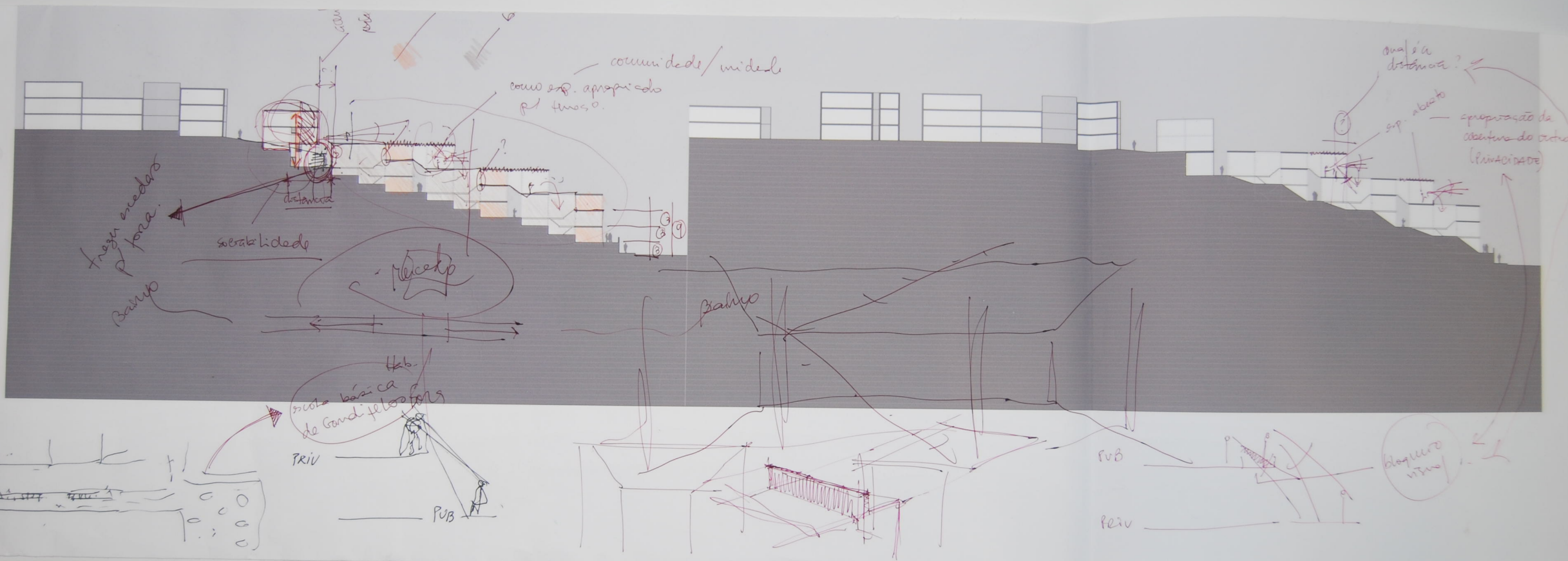


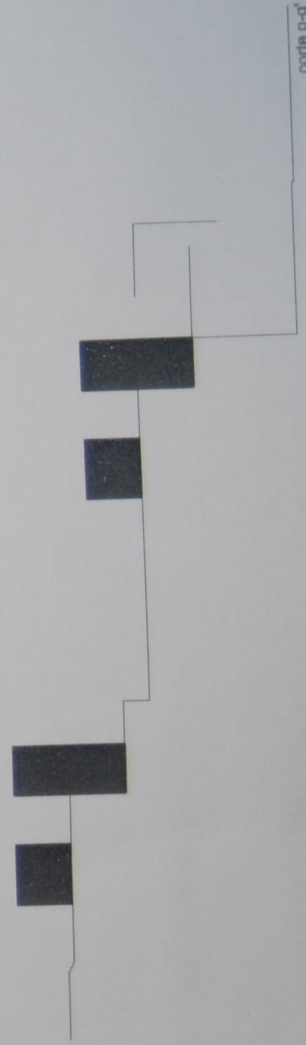
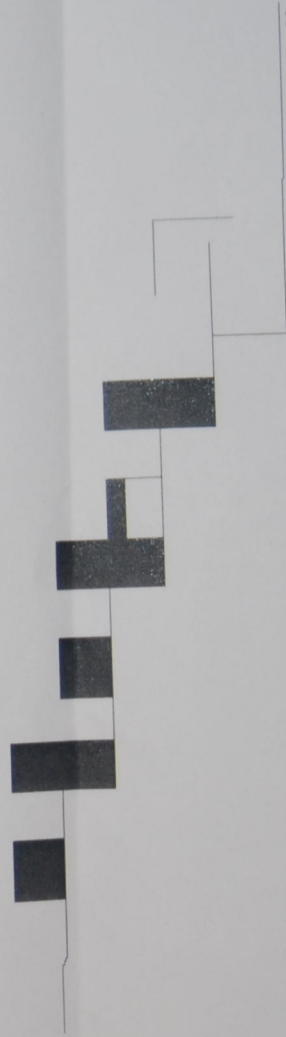
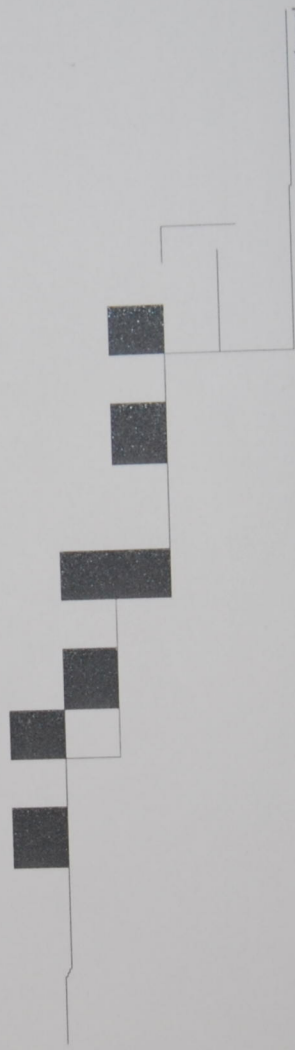
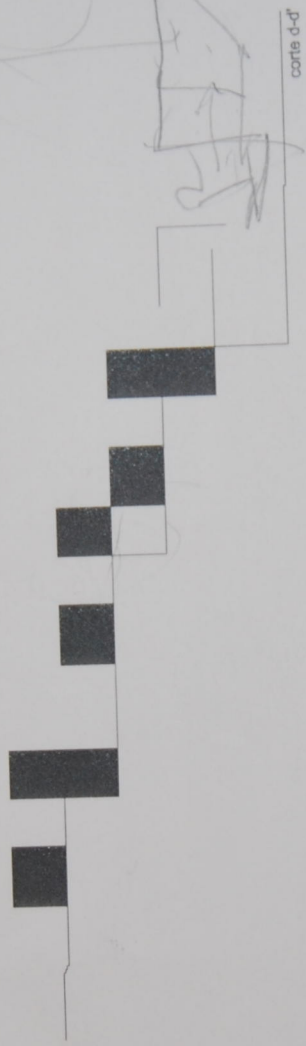
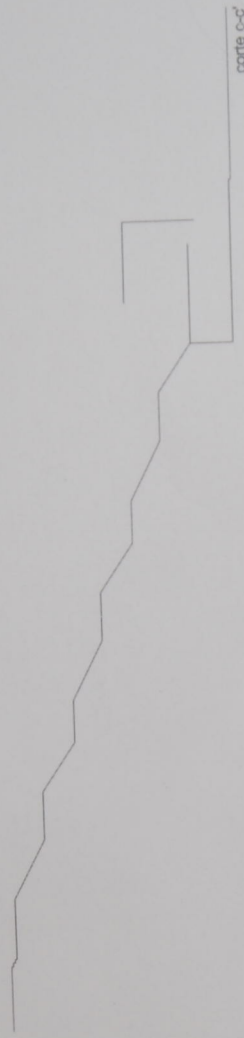
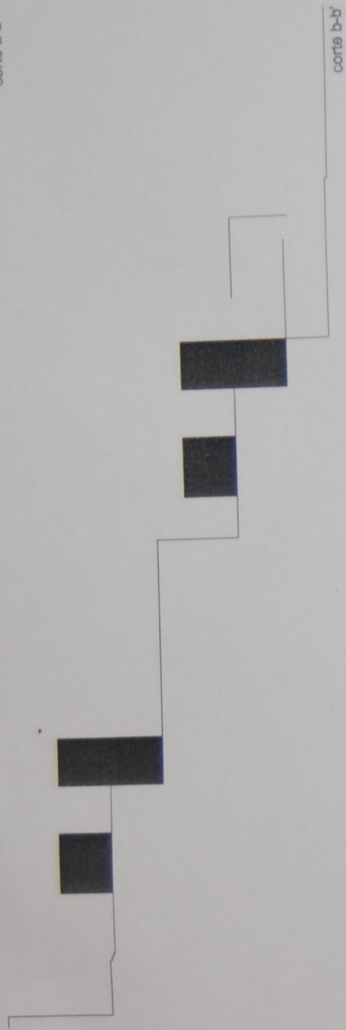
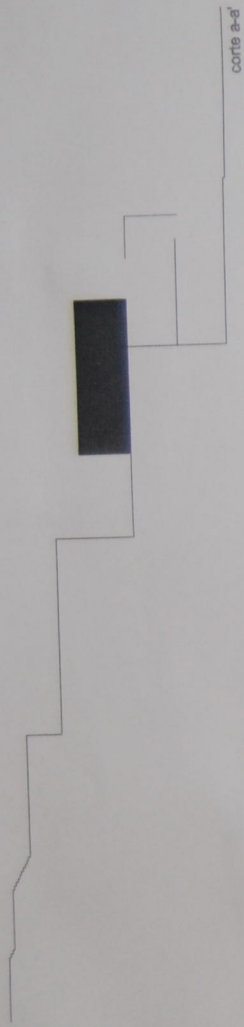
5M.

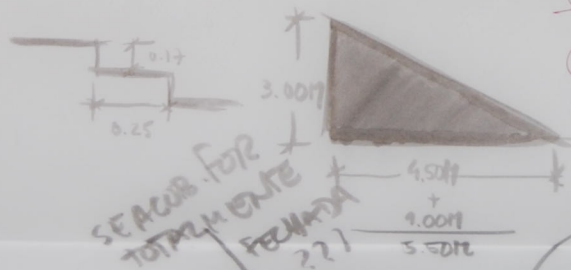
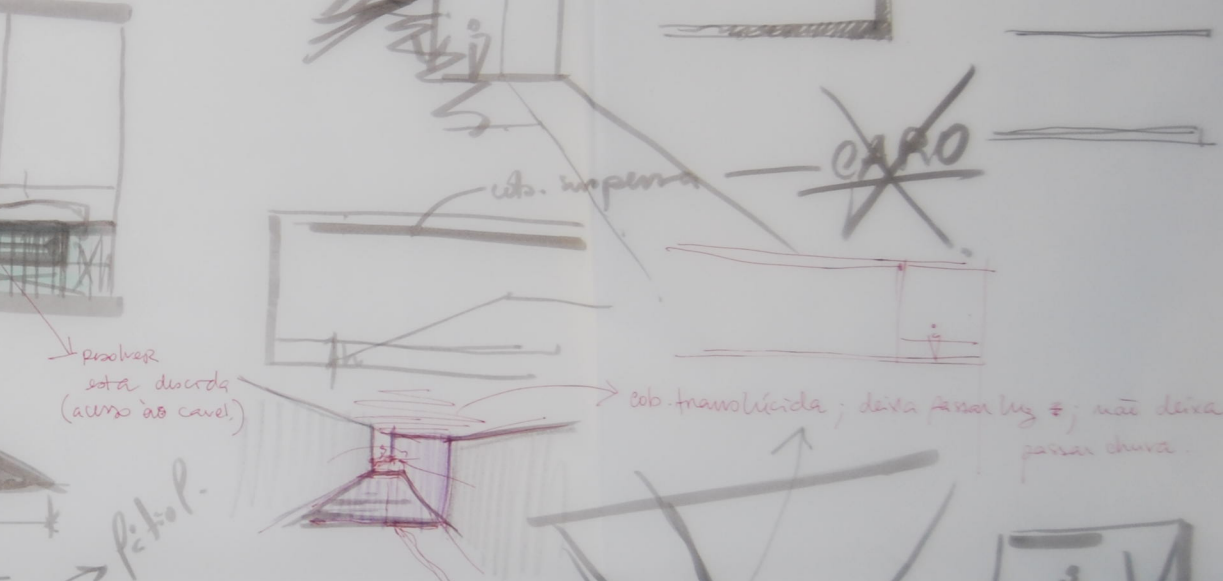
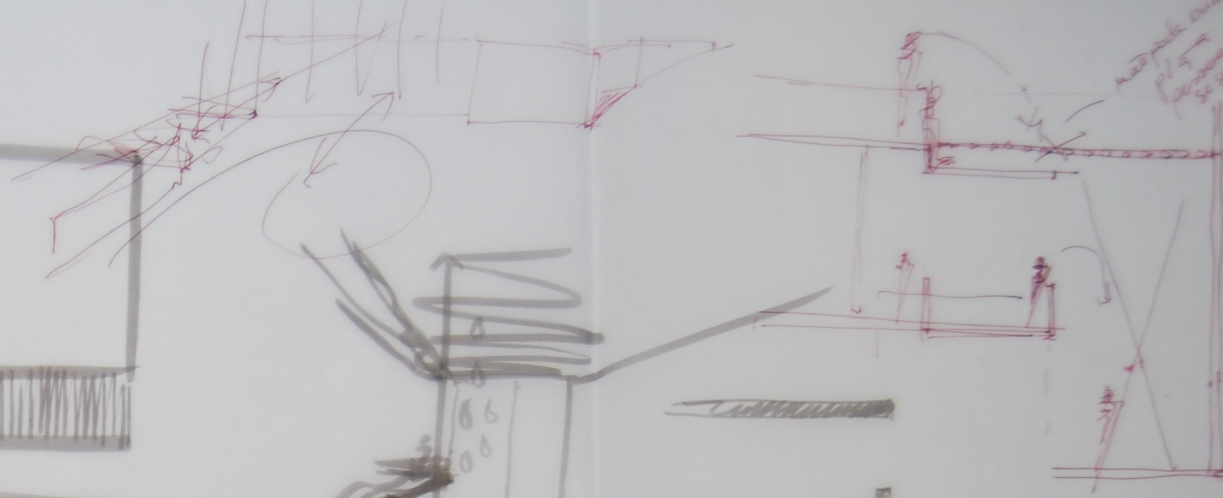
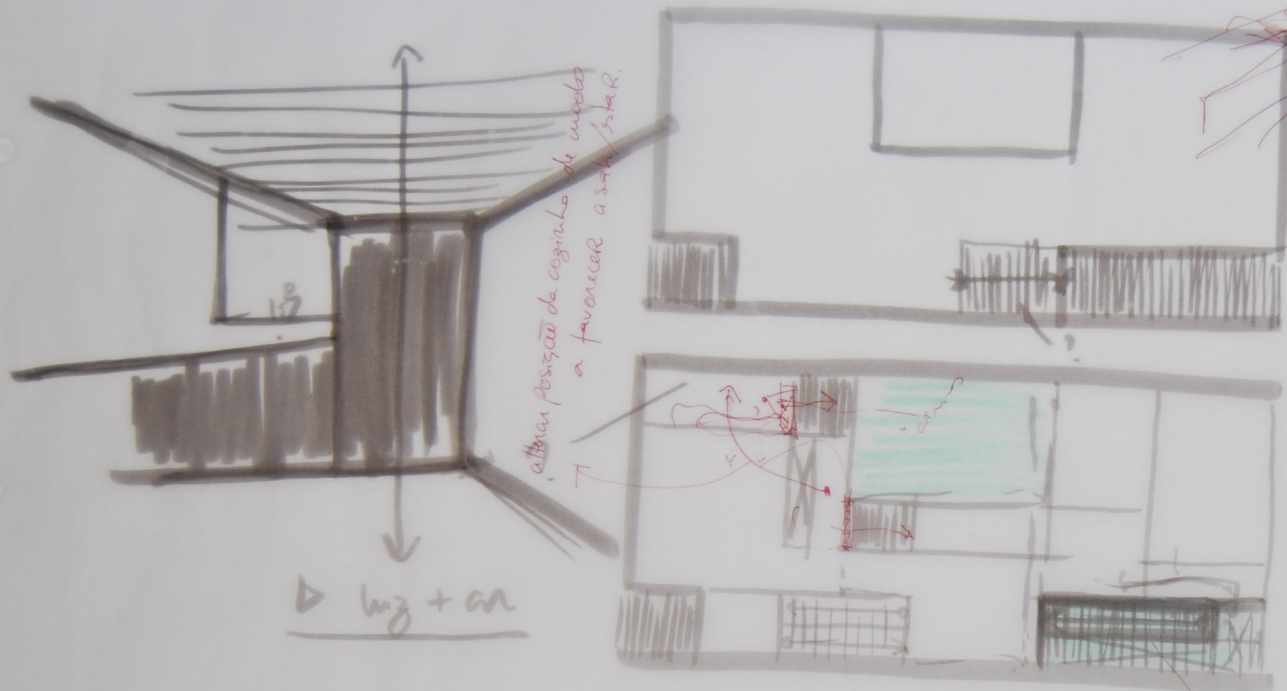
ma ⊕ longa (entre escalo)
f_g ???





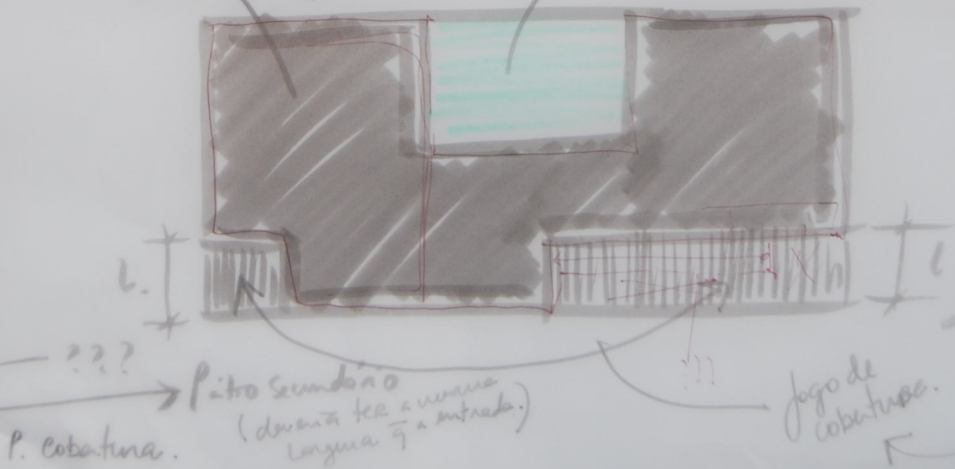
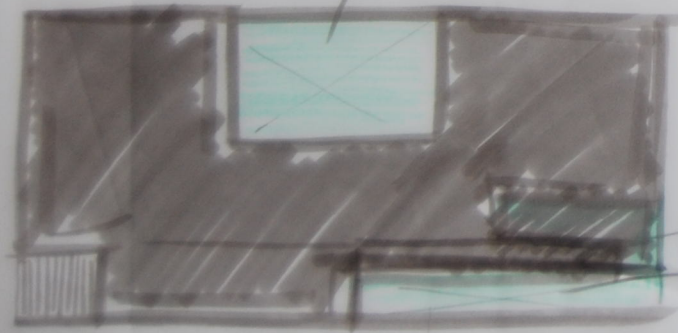


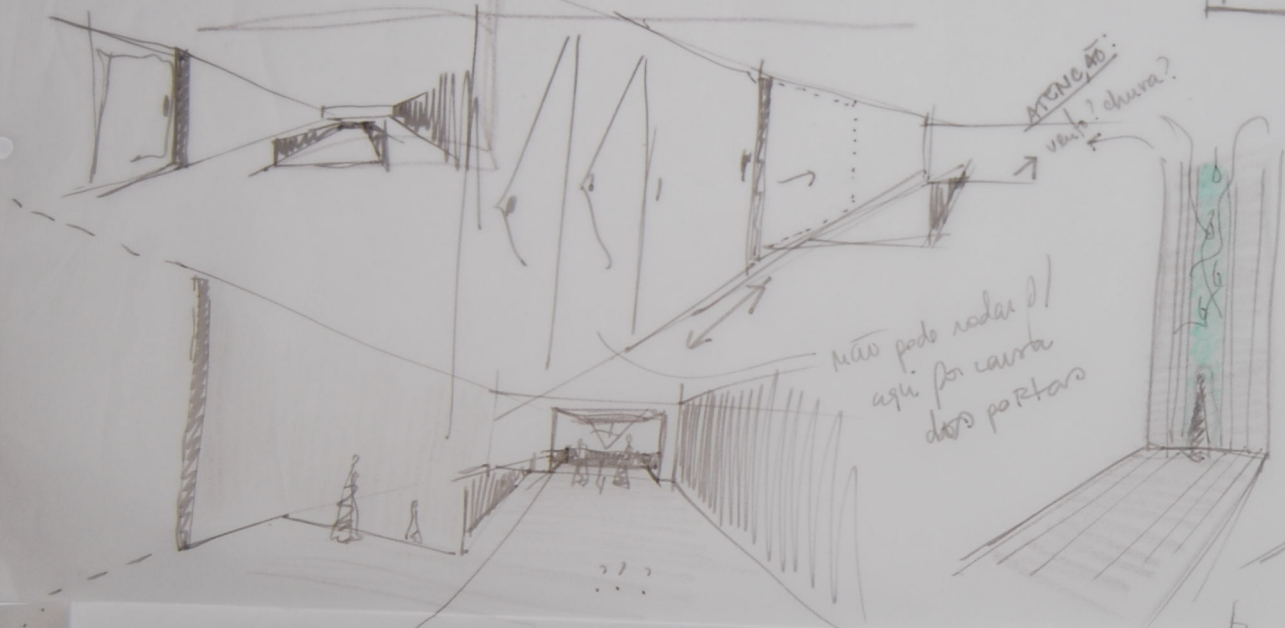
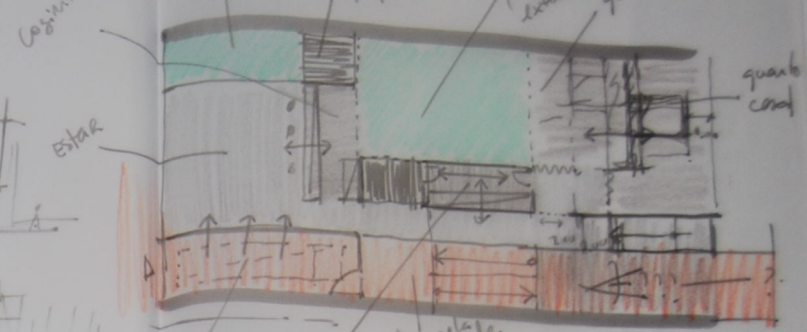
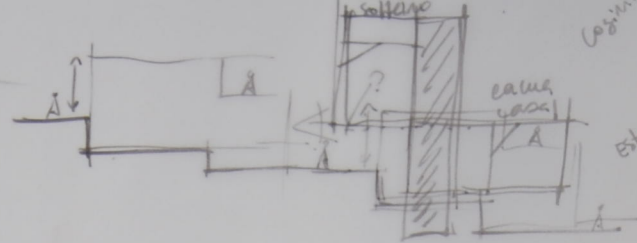




proteger esta discorde (acima do canal)

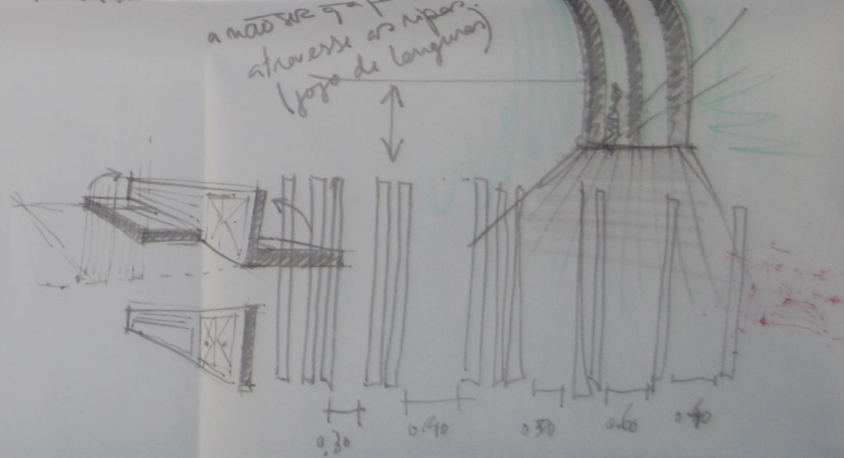
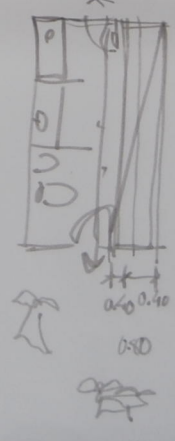
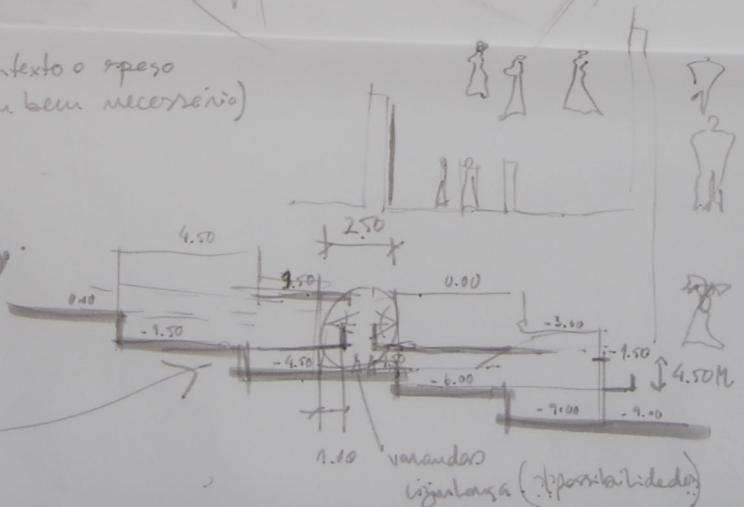
cob. translúcida; deve passar luz; não deixa passar chuva.

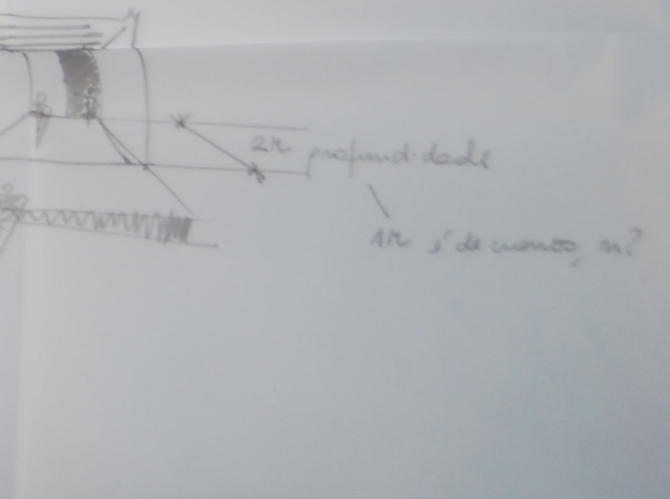
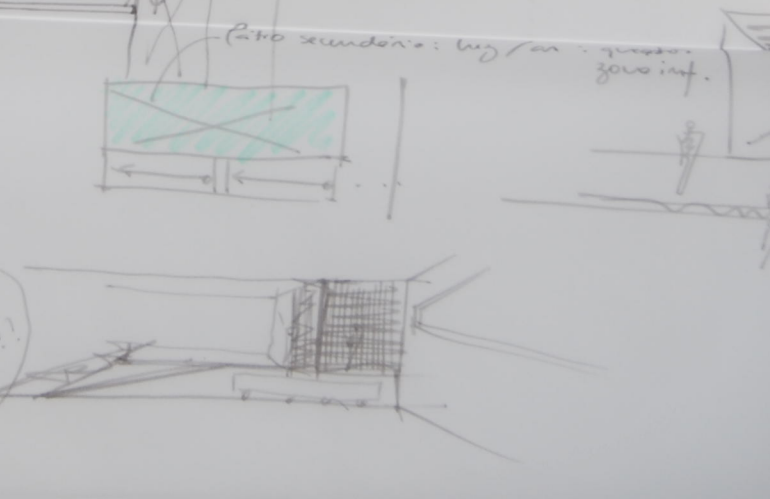
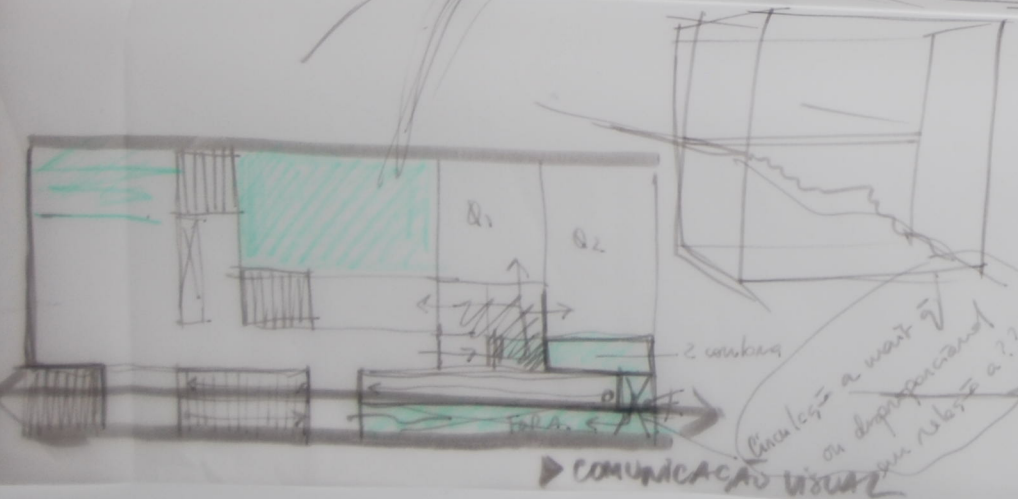
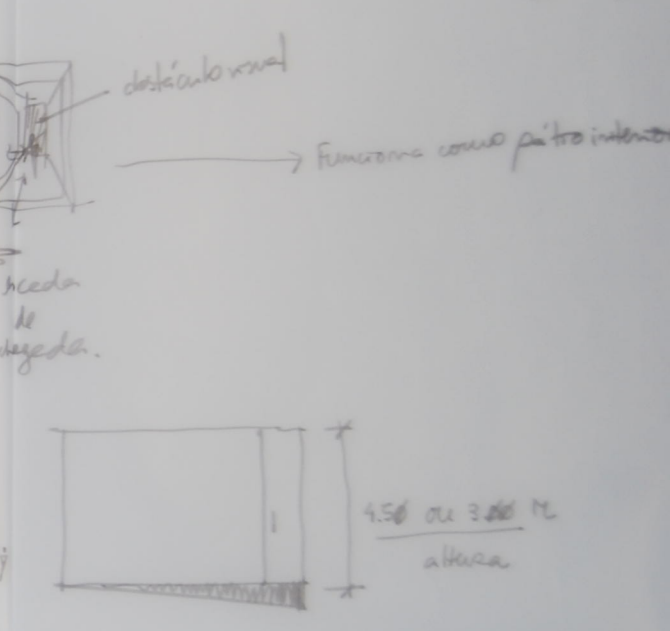
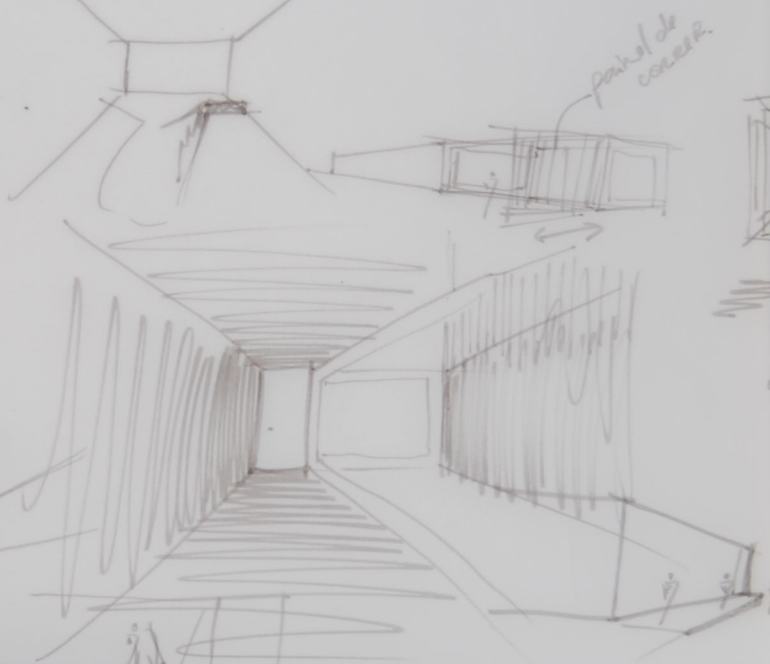
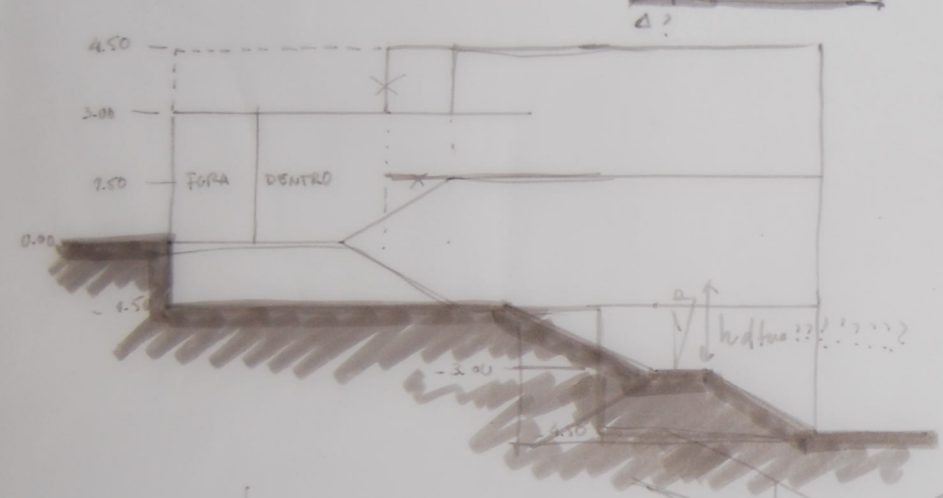
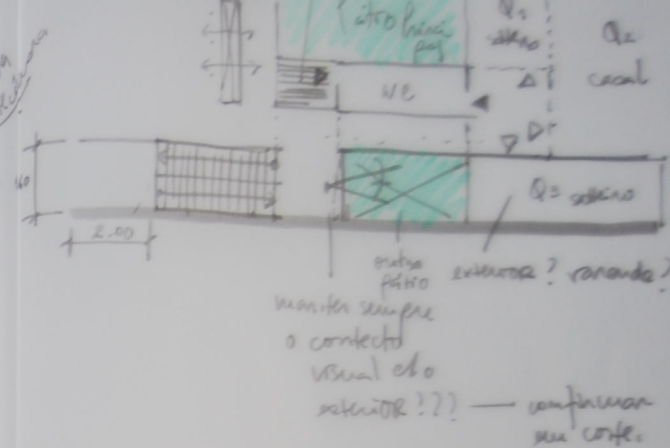




efeito ponto
mas se forma
uma necessidade
(um apêndice) para
p/ a realidade
mas se vê nob.

(neste contexto o espaço
é um bem necessário)





Problema da ponte baixa.
CAVE e não é o prefabricado.

c/ Armazenagem.

tubo exaustor

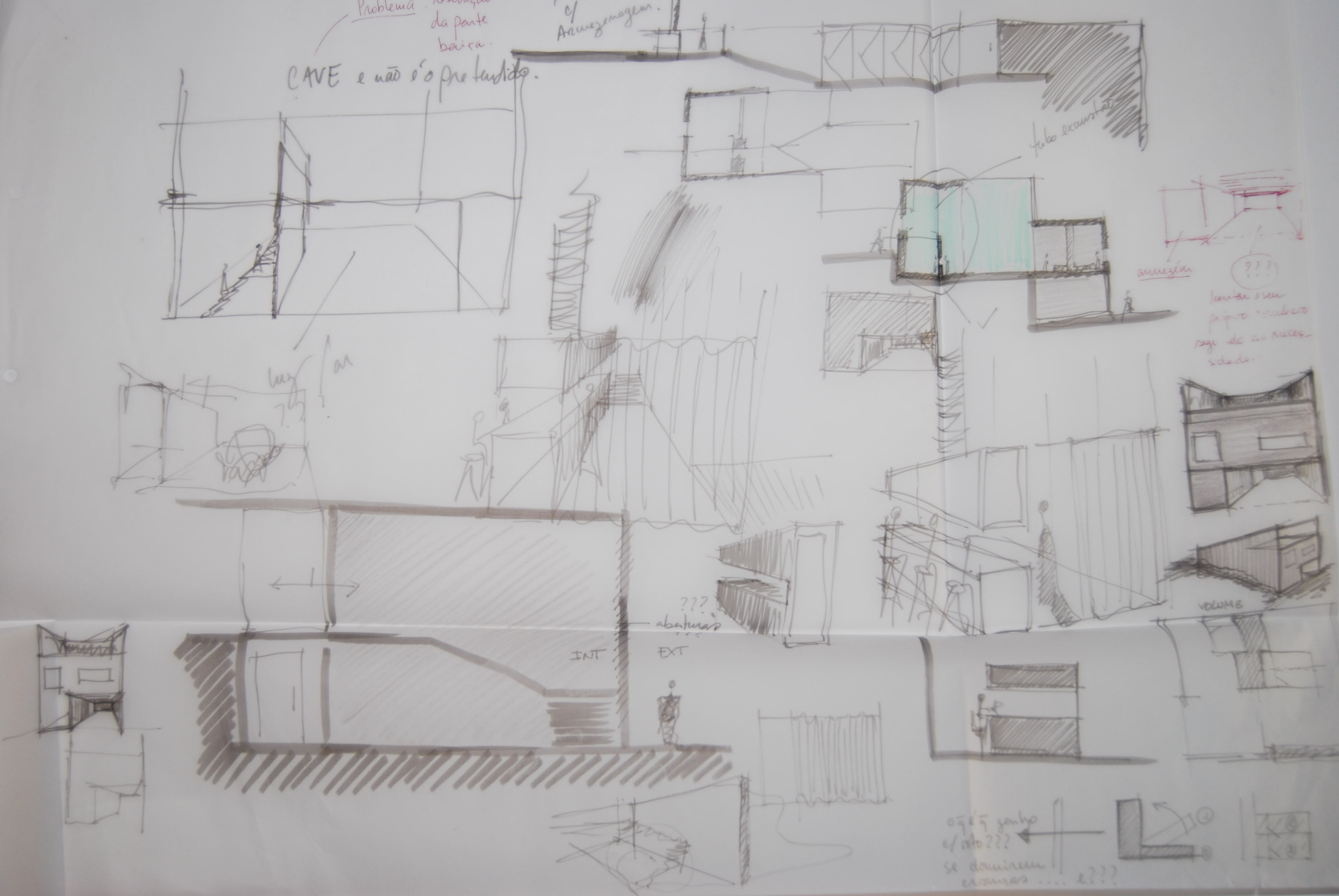
anexão

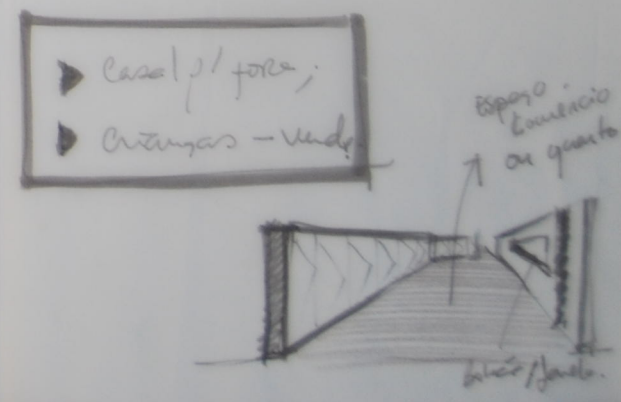
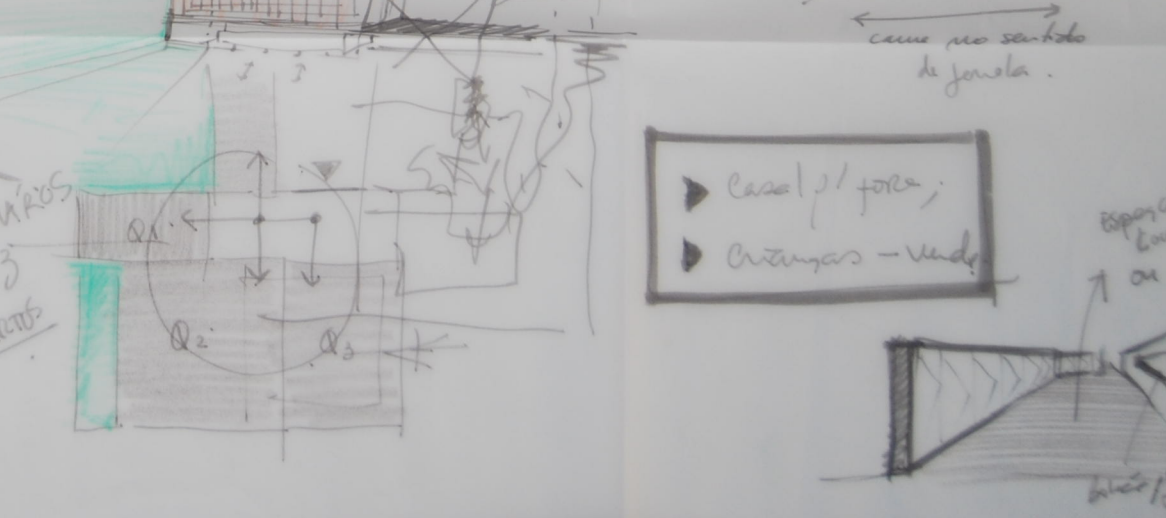
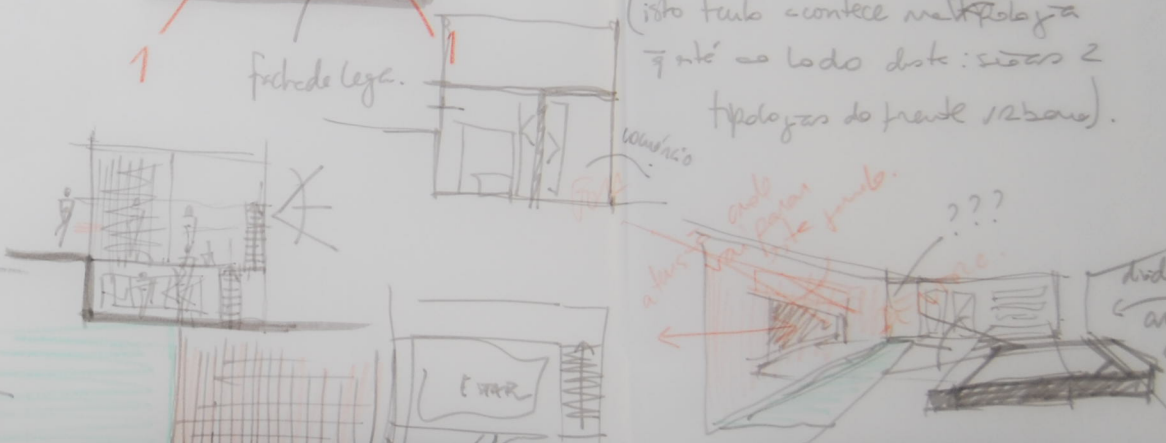
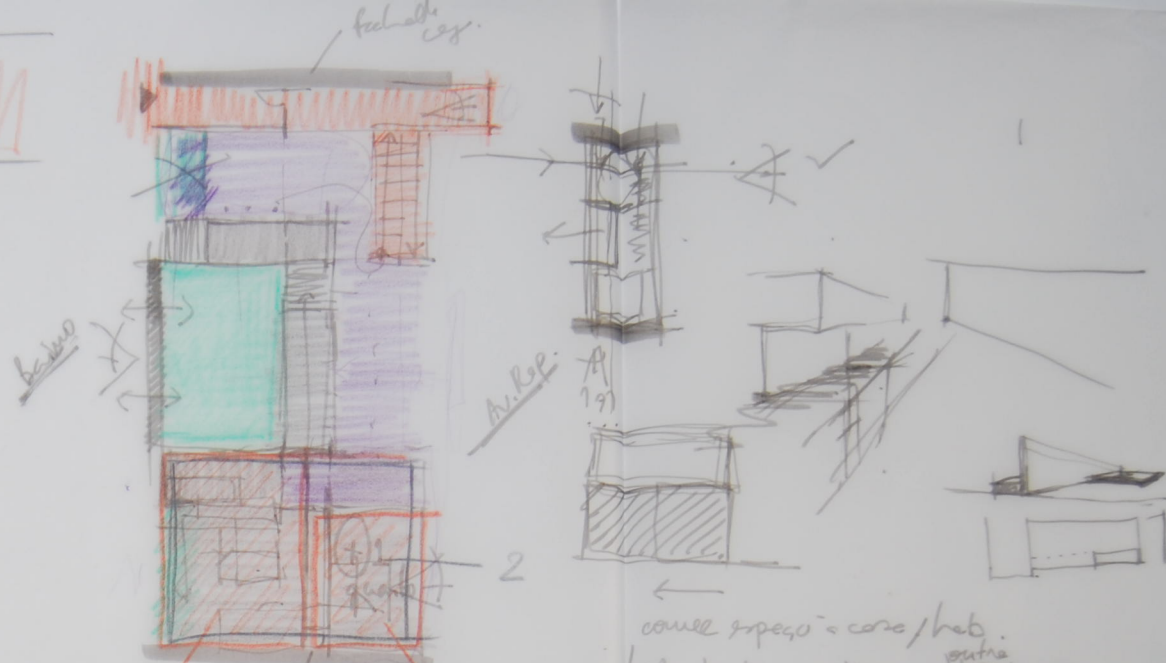
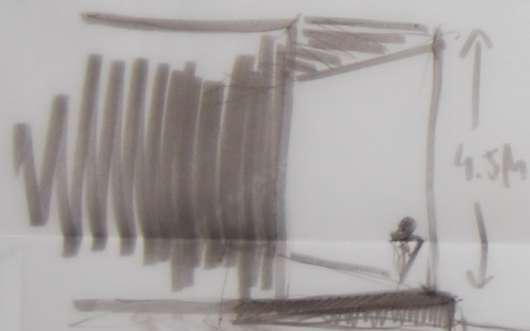
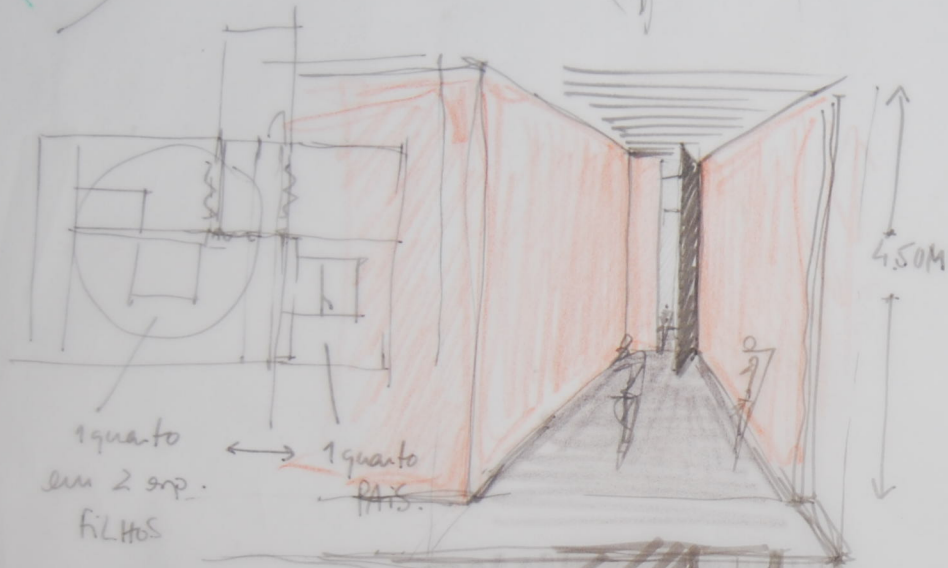
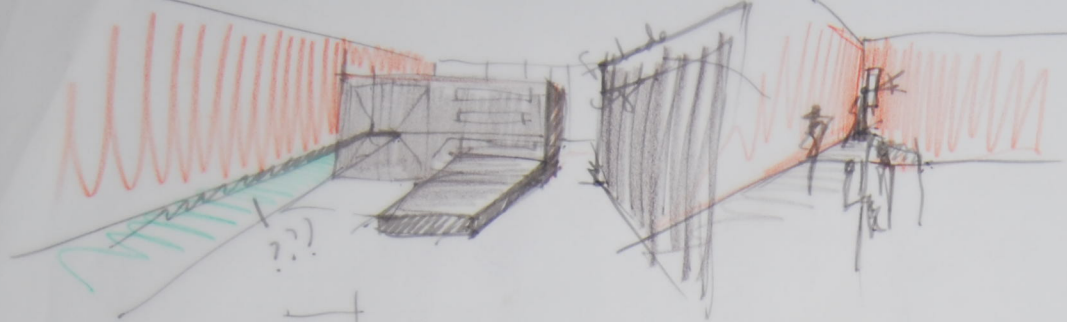
haveria um
pequeno cubo
sobre as nuvens
sólidas.

???
abertura
INT EXT

VOLUME

o q é o ganho
c/ isto ???
se dominarem
as coisas e ???

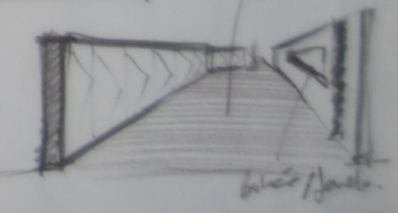




JOGO ARMÁRIOS
DOS 3
QUARTOS

► Casal p/ fora;
► Crianças - verde

espaco
comunicacão
ou quarto

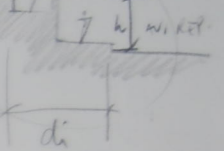


ProB. } • não tenho comprimento
• não tenho altura



Escala do Sano

Escala vertical



não deveria preencher a face!!

Av. República

Dar outra
escala.
Escala
vertical

h1p:

atrasamentos
transversais e
longitudinais.

analisar a topologia
layout diferente das
outras.
ESCALA

RAMPA

foto uniaxial na topologia.

como vou
subir?
tendência

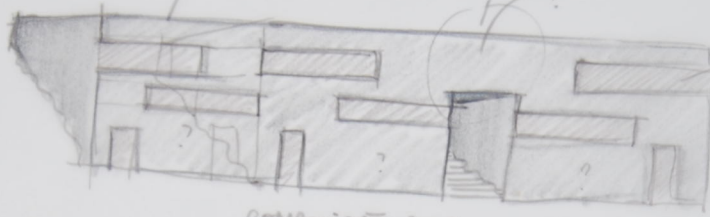
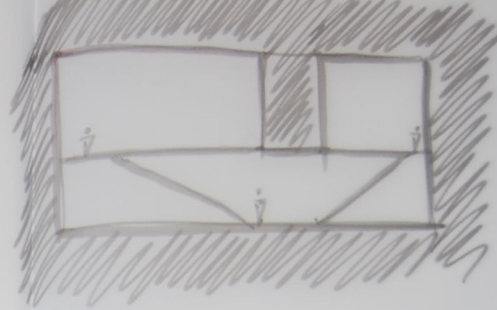
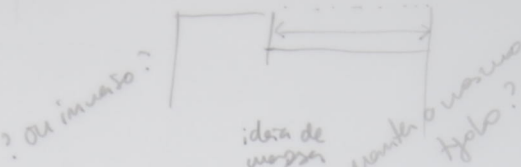
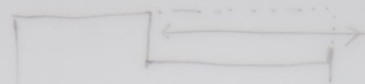
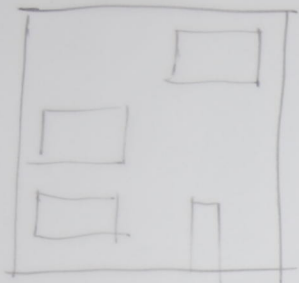
integrar o curso
na construção
de habitação.

deslocamento:
construção p.
chada +
da época às
passagens
transversais

como não
as aberturas?

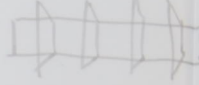
como vou
desce?
inter-santos
judas

posição
incerta...



janelas protuberantes

COMPOSIÇÃO DE FACHADA.



é possível fazer um pequeno tecto grande ???



23/07
MAQUETE:
→ topor
→ tipologia
→ exteriores



janelas protuberantes



? diferença de tijolo?



COMPOSIÇÃO DE FACHADA.

do lado do pátio

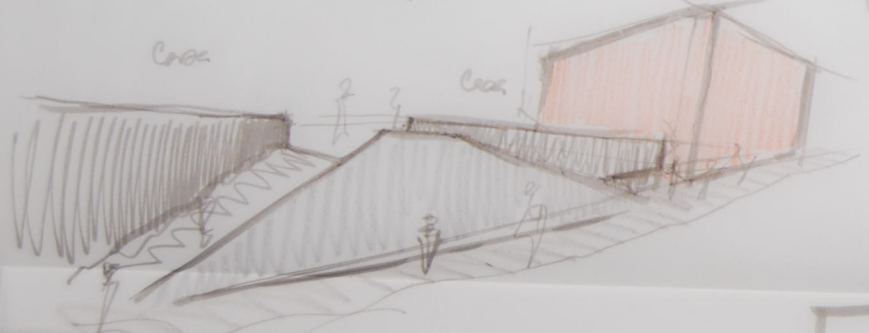
balcão
bloco
monolítico.
(capa)

2,00

3,00

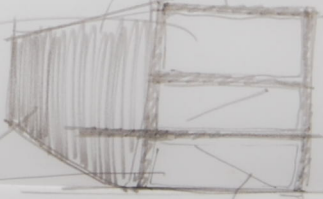
4,50

✓ topor
V200
exterior
comp. fechada
Tipologia.

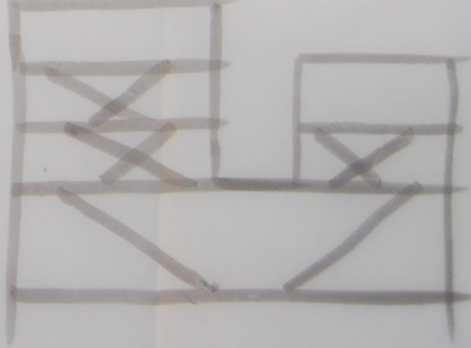
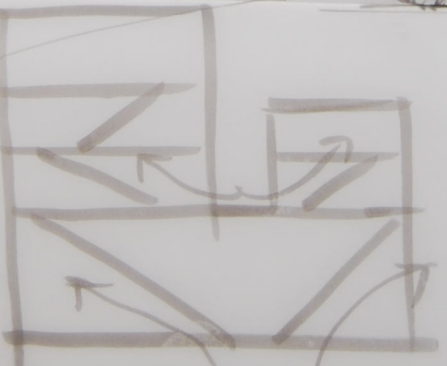


Pública:
aberto à vista
(vidros).

capa



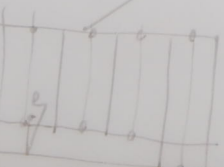
escadas
de
betão.



► TIJOLO
► BETAO
► CORTICA

uso de cortica nos
exterior

banco de
cortica.



janelas + porta (rotunda)

? cores?

